



Vilma Bonfortin Scherer



baú de emoções



2018



Vilma Confortin Scherer, 70, nasceu em Veado Pardo, interior do Município de Marau/RS, no ano de 1939. Filha de agricultores descendentes de italianos, viveu até por volta de seus 12 anos na casa dos pais, onde passou a infância com uma numerosa família de mais 9 irmãos; de onde partiu para estudar em um colégio interno. Pela base religiosa, ali não só estudou, mas tornou-se noviça e mais tarde Irmã da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora, dedicando-se à vida religiosa por cerca de 18 anos.

Muito afeita aos estudos, logo se destacou no gosto pelo ensino - *verdadeira vocação* – momento em que deixou a Congregação e passou a dedicar-se inteiramente à carreira

Vilma Confortin Scherer

baú de emoções

*Passo Fundo - RS
Projeto Passo Fundo
2018*

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 29/08/2018

Capa: Fotos da Autora.

S326b Scherer, Vilma Confortin

Baú de emoções [recurso eletrônico] / Vilma Confortin
Scherer – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

7,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-354-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
1. Título.

CDU: 869.0(81)-94

“O que um homem sabe aos cinqüenta anos e não sabia aos vinte é, na sua quase totalidade, incomunicável. Todas as observações sobre a vida que podem ser facilmente transmitidas são tão bem conhecidas por um homem atento aos vinte anos, quanto por um homem chegado aos cinqüenta. Aos vinte, ele as recebeu todas, ele as leu, mas não as viveu.

O que temos aos cinqüenta, e não tínhamos aos vinte, não é o conhecimento de fórmulas ou de palavras, e sim o de gente, lugares, ações, um conhecimento que não se adquire por palavras, mas pelo tato, pela vista, pelos sons, com vitórias, fracassos, insônia, devoção e amor – as experiências e emoções humanas desta vida, de si próprio e dos outros; e, talvez também, um pouco de fé e de reverência pelas coisas que não podemos ver”.

Adlai Stevenson

Sumário

O PERTURBADOR SILÊNCIO QUE HÁ (<i>havia...</i>) EM MIM	13
O CREATI EM MINHA VIDA.....	15
O CULTIVO DO CORAÇÃO	17
UMA MULHER TÃO IGUAL E TÃO DIFERENTE.....	18
MAIS FLORES, MENOS FISSURAS	20
ESTES FILHOS DA RUAS.....	23
TRISTE ENGANO	24
A CARA QUE OS OUTROS VEEM	26
LEMBRO.....	28
VIDA - DOM E MISTÉRIO.....	30
CURVE-SE À NATUREZA.....	32
VIDA.....	34
A FELICIDADE	36
SÓ PARA OS FORTES.....	37
SOLITÁRIOS, O PESCADOR E EU.....	39
NÃO CABE PAPAI!	40
E SERÁS FELIZ.....	42
EXEMPLO DE RENOVAÇÃO.....	44
RECORDAR É VIVER – EPISÓDIO I: A MALA	46
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO II: VAIDADE DAS VAIDADES.....	48
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO III: AMOR REPRIMIDO	51
RECORDAR É VIVER – EPISÓDIO IV: CÔMICO, SE NÃO FOSSE TRISTE.....	53
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO V: A LOUSA.....	56
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO VI : DOCES BRINCADEIRAS	60

RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO VII: O DOS OUTROS É SEMPRE MELHOR	63
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO VIII: AI, AI, QUE DOR NOS CABELOS!.....	67
RECORDAR É VIVER - EPISÓDIO IX: VOLTA ÀS ORIGENS.....	69
ERA O MEU REINO.....	73
A VIDA E O RIO.....	75
A MARAVILHOSA MÁQUINA HUMANA.....	77
SE POETA EU FOSSE.....	79
COLABORA AMIGA!.....	81
RAÍZES.....	83
RINCAR DE INFÂNCIA.....	85
NOVOS TEMPOS.....	87
DIA DE FAXINA.....	89
DIA DE FAXINA II.....	91
LAÇOS E PEALOS.....	93
OLHOS PARA VER.....	94
NÓS.....	95
SÃO CINCO HORAS.....	97
MEDO.....	98
SUS, A VIDA É BELA!.....	100
COMO VI E SENTI O SARAU.....	101
UM POUCO DESTE PAÍS.....	103
GUARDEM NA MENTE E NO CORAÇÃO.....	105
LEMBREI-ME DE TI, MEU PAI.....	107
RETALHOS DO PASSADO.....	109
VIVER PARA SEMPRE.....	110
PEDRAS NO CAMINHO.....	113
SE.....	115
PÁRA DE RECLAMAR.....	117
EMBALAGENS.....	119
DECEPCIONANTE IMPRESSÃO.....	121

QUANTOS PASSOS POSSO DAR?.....	124
JUNTOS, EU COMIGO	125
SEMPRE JOVEM.....	127
ESPERANÇA	129
AQUELA NASCENTE	130
ENVELHECER	132
CASINHA BRANCA SEM PORTA E SEM JANELA	133
VOLTAR DISTÂNCIA.....	134
ACORDAR.....	136
FELICIDADE.....	138
BOLO DA AMIZADE.....	139
NOS LIXÕES TAMBÉM NASCEM FLORES.....	141
SONHOS.....	142
ABRA A PORTA.....	144
MEU NOME É... ..	145
CAMINHO	148
NOSSAS AVÓS FAZIAM.....	149
AVÓS	151
SOMBRA.....	153
VENTO	154
PRIMAVERA- ESTAÇÃO DA VIDA.....	155
OS TONS DA VIDA.....	157
QUE LEMBRANÇA LEVARIA PARA UM LUGAR DESERTO.....	159
IMPORTA VIVER	161
MINHA FOTO PREFERIDA	163
QUEM É VOCÊ PARA VOCÊ MESMO?	165

Apresentação

Dentre as condições de valorização da vida, aponta-se a sua qualidade. Viver com qualidade, para o homem contemporâneo, é sagrado. E o fortalecimento dessa vida não se encontra apenas na prorrogação dos anos. É preciso muito mais que isso... É preciso a dignidade de uma vida saudável e feliz.

Esta dignidade é visível na obra de Vilma Confortin Scherer. Baú de Emoções é o mais vivo exemplo da busca efetiva de autonomia e completude, na qual a autora permite mostrar-se a si e aos outros. Em pequenos “trechos” de sua vida, Vilma faz um resgate de si, desloca-os, dando um novo sentido à “trilha” percorrida nos 70 anos de sua existência. Mostra que passou por um caminho, onde nem as experiências sofridas, nem as frustrações conseguiram apagar a pureza de suas lembranças e de seus sentimentos.

Apesar de sua atitude de seriedade frente aos acontecimentos da vida, mostrada na sua escrita, a autora dá ao leitor a possibilidade de vislumbrar uma menina travessa, pura, feliz! Esse é um movimento da alteridade que vem revelar a outra “cara” da moeda e comprovar que a produção intelectual, na terceira idade, não é mais, de modo algum, lugar específico de acomodação, nem de submissão. O testemunho de Vilma, presente nesta obra, se projeta sob vários aspectos da experiência e consagra engajamentos a outras gerações e à memória social, retratando o modo como tem conduzido sua vida diante das tristezas e alegrias.

A escrita despojada de Vilma produz efeitos de sentido de cumplicidade entre narrador e leitor; permite a (re)construção de uma

fisionomia querida, de gestos de pessoas e de lembranças... Tece, no fio do discurso, os entrelaçamentos de vidas que deixam seu perfume no ar que respiramos, como se pudéssemos do texto exalar essência de sua vida. Na tessitura de suas palavras, Vilma mostra que o silêncio perturba e que os enganos da vida, às vezes são ilusões do próprio coração. Como explicar e entender essas ilusões? Esta obra, enquanto lugar privilegiado para a elaboração pessoal, constrói um lugar em que o sujeito do discurso pode ocupar para falar de si próprio; mostra também que o silêncio perturba e que vem carregado de som e de significados. E os sentimentos, entendidos como a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização, não passam imunes às transformações do tempo, nem às singularidades de cada época.

Aprendemos com sua escrita que as flores enfeitam, perfumam e nos tornam menos intransigentes, graças à sua essência, à sua simplicidade. A essência da autora está presente em seu olhar curioso, em sua postura de não ficar restrita à vida pessoal. Vilma lança um olhar especial e reflexivo para os detalhes da vida; é generosa para com os que sofrem, para com os filhos da rua, por exemplo, chamando o leitor a prestar atenção para o que há, na sociedade, de preocupante, de triste e a inquietam. Com ela que podemos aprender que nem tudo na aparência é perceptível, visível ao olhar do outro. Enfim, encontramos em Baú de Emoções, fotografias retratadas na escrita e que registram as marcas do nosso tempo, que pode ser qualquer época.

Os fios que se entrelaçam na complexidade textual vêm carregados de testemunho de vida feliz. E os efeitos de sentido no leitor são constitutivos de memória de fatos históricos, literários e lingüísticos; trazem também laços de memória, posições-subjetivas e singularidade da autora.

Ainda, há muito que aprender com a escrita de Vilma. Dentre as pequenas marcas em que encontramos a grandeza, a sensibilidade e as revelações surpreendentes frente ao sentir, ao ver e ao pensar da autora, destaque-se “Solitários, Pescador e Eu”.

Antes, porém, de encerrar, gostaria de fixar-me em um texto em especial: “Os tons da vida”. E desejar que esta obra derrame sobre os leitores a sua graça, perfume e cor. Usar os infinitos tons de verde, como afirma a autora no texto “Os Tons da Vida”, é acordar para a vida, é crescer e é brilhar feito pérola sobre a folha molhada pela água do orvalho; é explodir vida!

Desejo que o brilho, o perfume e os “tons” da vida de Vilma também se façam presentes em você, caro leitor!

Carme Regina Schons

Professora e pesquisadora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo. Mestre e Doutora em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS.

Abril de 2009.

O Perturbador Silêncio que Há (*havia...*) em Mim

Impuseram-no a mim.

Logo eu, que adorava falar muito, que vivia em contato com a natureza, que subia em árvores para ver quantos ovinhos havia nos ninhos, que brincava nas águas límpidas daquele córrego que era o maior e melhor prêmio....

Impuseram-me as regras do silêncio naquele educandário. Levantar muito cedo, rotinas diárias, estudo, almoço..., tudo em silêncio.

Só se falava no recreio ao final da tarde. Como era bom, como fazia bem. Aos domingos e festas religiosas, falava-se à mesa.

Não esquecerei jamais daquele dia em que fui buscar água no filtro comum. Sentindo-me só, larguei a alça do balde com algum descuido e comecei a cantarolar. Alguém ouviu, chegou-se a mim e repreendeu-me.

Eu só estava feliz e não podia demonstrar.

O Silêncio mudou meu comportamento, minhas atitudes, meu caráter.

Passei a gostar dele e incorporá-lo à minha vida.

Pouco falo.

Não gosto muito do ruído, nem de qualquer tipo de som muito alto.

Faz bem o silêncio?

Faz, em partes. Quando muito intenso ou prolongado, mata... Mata aos poucos...

Hoje, curto o maior deles. Passo o dia só. Há dias que esqueço de ouvir música ou um programa de TV.

Em geral, evito grupos de pessoas ou locais de muito barulho, pois não me sinto à vontade.

Tentando dar a volta por cima, sair de dentro de mim, busquei ajuda, procurei gente.
E estou aqui.

Vilma Confortin Scherer – ano de 2000...

É o silêncio..., para quem a conhece (...), este já não ecoa tão alto... Está guardado lá no fundo do baú, como uma emoção presente, mas discreta... Muito mais fraco do que seus gritos de vida, pela vida que lembrou ainda pulsar forte nela!

Por *Katianne* e *Kelly Regina*, filhas, testemunhas e frutos da garra, força e fibra desta guerreira, mulher-mãe-amiga, que venceu e continua desafiando a vida para vencer dia-a-dia; que saiu de dentro do seu *baú de emoções* e as trouxe para fora, para agora, compartilhá-las em palavras, todas, tão simples como ela... – ano de 2009...

O CREATI em Minha Vida

Esta sala impregnada de alma, sentimentos, emoções... Quantos segredos desabafados, descobertas, confidências, lágrimas, alegrias e risos já acolheu?

Sou testemunha disto. Cheguei, na pior, em fins de 2000. Era a imagem do desânimo e depressão. No ano seguinte sequer cheguei... Em setembro de 2002, retornei, após duas cirurgias e com muita vontade de fazer diferente, viver diferente.

Já em 2003, algo estranho passou a ocorrer comigo. Propus-me a deixar de lado o que é negativo, esquecer o passado e viver o presente, o agora. Não quero falar nem escrever coisas negativas. Lembranças, só se foram boas! Acho que deu certo...

Aqui (CREATI), para mim, é como estar em uma sessão de terapia. Todos, por sua vivência, maturidade e paz interior, transmitem calma, tranquilidade, muita, muita sabedoria. Até eu!

Amo ouvir as leituras dos textos ou poesias de todos os colegas. Uns o fazem com a maior facilidade, outros sentem um pouco de dificuldade, mas todos agregam com suas lindas e singelas participações.

Admiro o lado humorístico e a criatividade de alguns colegas. Aqueles versos que descem em cascata como a água das cachoeiras.

Encanto-me com as poesias inspiradas de outros textos e vai mais uma idéia aqui, outra ali, um incentivo, um empurrãozinho e logo surgem de seus cantinhos, envergonhados e enferrujados escritores, como eu, a dar seus primeiros passos.

Gosto de ler e entendo o que leio, mas minha memória me trai. Esqueço facilmente. Então, enquanto tenho a oportunidade de conviver com pessoas familiarizadas com o saber, vou me achegando e fazendo da escrita um hábito e um exercício diários.

Contudo, um ponto extremamente alto da Oficina Literária é a valorização da pessoa, o que faz você reconhecer seus próprios dotes, aqueles que você nem sabia existirem.

Outra coisa que encontra abrigo dentro destas quatro paredes, é o calor humano, que faz esquecer qualquer problema, mágoas passadas, sonhos frustrados.

Aqui me sinto rejuvenescer dia-a-dia, no sentido inverso da jornada, e vou tentar (conseguir) viver o que por décadas ficou à deriva no caminho...

O Cultivo do Coração

Ouve-se por vezes, pessoas não tão idosas, dizerem que se sentem velhas, incapazes, inúteis.

Escondem suas capacidades e seus dotes atrás de umas dezenas de anos e não fazem outra coisa que esperar os dias passarem.

São pessoas que, ao se conversar com elas, o assunto em questão é o clamor da vida, do sofrimento, da falta de atenção dos mais jovens e, a cada dia que passa são acometidas por uma nova doença.

Talvez tenham realmente tido uma vida atribulada, para a qual não tiveram ajuda ou capacidade de superar. São pessoas um tanto infelizes, que se sentem marginalizadas. Não conseguiram embarcar no trem da amizade, da alegria, da solidariedade, da ajuda mútua.

Rastejaram pela vida e tudo viram com olhos muito terrenos. Não observaram o vôo elegante e altivo das águias que fazem seus ninhos no cume das montanhas, onde o ar é puro e não há a podridão tão cobiçada pelas aves de rapina.

Nós fomos criados para o infinito, para a luz, para a vida e é por isto que a cada amanhecer temos a oportunidade de agradecer ao criador o dom da vida, da inteligência, da capacidade de doação tão própria dos corações generosos.

A pessoa que assim procede é feliz, supera as dificuldades, esquece seus males e, acima de tudo, é sempre jovem, ao contrário de muitos jovens, que, ao invés de alçar vôo, rastejam acorrentados às dependências químicas e vícios. Ao se darem conta do tempo perdido poderá ser tarde demais. O coração, como uma sementeira, precisa ser cultivado, ser arrancado dele toda erva daninha, ser purificado através da tribulação, a fim de que voe livre e feliz além de aniversários e através do sempre.

Uma Mulher tão Igual e Tão Diferente

Tão igual a milhares de outras mulheres que têm uma alma grande e um coração generoso, que é sensível e tem sentimentos nobres, que se alegra ao ver os outros felizes e sofre com as tristezas e os infortúnios alheios.

Inteligente, prendada, amante do trabalho e que a vida tornou bem responsável.

Uma mulher que ama as filhas e só lhes quer o bem, seja na doçura ou aspereza de palavras; que as abençoa sempre que saem e as acompanha com o pensamento. Sempre que uma delas está em necessidade acende uma vela ao anjo da guarda ou às almas para que a ilumine.

Uma mãe como tantas que não dormem enquanto as filhas não retornam à noite, que se preocupa com a saúde, o bem estar, o trabalho, o estudo e as notas das filhas.

Uma mulher que como qualquer outra realizou muitos de seus sonhos, mas que teve muitas ilusões e decepções na vida.

Uma mulher carente, muito carente, que sonhava encontrar um príncipe encantado que a cobrisse não de jóias, mas de muita compreensão, afeto e amor.

Doce ilusão. Em poucos dias veio a realidade. O príncipe era um sapo; não aprendera dar, só receber; a vida já lhe tinha sido severa madrasta. Fez dele um homem sofrido, desconfiado, calado, pessimista, dono da verdade, isolado de tudo e de todos. As próprias filhas, às quais dizia serem suas ‘reliquias’, lhe eram na verdade, estranhas... Como as fez sofrer, provavelmente de forma involuntária. Nelas também foram cultivadas muitas mágoas e traumas...

Não fora feita para ele e tão menos ele para mim. Ele fizera da cabine de um caminhão sua morada; era livre, independente desde menino de treze anos.

Eu, com doze anos, também deixei a casa paterna. Fui educada com muita rigidez. Aprendi a ser dócil, submissa, exata, cumpridora do dever, que calava, calava sempre...

Enveredara por bom, excelente caminho, mas que não fora feito para mim. E lá se foram não um ou dois anos, mas dezesseis longos anos de muito proveito que não deixaram saudades ou mágoas, apenas marcas fortes.

Para um homem vivido, experiente, conhecedor dos perigos da estrada e do mundo, eu era muito certinha, inexperiente, ingênua. Foram tempos muito difíceis, sofridos em todos os sentidos. Decorridos dez anos, ele adoeceu. A doença que o acompanhou por mais vinte anos, acentuou-lhe o lado intempestivo e atravessamos períodos negros, minhas filhas e eu. Não poucas vezes o desânimo se apoderava de mim e chorei muito.

Passados, hoje, dois anos e cinco meses de sua partida, aqui estou, sem remorsos, sabedora do dever cumprido e de tê-lo cuidado com desvelo. A vida a dois fez-me sofrer e crescer muito.

Refeita do abalo físico e emocional, hoje estou razoavelmente bem. Ainda sonhos a realizar, sendo que o maior é o de ver as filhas encaminhadas na vida e eu curtindo netos!

Tenho saudades dele; sua presença no lar faz falta. Hoje, mais do que nunca entendo seu comportamento: a doença o foi degenerando, levando-o nos últimos meses à loucura. Fique bem agora: tenha eterna saúde, paz e alegria, e olhe por nós.

Eu voltei à escola que tanto amava. Não aos alunos queridos que abraçava e era por isso repreendida, mas a turma de colegas vividos, experientes, amigos de verdade e que me fazem muito bem. Já fiz algum progresso e estou me realizando.

O que ficou para traz não me perturba. Nunca é tarde para ser feliz, porque a felicidade é feita de pequenas coisas e de curtos momentos.

Mais Flores, Menos Fissuras

Seguia eu, por uma rua, num domingo cedo. Na minha frente iam dois senhores que, por suas vestes simples, mostravam ser do interior. Conversavam entre si e um deles, a cada pouco, apontava para alguma coisa ao lado.

Como eu estivesse a pouca distância deles, observei que primeiro apontou para as fissuras da parede de uma casa; logo adiante para as rachaduras de um muro de pedra; em seguida, tropeçou com seu chinelo *havaianas* no calçamento irregular e, mais em frente, lhe chamou a atenção um muro todo rabiscado. Gente simples, gente boa, essa do interior, onde a poluição da cidade ainda não lhes conspurcou a mente.

Como eles, costumávamos ver o lado menos bom das coisas.

Ao invés de só verem falhas, tivessem os dois olhado também para os canteiros floridos, para as construções que apontam para o infinito ou até mesmo para o negro asfalto, caminho para o progresso.

É que a gente se acostuma com a evolução e tudo se torna tão natural. Somos peritos em apontar defeitos e muito pouco criativos em solucioná-los. Erros existem, mas coisas boas e certas existem em número muito maior. Basta olharmos para os lados e para o alto.

Nos nossos dias, a educação, a saúde e a família são os pontos mais fragilizados da sociedade. Eles são a base do tripé sobre o qual descansa o mundo. Os três pés devem se manter firmes, para que haja equilíbrio.

Mas, como está a educação nos dias atuais? Como estão nossas escolas? Seus equipamentos? Não estarão nossos mal remunerados e pouco incentivados professores ainda usando aquele velho e amarelado caderninho de anotações feito naquela vez que preparou a aula para o estágio? Estará ele detido apenas ao quadro de giz e a ditar textos?

Poderá a direção de uma escola ao entregar um diploma a um jovem que ali conclui um curso, dizer-lhe “vai, você está apto para enfrentar o mercado de trabalho”? Estará capacitado para enfrentar a luta no seu dia-a-dia, em todos os setores, com avanço desenfreado das máquinas, dos simples botões que ao serem tocados tudo acionam? Não estará este pé de sustentação do tripé um tanto capenga?

E a saúde, como vai? Os governantes tecem muitos elogios. As casas de saúde primam por um atendimento cada dia mais aprimorado. Os funcionários, abnegados, generosos, magnânimos funcionários; como os admiro!

Em sua atitude de doação quanto bem praticam.

Algum deslize por eles cometido é encoberto por sua grande generosidade. São quase perfeitos em seus uniformes de um branco impecável.

Os médicos? Há bons e dedicados médicos, que vivem intensamente sua missão no cotidiano, que incorporaram o juramento prestado e fazem justiça ao diploma recebido.

Ocorre que a medicina provoca status e, às vezes, o sentimento de grandeza apodera-se daquele jovem médico, especializado em determinada área da medicina, famoso até, mas a sede do enriquecimento lhe corrói seus mais belos sentimentos.

A saúde em si ou para quem possua um bom convênio, está bem, mas a saúde pública, como vai mal!

Basta observar as intermináveis filas do SUS, INSS ou dos postos de atendimento junto aos bairros. Como está deficiente nosso atendimento, como aquele médico, mal remunerado é claro, atende as pressas, com frieza aquele carente de tudo e ao qual uma palavra ou um gesto lhe faria tanto bem. Aqui também há as exceções em se tratando dos médicos. Existem os que exercem verdadeiros sacerdócios junto aos pobres.

E o nosso segundo pé da banquetta está bem em falso.

O terceiro pezinho deve estar normal, pois é a família, o doce aconchego do lar, célula mãe da sociedade!

Como está desestruturada a família onde os meios de comunicação a invadiram, a autoridade dos pais está em jogo, as duvidosas companhias dos filhos, e o uso de drogas um convite ao descaminho.

Do outro lado está o desemprego ou a renda insuficiente a desmontar as famílias, roendo-lhes a base e fazendo-as desmoronar. Acho tremendamente injusto, pais de família remexendo lixeiras para catar algo para levar para casa. Comem restos dos restos que sobraram nas mesas dos mais abastados.

A família não está tão bem, não. E há muito que se melhorar. Cada um fazendo sua parte, dando sua parcela de colaboração, colocando um tijolinho só na construção de uma sociedade melhor, as pessoas sendo mais generosas, menos egoístas, e os governantes, mais realistas e justos; veriam-se mais flores nos canteiros e menos fissuras nos caminhos da vida.

Estes Filhos da Ruas

A gente se acomoda no dia-a-dia e leva uma vida sem grandes dificuldades, sem muitas alterações de acordo com as condições financeiras. Quando possível adquire-se algum bem, faz-se alguma melhoria e a vida segue seu ritmo.

Recordo que quando criança, junto aos pais e a uma grande família de dez filhos acrescida de alguns tios que ali estavam sob a responsabilidade de meu pai, havia abundância de alimento. A despensa abrigava latas de mel, melado, açúcar de cana, muito queijo, salame, banha, pão caseiro assado em forno de barro, leite e ovos. Não existiam enlatados ou produtos industrializados. Tudo era natural e não existiam os infundáveis agrotóxicos tão disseminados em nossos dias.

Hoje, as coisas mudaram muito. Já não há abundância em nossas casas; só o necessário.

Se para nós que conseguimos superar dificuldades as coisas não são as mesmas, o que se dizer dos mais pobres, dos desempregados? Vejo na pobreza a causa principal do desmoronamento e da desestruturação da família, onde os pais perderam sua autoridade, não tem mais vez e voz sobre os filhos, que não respeitam mais ninguém, que não encontrando em casa o que precisam, ou seja: amor, carinho, alimento, conforto..., jogam-se às ruas, às más companhias, ao roubo, assaltos, ao vício, a à degradação. São jovens vazios, sem princípios, sem instrução, sem bons costumes, como se a vida tudo lhes tivesse negado., reúnem-se em grupos onde planejam seus ataques e onde reforçam suas más intenções de roubo, assaltos, destruição e sentem prazer nisso. Parece que praticam o mal por vingança ao que lhes é negado.

Tornam-se um problema para a sociedade, que também não lhes oferece solução...

Triste Engano

Lei?

Sempre achei que esta devia ser justa, certa e correta;
Solução para o crime,
Remédio infalível para o transgressor.

Autoridade?

De um equilíbrio impecável.
Ao comunicar uma ocorrência, meia solução!
Antes de autoridade, humano, com muitas carências e limitações.

Cadeia?

Escola de correção, tratamento adequado ao infrator
Que sai com uma nova visão de mundo e sociedade.
Só se corrige o que e a quem se quer bem!

Castigo?

Não se corrige com ódio ou rancor.

Agentes Penitenciários?

Pessoas suficientemente formadas e educadas para tratar quem traz
A marca negra do destino.

Isto e muito mais eu achei,

Eu pensei...

Ao invés... A realidade...

Lei?

Distorcida, desfocada, distintamente aplicada, elitista.

Autoridade?

Endurecida e fria, habituada a lidar com o crime, a distorção, o erro.

Cadeia?

Corrupção, deslealdade, fome, revolta, ódio, rancor, crime, morte.
Escola de aperfeiçoamento do que existe à margem da vida.
Indigno para o ser humano.

Castigo?

Revolta, agrava, transforma, denigre, desumaniza.
Dó, corrói, corrompe, mata.

Agentes penitenciários?

Forjados no formão da dureza, do coração de pedra,
do você me paga, do eu me cobro em você.

Prisão, para quê?

Sessão de afogamento, chicote, estilete... Não é solução,
Não muda ninguém, a não ser para pior.
Marca o corpo e machuca o espírito, o ser em seu íntimo.

Prisão para que, se fomos criados para a liberdade?

A Cara que os Outros Veem

Alegre,
Sorridente
Expansiva
Dedicada,
Mão extremosa,
Esposa exemplar.

Traços nobres,
Meiga,
Amiga,
irmã,
companheira,
feita doação.

Palavra doce,
Olhar sereno
A refletir o azul do céu
E a imensidão do mar.

Invejo-lhe a sorte.
Dize-me qual teu segredo.
E o reverso da medalha?

Coração sangrando.
Aflito,
Ferido,

Traído,
Triste.

Desvelo não reconhecido,
Doença,
Pobreza,
A imagem do sofrimento.

Se o demonstrasse atrairia compaixão.
Seu equilíbrio,
A grandeza de sua alma,
Seu desprendimento,
Sua fé,
Confiança em Deus e em si a fez agir assim.

Seu lema: o coração é meu, pode sofrer; o semblante é dos
outros, deve sorrir...

Lembro

Quando criança, meus irmãos e eu adorávamos a aproximação do Natal. Ingênuos que éramos, ainda acreditávamos no Papai Noel e em seus presentes, que recebíamos de acordo com nosso comportamento. E como ficávamos bonzinhos naqueles dias!

Muito antes, começavam os preparativos. Abríamos o caminho, enfeitando-o com galhos de árvores e flores, pois acreditávamos que por ali passaria o burrinho que o Papai Noel montava, com seu saco de poucos e simples presentes, que nós acreditávamos piamente que fossem dados pelo bom velhinho.

Um ponto alto em nossos natais era o presépio que fazíamos sob a escada que levava ao sobrado. Tinha que ser bem grande, com muitas rochas, paredões, cavernas, muito verde, caminhos... Muito tempo antes, já começávamos a recolher o material: barba-de-bode, musgo, cactos, folhagens do mato, pedras, serragem. Nas construções, pedíamos as embalagens do cimento que abríamos e coloríamos com barro, carvão e folhas verdes esfregadas sobre o papel. Tudo pronto; colocávamos as estatuetas, muitas delas feitas por nós com barro de olaria e tingidas na cal. Era muito lindo nosso presépio. Nele estava também um prato de sal que nossos, pais, às escondidas, tiravam fazendo-nos crer que fora comido pelo burrinho.

Como começaram a aparecer as primeiras bonecas de louça (já se vão muitos anos...), num determinado natal, mamãe deu uma para minha irmã. As que tínhamos eram de pano e mamãe bordava-lhe os rostinhos fazendo-as ficarem ainda mais lindas.

Felizes com a dita boneca e sob as recomendações da mamãe, fomos brincar. Pouco se passava e a bonequinha de rostinho redondo e bochechudo estava em muitos pedaços. Minha irmã chorou ao vê-la assim e eu pela surra que levei por tê-la quebrado.

Um ponto algo no Natal era a missa do galo, exatamente à meia-noite. A igreja ficava tomada pelos fiéis. Celebrava-se uma missa solene, com muitos cantos, orações e um sermão que emocionava a todos. Ao final, ia-se até o presépio. Nós, crianças, não íamos tanto para rezar, mas para ver como era feito o presépio, o que tinha de diferente do nosso e já bolávamos o mesmo para o próximo ano.

Cedo o Natal perdeu a magia para mim. Acho-o uma festa de nostalgia e tristeza. Isto em parte porque, hoje em dia, esta data tão importante está bastante materializada. O espírito religioso cedeu sua vez às festas, confraternizações, troca de presentes, muita comida e bebida. O “aniversariante” desta festa não tem, na maioria dos lares, o lugar de destaque ou, em muitas casas, não está nem presente.

É hora de uma reflexão, de entrarmos no verdadeiro espírito natalino e deixarmos em nosso coração e em nosso lar, um lugar de destaque para quem nos pode dar alegria, paz, o amor de que tanto precisamos.

Vida - Dom e Mistério

Sempre passava por ali e nada havia que me atraísse a atenção. Nesta manhã passei novamente, só que com um objetivo em mente: ver.

O sol radiante transmitia-me um calor agradável, aquecia a terra e as plantas como que se erguiam para saudá-lo e receber sua luz e calor. Cada uma diferente da outra no tamanho, formato e cor. Quanta criatividade de seu criador!

E as flores? Existe algo mais belo, perfeito e que sensibilize tanto como uma flor?

Elas são simplesmente lindas, tão mais lindas quanto mais simples e pequenas. Nem o próprio rei Salomão em toda sua pompa se vestiu como uma delas, diz o livro sagrado.

Jamais o mais exímio pintor lhe imitará a perfeição de cores e traços.

Para tocar a insensibilidade humana, muitas exalam doce e suave perfume.

Aqui e acolá, anunciando a primavera, arbustos cobrem-se de milhares de alegres florzinhas.

E as plantas, que imponência! Quantas tonalidades de verde usou o divino agricultor! Que fantástico ver árvores carregadas de frutos!

Fico pasma diante de uma sementinha aparentemente sem vida ser lançada ao solo e alguns dias após surgir uma vida frágil no começo e com o passar do tempo crescer, desenvolver-se e produzir frutos. Que lição de vida!

Na natureza tudo é misteriosamente belo e mais misterioso ainda é que tudo o que nela existe foi criado em razão de um ser superior: o homem.

É neste magnífico reino que nós vivemos.

Fomos chamados à vida por alguém que muito nos amou. A vida é o maior presente que o criador nos deu. Cercam-nos somente coisas lindas que nos alegram, nos ajudam a crescer e sermos felizes. Deus em seus planos de amor quis que o homem vivesse na maior felicidade, mas, respeitando sua criatura, deu-lhe a liberdade. O que fizemos nós? Nós a usamos de muitas formas e de seu mau uso, sobreveio o sofrimento, a dor, a perda.

Muitos empenham-se em bem viver, com honestidade, trabalho, honradez; sabem que esta vida não dura para sempre e dela só levamos o bem que fizermos. Depois desta, vida melhor nos espera.

Outros apegam-se à vida, amam-na como se ela fosse o fim último.

Há também os que fazem mau uso de sua liberdade e vivem a vida com desmazelo.

A flor que hoje alegra a vida amanhã fenece e morre. A planta dura certos anos e seca.

A vida humana também tem seu tempo contado. Uns vivem longa vida como árvores que florescem, frutificam, dão sombra e são muito úteis.

Outros, tem a jovem vida ceifada, deixando inúmeros sonhos por realizar e outros tantos a prantear-lhe a ausência.

Há os que são como florzinhas que se abrem ao nascer o sol e fenecem ao anoitecer.

A vida, diz uma enciclopédia, é o tempo que ocorre entre o nascimento e a morte.

Para mim, a vida é um mistério do qual pouco ou nada entendemos, mas acima de tudo é um dom com o qual o Pai nos presenteou.

Cumpre que nos empenhemos ao máximo para bem vivê-la.

Curve-se à Natureza

Nunca imaginei que um dia voltaria a ver aqueles lugares onde o arquiteto maior esmerou-se tanto por criar: lagoa da Conceição, as dunas de areia fina e alvíssima, ocupando cada vez espaço maior, a praia da Joaquina com suas ondas fortes, pedras gigantes a ornar-lhe as costas, água muito azul e as calmas gaivotas no seu vôo baixo encantando os visitantes.

Curvas, subidas, descidas, morros e do alto, até onde a vista alcança, inúmeras praias, recantos belíssimos.

Pelos caminhos, com frequência, placas com dizeres, tais como: “De frente para o mar, de costas para o stress.”

Nosso objetivo era a praia do Santinho. É impossível descrever tamanha beleza ali concentrada. A água muito azul em altas ondas que se quebravam brancas nos rochedos. Todo visitante que ali chega tem uma meta: alcançar o ponto mais alto daquelas rochas. Um caminho sobre as pedras, completado em vários lugares por pontes e escadas de madeira, sempre com corrimão. Bancos distribuídos ao longo do caminho para uma parada. Ladeando a subida, muitas colunetas em metal com o cimo em declive, encontram-se gravadas, inscrições contando dos primeiros moradores que ali viveram há milhares de anos. Ao chegar ao alto você sente estar mais perto do céu, tamanha a beleza que vê de todos os lados.

Seguindo caminho passamos pelas praias de Ponta das Canas, Canasvieiras, Jurerê, paraíso das mais fantásticas mansões.

Voltando ao continente subimos até Bombinhas e quase ao anoitecer, Camboriú.

Acompanhava-nos a lua cheia refletindo sua luz sobre as águas do mar, iluminando os barquinhos que calmamente balançavam sobre as águas.

Estava cansada, mas feliz.

Na manhã de domingo fomos dar um passeio no teleférico em Camboriú. Acometeu-nos certo medo no começo, trocado pelas emoções de ver, lá do alto, dezenas de praias, vilas, morros e uma muralha de edifícios enormes, contornando toda praia.

Ao alto do morro uma parada para quem o desejar. Preferimos descer até Laranjeiras onde se faz o retorno dos bondinhos. Ao subir, descemos no alto do morro de onde se vêem paisagens paradisíacas.

Seguimos, a pé, pela trilha no meio da mata. Toda trilha feita em madeira, degraus grossos, toda ladeada por corrimão e a cada poucos degraus um lance com bancos para descanso. A vegetação que cerca este caminho é a mais rica e variada possível. Chamou-me a atenção o grande número de bromélias de diferentes espécies, algumas floridas. Descendo, chega-se a um mirante de onde se admiram belezas sem fim.

A subida é por outro caminho e em certa altura uma grossa árvore deita enorme galho sobre a passarela, numa altura de mais ou menos 1,65m.

Sobre o meio da passarela, preso ao tronco que ali se debruça, uma placa com a inscrição: “Curve-se à natureza.” Fiquei emocionada. Não só me curvaria para passar. Ajoelharia-me diante de tanta beleza com que a natureza nos presentia. Admiração também ao homem que soube valorizar e trabalhar tais belezas.

Pedi a Deus que conservasse na retina de meus olhos tudo o que vi, pois nunca imaginei que um dia retornaria a ver tanta beleza.

Vida

Sol, luz, ar, água.
Sons, vozes, cantos, gritos.
Buzinas, sirenes, estampidos
Passos, correrias, risos.
Tudo é vida, animação, agitação.

Vida é a gota de orvalho que reluz ao sol;
É a pequena haste que aponta na relva;
É a abelha que suga o néctar da flor;
A borboleta multicolor que voa leve no espaço.

Vida é água da chuva que cai;
É a pequena fonte que brota na rocha;
O córrego que canta entre as pedras;
O rio manso que corre ao mar.

É o pequeno molusco que rasteja entre as folhas;
A formiga ligeira que carrega seu alimento,
O veloz colibri que beija a flor;
O sabiá que canta ao alvorecer.

Vida é o sol dourado que passeia no universo;
A lua e as estrelas que enfeitam a noite;
A geada que nas manhãs frias cobre a Campina;
O arco-íris que exhibe suas cores após a chuva.

Vida é o ser que nasce,
O leite materno que alimenta o filho indefeso;
É o sorriso angélico da criança;
O olhar doce e puro do inocente.

Vida é o coração que pulsa forte;
O sangue que corre nas veias;
O cérebro inteligente e pensante;
Os sentidos que dão vida à vida.

Vida é o amor que temos no coração;
Os sentimentos que nos enobrecem;
Os sonhos que queremos realizar;
Os amigos que nos cercam.
Vida é dádiva de um Pai extremoso que nos criou
Para si e nos ama com infinito amor.

Outubro de 2002
Texto apresentado no
I Sarau Artístico Literário do CREATI

A Felicidade

“Colocaremos a felicidade dentro deles, pois estarão preocupados buscando-a fora e nunca a encontrarão. O homem passa a vida toda buscando a felicidade sem saber que a traz consigo.” Extraído de uma mensagem em que Deus e os anjos se reuniram para criar o homem, de autor desconhecido.

O texto “Ser Feliz” de Moacyr Scliar mostra como a felicidade está dentro de nós e se manifesta nas pequenas coisas do dia-a-dia que nos dão prazer.

Eu me sinto feliz sempre que faço algo e vejo-o bem feito; quando faço a comida e as filhas comem com gosto; quando faço o bem a alguém e por que não: quando recebo um elogio.

“Doar é a melhor forma de ser feliz “ diz Carlos A . Nóbrega.

É raro ouvir-se alguém dizer que é feliz. Julgo esta pessoa realizada, madura, de bem consigo, com o mundo e com o criador. Assim mesmo terá momentos em que algo parece lhe faltar.

Enquanto humanos não seremos totalmente felizes.

Já o grande Santo Agostinho dizia: “ Inquieto está nosso coração enquanto não descansar em ti, Senhor.”

A Edy diz em seu livro “Viver na Luz”: somos criaturas divinas, às vezes com lampejos humanos...

A maioria das pessoas, no corre-corre da vida não tem tempo para si, para uma interiorização, um conhecimento mais aprofundado de seu íntimo, seus sentimentos e aspirações. Sentem o vazio interior e procuram preenche-lo com exterioridades. Procuram a felicidade longe quando ela está bem junto a eles. (eu era feliz e não sabia...)

“A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar. Voar tão leve, mas tem a vida breve; precisa que haja vento sem parar.”

A .C. Jobim e Vinícius de Moraes.

Só para os Fortes

Li de Druázio Varella, médico cancerologista, o livro “Estação Carandiru”.

Não sei dizer se gostei ou não de tê-lo lido. Causou-me certo impacto e surpresa ao mesmo tempo.

Minha admiração a este simpático careca, de olhar doce e sorriso cativante, de coração muito humano, generoso, de sentimentos nobres e de muita coragem que é Dráuzio Varella.

Jamais, ao gravar um vídeo sobre AIDS na enfermaria da penitenciária do Estado, imaginou que se envolveria tanto com a vida de quem vive por trás das grades de uma casa de detenção.

As primeiras impressões não mais o largaram e ele pediu para fazer um trabalho voluntário de prevenção à doença junto aos presos; trabalho que começou em 1989 e não mais parou. Teve apoio da universidade paulista, com a qual realizou muitas pesquisas, organizou palestras, gravou vídeos, editou revistas em quadrinhos e atendeu muitos, muitos doentes.

Conseguiu, no decorrer dos anos, a confiança dos carcereiros e ele pode andar com liberdade pela cadeia onde fez amizades e conheceu muitos mistérios da vida carcerária. Ele mostra, através das páginas de seu livro, o qual recebeu o prêmio Jabuti de livro do ano, que a perda da liberdade e a redução do espaço físico não conduzem o homem à barbárie, mas à criação de novas regras de comportamento que visam a preservação e a integridade do grupo.

Entre os habitantes do xadrez, um crime jamais prescreve. Pagar a dívida assumida, nunca dedurar um companheiro, respeitar as visitas, não cobiçar a mulher alheia, exercer a solidariedade e o altruísmo recíproco, dão dignidade ao preso. O desrespeito é punido com desprezo social, castigo físico ou pena de morte. No mundo do crime, a palavra

empenhada tem mais força que um exército. Numa cadeia, ninguém conhece a moradia da verdade.

O livro do Dráuzio abre espaço para interlocutores que contam suas passagens pelo mundo do crime, as razões que os levaram ao delito, as fugas, a vida nas celas em sua maioria superlotadas, a maneira como se organizam nelas, os castigos infligidos, a malandragem dos mais antigos ou mais espertos que detêm o poder sobre as celas, a comida, o uso do espaço, etc.

A droga que anda solta junto a esse mundo de desocupados e a AIDS que prolifera vertiginosa entre eles, unidas à promiscuidade de vida, fazem com que as enfermarias estejam sempre lotadas e o número de vítimas seja muito grande.

Os carcereiros e os encarregados dos setores são pessoas muito frias e insensíveis que impõem respeito por suas brutalidades.

A obediência às ordens e às normas do presídio é sagrada.

A liberdade faz parte da natureza humana e tolhê-la é privar o homem de algo tão ou mais importante que qualquer dos seus sentidos. O sistema carcerário vigente põe em dúvida sua validade. Ao sair de seu cativeiro, estará este elemento consciente de que a marginalidade não o leva a bom termo e que o caminho do crime é muito incerto, inseguro e anti-social?

Ao tomar a liberdade estará ele apto a assumir alguma profissão fruto de um aprendizado no presídio?

Se a resposta for afirmativa, continue o sistema carcerário em sua antiga e inadequada estrutura, mas tudo indica deva haver uma reestruturação nesta instituição.

Solitários, o Pescador e Eu

Sentei, muito cedo da manhã, frente à imensidão do mar

Uma névoa densa pairava sobre as águas, dando-lhe um tom acinzentado, bem como às encostas, encobrimdo aquele encanto construído pela magia da natureza que mistura milhares de tons da vegetação às pedras ali engastadas quais diamantes sobre fina jóia.

Ao longe, onde a água parece tocar o céu, enormes navios, agora de formas indefinidas, aguardam, em fila indiana, a vez de atracar ao porto.

Quase junto a mim, em seu impecável uniforme, dezenas de gaiotas confabulam, como a planejar o dia, distribuir tarefas, marcar encontros. Em vôo rasante achega-se mais uma e logo outra e mais outras e todas são bem recebidas com cumprimentos do grupo.

À ordem da líder, todas, a uma vez, alçam vôo rumo ao infinito.

Em meio à névoa agora menos densa, um barco balança ao léo. Seu ocupante, figura esguia e indefinida, lança ao mar a tarrafa, retirando-a logo após e desembaraçando alguns peixinhos e mariscos que a ela se prenderam. Só ele e Deus sabem quantas vezes esta manobra é repetida. É assim que este homem humilde, hoje solitário em seu barco, assim como eu sentada sobre uma pedra; sustenta sua mulher e seus filhos.

Uma coisa me causou inveja: deve morar naquela casinha branca construída sobre a rocha, logo acima do nível do mar, tendo as folhas de uma bananeira a encobrir-lhe a porta.

Que sono tranquilo terão seus moradores, embalados pelo barulho das águas batendo sobre os alicerces de sua casinha branca!

Lá ao longe, avisto outro barquinho e junto às areias finas da praia, alguns casais desfrutam a brisa fresca.

Vou-me, pois já não estamos sós, nem o pecador, nem eu.

Não Cabe Papai!

E eu, agora à sombra, na beira da praia. O dia estava convidativo. Já havia percorrido boa distância, pés descalços, alcançados aqui e acolá pelas ondas que chegavam à areia estendendo sua espuma branca. Ao contemplá-la me fez lembrar uma fina toalha de renda, acabamentos irregulares, a deslizar sobre a mesa.

Amo recolher conchinhas. Elas são lindas, perfeitas, simetricamente desenhadas, abrindo seus vincos em leque; umas arredondadas, outras alongadas, as bordas muito finas e delicadas. Não existe uma igual a outra. As cores são indescritivelmente lindas em seus nuances cinza, siena e rosa. O criador as fez uma a uma com a maior perfeição e amor, simplesmente para abrigar, por pouco tempo, um pequeno marisco, ou quiçá, valiosa pérola.

De repente surgem dezenas de conchinhas, todas fechadas, trazidas por uma onda. Deliciei-me ao vê-las e pensei em recolher uma porção delas. Até eu me abaixar para alcançar a primeira, todas elas haviam penetrado na areia branca deixando após si, um orifíciozinho do qual saiam pequenas bolhas d'água.

Por vezes a gente deixa vir à tona o nosso eu infantil e como é bom!

Mas agora eu estava à sombra. Nos dias em que lá estivemos havia muitos casais jovens com seus pequenos. Quanta atividade e criatividade! Os maiorzinhos fazem castelinhos de areia, cheios de torres, ligados entre si por túneis e rodeados por fossos cheios de água para o inimigo não invadir.

Os pequenos cavam buracos com as mãos ou pazinhas e com os coloridos baldinhos correm ao mar e trazem água até enchê-los.

Um pai auxiliava o filhinho na tarefa de cavar um enorme buraco. Carinhoso falou ao pequeno: filho, vamos colocar toda essa água

no nosso açude. O pequeno, baldinho azul na mão, olhou para o mar, depois para a agora pequenina escavação e com um angélico sorriso, disse ao pai: não cabe, papai.

Tive vontade de agarrar aquele pequeno e apertá-lo contra mim.

Que lição! Lá estava a pequena criatura e o grande e amoroso criador. Ele o oceano e nós uma gotinha dele ou um quase imperceptível grão de areia da praia.

Como és grande e poderoso, meu Deus! Deixa que cada um de teus filhos seja uma gotinha no infinito oceano do teu amor.

E Serás Feliz...

Não tem identidade, não tem nome,
Não tem rosto;
Não mora,
Não tem lar,
Não tem ninguém;
Não trabalha, não sabe trabalhar,
Ninguém lhe ensinou.

Ele tem fome,
Não tem comida,
Ninguém lha dá.

Dorme ao relento,
Treme de frio,
Coberto de trapos.

Não admira o pôr do sol,
Não se enamora do encanto da lua,
Não conta as estrelas que piscam lá no alto.

Remove as lixeiras,
Cata sobras podres ali jogadas,
Com ratos e moscas divide seus achados.

Ele está doente, subnutrido, alquebrado,
Cheira mal, não tem hábitos de higiene,
É um estorvo para a sociedade.

Este anônimo à margem da vida,
Imundo, esfarrapado, esfomeado,
Tem coração, cérebro, sentimentos.

É humano e não tem com quem chorar suas mágoas,
Está doente e não recebe ajuda.
Desprezado, ignorado, humilhado. Só.

Este homem destituído de dignidade humana,
Que não vive, apenas vegeta.
É nosso irmão.

No dia em que soarem as trombetas,
Estarás à direita, terás a recompensa.
A vida é breve, o prêmio certo. Perdoa a insensatez de quem
hoje te ignora.
Então brilharás qual estrela e serás feliz, muito feliz...

Exemplo de Renovação

A águia é a ave que possui maior longevidade, chegando a viver setenta anos.

Por volta dos quarenta anos, ela está com as unhas compridas e flexíveis não conseguindo mais agarrar suas presas com as quais se alimenta. O bico alongado e pontiagudo se curva, apontando contra o peito; as asas envelhecidas estão pesadas em virtude da grossura dos tubos das penas, e voar se torna muito difícil.

À pobre águia restam duas alternativas: deixar-se morrer ou enfrentar um dolorido processo de renovação que irá durar cento e cinqüenta dias.

Instintivamente, ela voa para o alto de um monte e se recolhe em um ninho próximo a uma parede rochosa, aí começa a bater com o bico nesta parede até conseguir arrancá-lo, o mesmo fazendo com as unhas.

Quando o bico e as novas unhas começarem a nascer e ficarem fortes, uma a uma ela arranca suas velhas penas.

Passados cinco meses ela está pronta para viver mais uns trinta anos de sua vida e sai para o famoso vôo da renovação.

Admirável sabedoria de um ser irracional e maior a lição de vida que este ser nos dá.

Sentindo-se afetada em suas defesas, procura uma maneira de livrar-se deste incômodo mal estar. Isola-se e põe-se ao trabalho. Elimina de si tudo o que a impede de viver plenamente. Ela é decidida e corajosa.

Nós, feitos para o alto, por vezes atolamo-nos no lamaçal da mesquinhez, do egoísmo, da insegurança, da falta de confiança e do não reconhecimento de nossas qualidades.

Vivemos voltados para nós, queixosos de tudo quanto nos rodeia, sem coragem de rebentar as amarras que nos impedem de voar e viver plenamente.

É tão mais cômodo levar uma vidinha medíocre, voar baixo, desviar pedras e espinhos.

A águia nos motiva a uma reflexão e quem sabe a uma dolorosa mudança de atitudes.

Feliz de quem, como a águia, opta por renovar-se, dia após dia, para viver com dignidade a vida que nos é dada.

Recordar é Viver

Episódio I: A Mala

Havia acabado a quinta série primaria, a bem da verdade, em um ótimo colégio de religiosas, onde os conteúdos de então poderiam ser equiparados a um final de primeiro grau de hoje ou mais. E a gente estudava e levava o estudo muito a sério, apesar da grande *decoreba* que havia.

A turma era pequena; todos nos conhecíamos bem e cada qual primava ser o primeiro da classe. Eu iria ainda fazer o curso de admissão ao ginásio, com um ano de duração.

Conversando, um dia, com uma amiga de vários anos de escola e que por esta época era interna do colégio, fez-me estranho e inesperado convite: “Vilma, vamos estudar para freira? (era bem este o termo usado: estudar para freira!).

Nos meus doze para treze anos, retrato da ingenuidade, que sabia eu de vida religiosa? Sem pestanejar, dei meu “sim” e de imediato fomos à minha casa, expor aos pais, a súbita vocação. Estávamos tão motivadas que não foi difícil convencer os pais que aceitaram creio que até com orgulho.

Feito isto, dirigimo-nos ao colégio para fazer o comunicado à superiora que se mostrou surpresa por estas vocações surgidas tão ao inesperado, e pediu a presença dos pais para dar-lhe os passos a serem seguidos.

Apresentou-se meu pai e ao retornar trazia a relação do enxoval a ser providenciado.

Eram poucos itens, mas para eles, que lutavam contra as dificuldades financeiras, a lista era significativa.

Lá se foi mamãe para o comércio comprar tecidos para confeccionar o solicitado.

Tudo pronto, estava eu numa escaldante tarde de verão, em companhia do pai e dos irmãos, capinando numa roça de milho, quando vejo minha mamãe retornando da vila com uma mala às costas.

Passou-me um calafrio pelo corpo. Quem disse que eu queria deixar meus pais e irmãos? Eu era totalmente imatura para tomar tal decisão. Ao mesmo tempo pensei que em indo para o colégio não precisaria mais trabalhar na roça e a vida seria muito boa.

O dia da partida já estava definido: doze de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e dois. À medida que a data se aproximava eu ia ficando mais triste e preocupada, perdendo o sono e o apetite.

A mala, aquela malinha de papelão marrom, cantos arredondados, estava pronta.

Minha mãe havia feito, conforme constava da listinha, um acolchoado com lã de ovelha e um travesseiro com penas de ganso, animais estes criados na propriedade.

O cobertor, o travesseiro e o vaso noturno com tampa (era assim que chamavam o pinico!) foram acomodados numa bolsa branca bem amarrada que papai levou às costas.

Aos prantos, despedi-me de mamãe e dos oito irmãos e, carregando a malinha, a pé, tomamos a direção do colégio, distante uns três km, aonde fui entregue à superiora.

Papai retirou-se calado, a porta foi fechada e eu senti-me morrer de tristeza.

Dera o primeiro passo.

Recordar é Viver

Episódio II: Vaidade das Vaidades

Na tarde em que chegara ao colégio, acomodei meus poucos pertences em um armário e mostraram-me uma portinha sob a escada que levava ao segundo piso onde deveria colocar a mala vazia.

Eu estava qual Alice no país das Maravilhas: encantada e assustada ao mesmo tempo. Após o jantar a superiora chamou-me para, em sua companhia, fechar as janelas e portas do casarão, trabalho que a partir do dia seguinte me seria atribuído.

Deitamos cedo sabendo que às cinco e trinta minutos da manhã seguinte seríamos acordadas para a missa das seis horas na capela do colégio. Logo após a missa, o café: uma fatia de pão com pasta de frutas e uma xícara de café com leite.

Tomado este, a superiora distribuiu tarefas: *fulana*, limpa a casa; *sicrana*, vai ao tanque, e eu, menina forte e saudável, disse a religiosa, uma roça de milho onde o inço toma conta e é preciso limpa-lo. Toma a enxada que há ali no galpão e põe-te ao trabalho.

Vestido novo, de chita, estampado, me dirigi ao local. Ontem eu estava em companhia do pai e irmãos numa roça de milho, mas havia pouco inço. Aqui o milho estava sufocado pelas ervas daninhas e o solo parecia socado, tão duro estava.

Que decepção, que desespero! Como estava arrependida da minha decisão. Dia após dia lá ia eu, menina forte e saudável, arrancar o inço daquele chão duro e seco.

Haviam-se passado uns quinze dias e chegou a casa a superiora provincial. Ficou feliz por saber que lá havia duas recentes vocações

e decidi levar-nos, a colega que tivera a luminosa idéia e eu, para a casa de formação.

Dispensada de minha capina diária, fui para casa despedir-me de meus familiares, não esperança que alguém me dissesse para não ir. Chorando muito deixei a casa e chegando ao colégio tomei minha malinha do canto escuro e fui acomodar as roupas para a partida do dia seguinte.

Chegadas em companhia da provincial a Passo Fundo dos anos cinquenta e demoramo-nos uns dias, pois a superiora devia fazer umas visitas, seguindo após, de trem, para o destino final.

Lá chegadas, apontaram-nos, no dormitório, uma prateleira com muitas divisões de uns 40 centímetros cada. Ali deveríamos colocar, em ordem milimétrica, a nossa roupa, uma divisão por pessoa.

Sobre um longo banco, enfileiradas, a bacia individual para a higiene da manhã. Sob a bacia, a saboneteira, pente, escova e pasta. Ao lado, a toalha dobrada.

Havia a encarregada de colocar, à tardinha, um pouco de água na bacia e no copo.

Eu tinha levado um espelhinho oval que cabia na palma da mão e guardara-o também sob a bacia.

Na parede, ao pé da minha cama, havia uma bonita moldura com a imagem do

Cristo coroado de espinhos. Fixo a um canto da moldura, um cartão com a seguinte inscrição: “Vaidade das vaidades e tudo é vaidade a não ser amar a Deus e só fazer-lhe alegria. Tudo passa e a ti só resta o que vês no reverso.” Virando a moldura, aparecia uma terrível caveira em grafite. Dias após meu espelhinho sumiu. Não precisara explicação para seu sumiço, eu é que devia ser menos ingênua.

Por ser forte e saudável, integraram-me à equipe de limpeza do prédio de quatro andares, com dezenas de salas, largos corredores e pontos de acesso, sem falar da enorme quantidade de lixo nos pátios, o qual devia ser recolhido e levado com carrinho de mão à lixeira coletiva.

Hoje diria que se cometeram muitos exageros com respeito ao trabalho e cujas conseqüências demoraram muitos anos para se manifestarem.

Mas onde foi parar minha mala marrom de cantos arredondados? Após o último andar, havia um sótão escuro e apertado, onde não entrava luz natural. Por estreita porta chegava-se a ele e sobre umas grades eram colocadas as malas. Era o lugar mais quente que já vi.

Ali, muitas vezes, me escondia para chorar de saudades.

Uma vez ao ano buscava minha malinha para passar quinze dias junto a meus familiares.

Após cinco anos de permanência nesta casa, passamos para um segundo estágio de formação.

Deram-me outra mala, um pouco maior e melhor que a minha, pois o calor a tinha deformado...

Recordar é Viver

Episódio III: Amor Reprimido

Muitos foram os fatos ocorridos nos quatro anos de ginásio urcados no Colégio São José de Erechim, mas vou dar destaque a um que começou em mil novecentos e cinqüenta e cinco quando eu cursava a quarta série ginásial, estendendo-se pelo ano seguinte.

O enorme colégio que ocupava praticamente dois quarteirões, estava sendo ampliado num espaço que separava dois blocos. A construção subia lenta, levando seus trabalhos por mais de dois anos.

O construtor, casualmente com o mesmo nome que meu pai, era um senhor calmo, bonachão, de total confiança da direção do colégio. Eu até o achava parecido com meu pai.

Mas nada a ver com ele. Entre seus operários estava um jovem moreno, trabalhador, tranqüilo.

Eu, jovem, com meus dezesseis para dezessete anos comecei a olhar para ele, achando-o o máximo.

Fazia de tudo para vê-lo ou passar-lhe por perto. Eu estava perdida de amores por ele. Lógico, nunca lhe dirigi a palavra, não lhe sabia sequer o nome; eu só o achava lindo.

Minha consciência, no entanto, me acusava e eu não estava bem.

Era norma do colégio que tanto as religiosas quanto as aspirantes irem à confissão semanal. O sacerdote que vinha de lugarejo próximo, estava a postos duas tardes na semana e todas deviam ir. Que aflição! Não quisesse confessar devia pedir a bênção ou um conselho se achasse necessário.

Após dias de ansiedade, oração e insônia, me armei de coragem, achei-me ao confessor e expressei, trêmula, o problema que me afligia.

Acabei de falar e aguardei. Calmamente o bom homem de Deus falou: perigosíssimo, perigosíssimo, perigosíssimo. Se tiver coragem conte-o à mestra e volte na próxima semana. Despediu-me com sua bênção.

Aí aumentou meu desespero. Eu devia estar errada mesmo. Como iria contar à mestra? Passei uma semana horrível, na total insônia e mínimo apetite. Que fazer?

Num intervalo de aula fui ao gabinete da sábia religiosa, vinda da Suíça para as missões no Brasil. O tempo era curto e sabia que ela não me ouviria no momento.

Entrei, pernas bambas, coração na mão e falei: Irmã, preciso muito falar com a senhora. Ela olhou-me e disse que à tarde me chamaria. Passou a tarde, parte da noite e nada. Fomos dormir e eu cada vez mais apavorada. Aquele “perigosíssimo” pareciam marteladas na minha cabeça.

No dia seguinte, no horário de estudos da noite, ela chamou-me. Sentia-me desmaiar. Sentamo-nos numa saleta e ela com um sorriso disse: fala, o que foi? Eu olhei para ela e só consegui dizer: gosto daquele rapaz; e calei-me...

Ela não se mostrou tão trágica, falou com calma, aconselhou-me muito, fez-me ver o perigo e disse que me daria o livro “flerte” para ler, que o mantivesse escondido e não falasse para ninguém sobre o fato...

Como o tal problema não se solucionasse, propôs-se pedir ao chefe a dispensa do rapaz. Achei injusto demiti-lo sem causa e prometi maior esforço para acabar com os proibidos sentimentos.

Algum tempo depois eu fui enviada para outra casa a fim de dar continuidade à formação...

Recordar é Viver

Episódio IV: Cômico, se não Fosse Triste

Acabado o período de preparação à vida religiosa, fui mandada para uma casa onde funcionava uma escola particular e havia uma dezena ou pouco mais de internas vindas do interior.

Ruim, foi eu ter ido para lá conhecendo a fama da superiora e omito-me dizer qual minha primeira impressão, a qual não me largou nos dois anos em que lá permaneci.

Tinha verdadeiro horror àquela pessoa.

Nos meus vinte anos, saindo de um sistema metódico, tranqüilo, quase me vi sucumbir. Deram-me duas turmas do ensino primário, uma pela manhã e a outra à tarde; a responsabilidade pelas internas, o cuidado do jardim, da capela e outras tarefas menores. Não foi fácil. O pior, no entanto, foi o convívio com as irmãs de hábito. Quando reunidas, só falavam em alemão e me deram um livro, dizendo: aprenda.

Até hoje só sei dizer sim e não e não tenho a mínima simpatia por esta língua.

Entre as jovens que viviam na casa, uma estava lá para estudar e ajudar nos afazeres domésticos e relacionava-me bem com ela.

Certa vez, por ocasião de um feriadão, as internas foram para casa. Ao regressarem, uma pequena de seus nove anos, menina com certa carência afetiva e dificuldade de aprendizagem, veio com permanente nos cabelos. Os cachinhos estavam rentes à cabecinha. Ela estava realizada e feliz com seu novo visual.

São passados mais de quarenta anos e eu guardo viva a fisionomia da pequena, seu olhar brilhante e os pulinhos de felicidade que dava.

Quem não gostou da história foi a superiora que também era professora da menina.

Procurou-me e despejou sobre mim a ordem: *fulana*, corta os cabelos daquela interna, que já tem dificuldade de aprender, quanto mais com os cabelos deste jeito.

Irmã, disse-lhe assustada, eu não sei cortar cabelos, nunca fiz isto.

Como cortar? O que cortar? Por que tanto incomodavam a religiosa?

Não se passaram três dias quando bateu à porta onde eu estava lecionando, aquela jovem que citei antes e me disse apavorada: irmã, adivinha o que a superiora fez? Obrigou-me segurar a pequena que esperneava e à tesouradas tirou-lhe todos os cachinhos. Ela está aos prantos. Fui procurá-la e levei um enorme susto ao ver aquela criança. Tinham-lhe tirado não só os cachinhos, mas seu amor próprio, sua felicidade. Estava desesperada. Resultado: foi parar no hospital onde permaneceu por vários dias com febre. Seus pais foram chamados. Só não soube nunca qual explicação lhe deram e em que se fundamentaram.

Era norma da congregação, creio hoje não o seja, deitar-se cedo e à meia noite, levantar e ir à capela para a recitação do santo ofício. Eram quatro grossos volumes para o ano, tudo em latim. Ficava-se uma hora na recitação. Rezava-se em voz alta e num tom mais alto ainda. Eram várias leituras das quais pouco ou nada entendia. Como sempre, tive problemas para aquecer os pés, por vezes não havia dormido ainda e já devia levantar.

Um outro problema me incomodava: ficava afônica, por vezes não saindo voz alguma, problema considerado pela superiora como voluntário. Como éramos só quatro religiosas na casa, às vezes a mais idosa que era adoentada, não ia, eu, como a mais jovem não podia me eximir da parte que me cabia.

Como o problema da voz se agravasse e eram férias, fui encaminhada a um especialista que aconselhou fosse enviada a uma estação de

águas sulfurosas. Alguns dias após me encontrar na casa onde fora para consulta o médico, a superiora disse-me que eu havia sido transferida e que eu mandasse buscar meus poucos pertences.

Uns dias depois chegou a mala. Ao abri-la tive grande decepção. Socaram nela, sem o menor cuidado, roupa limpa, usada, avental sujo, calçado enlameado de uso no jardim, tudo o que e como acharam.

Senti-me a última. Houvera trabalhado muito naquela casa, sentira em meu íntimo a incompreensão, a solidão e as dificuldades de adaptação.

Fui para uma comunidade bem maior, bem organizada, onde permaneci por diversos anos. Eu só não conseguia me adaptar às normas e à rigidez da vida religiosa, feita unicamente para os vocacionados.

Contudo, os anos que passei no convento foram muito válidos.

Recordar é Viver

Episódio V: A Lousa

Era uma placa de poucos milímetros de espessura, na cor preta, medindo uns trinta centímetros de comprimento por uns vinte e dois de largura. Ao seu redor uma moldurinha de madeira na cor natural, de uns dois centímetros de largura.

Podia-se escrever dos dois lados.

A professora, irmã religiosa, com uma régua e um prego, mão firme, traçava linhas em ambos os lados. Num deles fazia pautas comuns, no outro, pauta dupla para caligrafia.

Não havia cadernos, ou melhor, não se usava cadernos.

Num dos cantos da moldura fazia-se um furinho onde era introduzido um barbante responsável por segurar, anexo à lousa, um pano macio para limpá-la. Era preciso também, ter um vidrinho com água para molhar parte do pano e melhor limpar a lousa. Não era fácil este trabalho. Se não fosse bem limpa ficava toda lambusada!

Quando a lousa ficava cheia, apagava-se toda ou ia apagando-se aos poucos, sempre depois de a professora ter visto o que se estava fazendo.

Não raro, às escondidas da professora, levava-se o dedo à boca para após, passá-lo sobre a palavra ou algarismo errado.

Para escrever sobre a lousa, usava-se a pena. Era um tipo canudo, compacto, bem mais fina que um lápis ou caneta de hoje. Creio que era do mesmo material que a lousa. Quando nova, tinha uns quinze centímetros de comprimento, mas era muito quebradiça.

Se ao escrever se acalcesse um pouco, o que geralmente se fazia, era já aquele “crack” e a pena estava em dois pedaços. Ficava-se muito triste quando isto acontecia porque não se escapava da bronca

dos pais que exigiam se usasse até o último pedacinho, introduzindo-o na pena de uma ave.

Os toquinhos de pena eram guardados numa caixinha que pedíamos na farmácia do hospital.

Um detalhe: a pena tinha que ter ponta. Havia no colégio, logo de fora das salas de aula, um “apontódromo”. Era um círculo de concreto áspero, com um metro e pouco de diâmetro, uns 30 cm de largura, por talvez meio metro de altura, abaulado na parte superior.

Vinha-se, sentava-se sobre ele e ia-se esfregando e girando a ponta da pena, inclinada, até ficar fina, como a ponta de lápis.

Antes da aula aquilo estava sempre e muito ocupado.

Nunca esqueço o que ocorreu comigo a respeito da lousa...

Como queria ter uma hoje.

Quando entrei para a primeira série, seis aninhos, caipirinha, caipirinha, mas com muita vontade de estudar, meu pai comprou uma lousa nova para meu irmão que iria para a segunda série e me passou a dele. Acontece que estava partida ao meio, pelo comprimento. Só conseguia escrever um pouco em cima e um pouco embaixo da divisão!

A professora não demorou em reclamar e pedir outra. Falei ao pai que não me deu muita atenção. A justa reclamação da mestra prosseguiu e eu a repassava ao pai. Certa manhã, em aula, a professora, cansada daquela lousa incômoda e de pouco espaço, disse: se você não arrumar uma lousa nova, jogo esta pela janela. Falei ao pai que de sua primeira ida à vila, trouxe, dentro de um caldeirão de cobre que fora comprar a minha lousa nova. Fiquei muito feliz e na manhã seguinte apressei-me em apresentá-la à professora para que fizesse as linhas. Disse-me que as faria ao meio dia, após a aula. Esperei que dispensasse os alunos e fui para o dito trabalho. Ela mandou que fosse pedir a meu irmão que me esperasse, pois demoraria uns quinze minutos. Logo na saída encontrei-o jogando bolinhas com uns coleguinhas. “Nino”, assim o chamávamos em casa, a irmã disse que é pra você me esperar. Falei em nosso bom dialeto italiano, lógico: “*nino, a monega gá dito que zé par spetar-me*”, e voltei para a sala.

Acabado o trabalho, saí muito feliz com minha lousa nova em dia, colocada com cuidado numa bonita cesta colorida, de trança de palha de trigo, que mamãe fazia. E cadê meu irmão, Nino?!

Procurei-o, chamei por ele e nada. Ele havia ido embora.

Assustada, pus-me a chorar e não restou outra alternativa que ir embora sozinha, a pé, lógico, por quase quatro quilômetros de estrada praticamente deserta e muito mato fechado. Não esqueçam: tinha seis anos...

Vendo-nos chegar separados, não escapamos à bronca dos pais.

O primeiro caderno, comprei-o quase no final da segunda série. Quando solicitado eu não o comprei logo. Fui a última. Sempre me mandavam esperar, pois não havia dinheiro. Mamãe tinha que vender queijo e ovos. Ganho o dinheiro fui à livraria. Lembro bem. Comprei um caderno de capa dura, pauta simples. Comprei este porque achei bonito. Ao entregá-lo à professora ela falou que tinha que ser mais grosso para dividir as páginas ente diversas matérias e que o fosse trocar. Acontece que com as mãos limpas que tinha e folheando-o para contar-lhe as folhas, eu o havia sujado e amassado os cantos e o dono da livraria não o quis aceitar de volta. Deve ter ficado com pena da minha ingenuidade e burrice que fez a troca solicitada.

O caderno ficava só para uso em aula. A lousa continuou em vigor e só foi dispensada na terceira série.

Se o caderno demorou a entrar na vida do estudante, o mesmo não aconteceu com o livro. Na primeira série tínhamos a encantadora cartilha. Que livro simpático o da ave, ovo, uva e como suas leituras iam ficando difíceis e gostosas pelo fim do livro.

Na segunda série além do livro de leitura vieram os livros de conhecimentos gerais com conteúdos separados de História, Geografia e Ciências. Havia também livros de matemática. Cada aluno adquiria os seus. À medida que as séries avançavam os livros acompanhavam com seus conteúdos fortes, pontos longos, mas eram muito agradáveis. Os livros de geografia além dos pontos, traziam muitos mapas, nos quais nós éramos peritos em localizar cidades, rios e relevos. Antes da aula nos agrupávamos sobre os mapas expostos na sala e sabíamos tudo.

Os livros de Ciências vinham com todas as partes do corpo, esqueleto, músculos, nervos que nós nos divertíamos em localizar.

A gente era aluno de verdade e tinha prazer em estudar. Orgulhava-nos aquele uniformezinho diário. Tinha o festivo também!

Bons, boníssimos tempos aqueles dos quais nos restam doces recordações!

Recordar é Viver

Episódio VI: Doces Brincadeiras

Desde muito cedo fazíamos tarefas domésticas. Com nossos cinco, seis aninhos, aprendíamos a varrer a casa, lavar aqui ou ali, tratar os bichinhos, descascar milho...

Lembro precisar subir num banquinho para mexer as panelas. Mamãe deixava tudo temperado e a gente tinha que cuidar do cozimento. Imaginem o que podia acontecer...

Para não esquecer os trabalhos, fazia-se uma listinha e ia-se riscando o que era feito: catar lenha no mato, encher os baldes com água da fonte que ficava há uns 200 metros, cortar pasto para as vacas... Não era pouca coisa não; não se podia perder tempo.

Mamãe ficava feliz ao retornar da roça, à tardinha e encontrar tudo feito. Isso que sempre alguma criança pequena havia para cuidar, dar a mamadeira, chazinho... Uma vez mamãe acomodou uma irmãzinha de poucos meses sobre a enorme mesa da sala. A danadinha virou-se e revirou-se até cair no chão. Eu só escutei o barulho. A sorte é que ela não se machucou.

Para brincar, tínhamos pouco tempo, mas se dava um jeitinho: uma hora após o almoço, à noite após a janta, a louça lavada e o terço rezado, e aos domingos. Aí brincávamos pra valer.

Meu companheiro predileto para isto era meu irmão treze meses mais velho que eu.

Tínhamos em frente à casa uma rampa para corridas com carrinho que nós mesmos fazíamos. Vivíamos com os joelhos esfolados de tanto tombo que se levava. Nossas mãos estavam sempre encardidas de jogar bolinhas de gude.

Éramos peritos em subir em árvores. A época das gavirovas pitangas, guavijús, sete-capotes, ariticum, ovalhas, cereja, era conosco mesmo!

Sabíamos direitinho onde estavam as árvores e isto que havia uma enorme extensão de mato, mais de 10 alqueires.

Certa vez, estava em casa com meu irmão mais novo que eu, o Ivo. Mamãe estava na roça e papai tinha ido ao moinho. Levava-se milho e trigo ao moinho para transformar em farinha. O pequeno teimou em subir em uma gaviroveira, carregada de frutas maduras. Eu não o quis deixar, mas ele insistiu tanto que o empurrei árvore acima até ao primeiro galho e distraída, fui colher umas frutas no chão. No mesmo instante só escutei o barulho. Lá estava ele, chorando desesperado e saindo-lhe sangue pela boca. Tomei-o ao colo e levei-o para casa, deitando-o na cama. Cobri-o bem, limpei-lhe a boca e fiquei, apavorada, acariciando-o para que parasse de chorar.

Nisso chegou o papai que quis saber da razão de o menino estar na cama chorando. Tive que contar e até hoje me admiro não haver apanhado. Meu pai tirou as cobertas de cima do pequeno e logo descobriu a causa do choro: quebrara-lhe um braço. Papai mandou que eu fosse chamar a mamãe que o lavou, trocou e tomando o caminho da vila, levou-o em seu cavalo preto para o arrumador de ossos.

De outra feita, fui eu quem quebrou um braço caindo de uma escada sobre uma enorme pedra. Também destronei um braço caindo do cavalo numa das nossas aventuras de jogar corridas a cavalo pelo enorme potreiro atapetado de grama.

Logo abaixo de nossa casa havia uma maravilhosa aguada. Eram várias nascentes que vertiam abundantes do meio das pedras. Sua água era limpa e muito boa de se tomar. No verão era muito fresca e no inverno bem quentinha.

Uma nascente de onde colhíamos água para nosso consumo, formava bonita fonte escavada na rocha e sobre ela papai construía uma casinha para protegê-la, com portinhola e tudo.

Da fonte a água escorria abundante por sobre um canal de madeira para enorme tanque onde lavávamos as roupas. Era tanta a água que entrava e saía do tanque que a mesma não chegava a sujar. Adorávamos brincar ali. Fazíamos açudes onde os gansos, patos e marrecos passavam o dia.

Em outras de nossas aventuras, meu irmão resolveu fazer uma brincadeira de muito mau gosto. Sem eu perceber, deu-me um empurrão e lá estava eu caída dentro do tanque. Que sensação horrível! Não tivesse me tirado logo, eu por mim, não teria conseguido sair.

Quer no trabalho ou nas brincadeiras, vivíamos cheios de cortes, esfolões, machucados, feridas, picadas. Trabalho para mamãe, à noite.

Dava um dedinho para ir pescar com papai. Na divisa de nossas terras passava um rio e seguido pescávamos em suas límpidas águas.

Apenas para mencionar: em nossa casa por esta época e uns bons anos a mais, não havia luz elétrica, nem rádio.

À noite, usavam-se lamparinas com querosene.

Pena que esta fase da vida foi curta por que foi muito divertida e deixou muita saudade...

Recordar é Viver

Episódio VII: O dos Outros é Sempre Melhor

Já disse que nossa família tinha problemas financeiros, mas nunca nos faltou o necessário em matéria de alimentação.

Mamãe fazia muito pão e que pão gostoso, bonito, bem crescido, branquinho ela fazia. Eram uns doze a quinze enormes pães por vez, assados em forno de barro.

Ela conhecia bem a temperatura do forno e o tempo que levava para assar.

Mamãe ficava triste quando, por algum problema, não ficasse bom ou bonito. No café da manhã vinha o miolo que nós comíamos feito sopa com café.

Na despensa, enfileiradas sobre um comprido banco, havia latas de banha, mel, melado de cana de vários sabores, caixas de marmelada, figada, uva, pêssego, tudo feito por mamãe. Estes não podíamos comer sem que ela nos autorizasse. Eram reservados para quando viessem visitas.

Havia uma prateleira só para guardar as formas de queijo as quais mamãe cuidava muito, pois a maioria era para a venda, bem como os ovos, umas bolas de manteiga bem batida e lavada e ia para o mercado ou venda de onde vinham os produtos necessários, como açúcar, café, tecidos.

Frutas, havia em abundância a laranja, bergamotas, pêra, maçãs, uvas, figos, além de muita melancia e melão, razão de muitos encontros com os vizinhos para saboreá-los.

Na roça plantava-se um pouco de tudo: trigo, milho, arroz, feijão... o suficiente para a família e o trato do gado. Sempre sobrava um pouco para a venda.

Sempre tivemos vacas leiteiras que nos forneciam o leite que era tomado com café ou chá de cacau ou comíamos com pão ou batata doce quentinha. Uma delícia!

Nas refeições a comida era substanciosa. Mamãe sempre foi muito dedicada à cozinha.

Carne de gado ou galinha só comíamos nos finais de semana, embora houvesse boa criação de galinhas.

Seguidamente mamãe fazia carne de porco, pois ao carnear o mesmo tinha-se que aproveitar todo, pois não havia geladeira para conservá-lo. Fazia-se salame, morcilha, queijo de porco... e a carne destinada para o consumo era toda frita em muita banha e assim guardada em latas fechadas. Ao usá-la era separada da banha.

Sempre que se matava porco, papai mandava bons pedaços aos dois ou três vizinhos. Assim que carneassem, mandavam-nos iguais pedaços para os. Era a arte da boa vizinhança e mesmo para não perder a carne por falta de conservação.

Mamãe zelava por sua horta enorme e onde havia de tudo.

Seguidamente, aos domingos, levava-nos à casa de algum vizinho, sendo que o primeiro ficava há uns mil e quinhentos metros. Antes de sair, dava-nos comida com a recomendação de que não pedíssemos à vizinha. Tal recomendação era em vão porque logo ao chegar sentíamos fome do pão da vizinha, do doce ou da fruta da comadre. Era o que tínhamos em casa, mas a dela era tão melhor que a nossa. Mamãe dizia-se envergonhada e desculpava-se, mas nós não estávamos nem aí com os seus sentimentos!

Íamos à escola em companhia de outras crianças que moravam além de nossa casa. Eles traziam uma cestinha de laranjas que trocavam conosco por pão e mel. Eles não tinham mel, mas nós tínhamos laranjas apodrecendo no chão, só que as deles eram mais doces.

Na escola, à hora do recreio, vendiam doces ou pedaços de bolo. Destes nós passávamos vontade, ainda mais que eram confeitados para melhor atrair a criançada, pois não levávamos dinheiro à escola.

Mas deixe-me falar um pouco da comida do colégio. Aí a coisa mudou muito.

Comecemos pelo café da manhã. Havia escala das aspirantes, que duas a duas iam à cozinha, cedo da manhã, preparar o café.

Eram panelões de café com leite, pois havia as religiosas, as aspirantes e as internas, ao todo creio que mais de cem pessoas.

Sabia-se a medida par tudo: leite, pó de café, fatias de pão.

Para as internas ia meia fatia de pão puro e vários bules de café adoçado. Cada qual providenciava o doce ou a mistura que quisesse par o pão.

As aspirantes e as religiosas recebiam a meia fatia de pão sem nada em cima, café sem açúcar e uma bacia de polenta que no refeitório era servida em potinhos de barro. Eu achava o máximo tanto a polenta quanto o potinho!

Eu era perita no preparo da dita polenta que já não sei se era polenta ou coisa semelhante.

Na tarde anterior a cozinheira fazia um panelão de uma mistura com água, farinha e sal. Era impossível cozinhar bem, dada a quantidade e o tamanho da panela. Além do mais, era bem dura. Pela manhã tomava-se um facão e ia-se cortando dentro da panela, fazendo-a em pequenos pedaços. Esmigalhava facilmente. Num enorme panelão de ferro que tínhamos que pegar uma em cada alça para colocar sobre o fogo, colocava-se umas duas colheres de banha, para economizar. Quando estivesse quente ia-se jogando a polenta e mexendo sempre por bastante tempo. Ela ficava toda soltinha e gostosa.

Entre as religiosas havia uma de saúde debilitada e para ela fazia-se, em separado, numa frigideira, a dita polenta com azeite ou manteiga. Invejava-lhe a sorte. Aquela chegava ficar crocante!

Nos lanches da manhã e tarde, comia-se uma fruta. Eram sempre contadas, logo, não havia repetições.

O almoço era bem reforçado e na janta era servida uma sopa ou mingau de banana que eu odiava.

Uma coisa me intrigava. Às vezes ganhava-se uma fruta, um pedaço de bolo ou doce qualquer de uma colega de classe. Não podíamos comer. Era dado à irmã mestra que o destinava à alguma aspirante ou colocado numa bacia que havia sobre um balcão e lá ficava até a irmã dar-lhe um destino. Só se podia comer o recebido se ela autorizasse.

Para mim, gulosa até hoje aquilo era muita provação.

Por ocasião da festa do padroeiro da congregação, as famílias amigas, professores mandavam muitas tortas e pratos diversos às religiosas. Aí tínhamos boa participação.

No domingo, logo após o almoço, uma colega e eu tomávamos uma cesta de vime e a lista de guloseimas feita pelas internas e íamos a um boteco próximo comprar as solicitações. Eram muitos pacotinhos com o nome da respectiva solicitante. Ao final, o vendeiro fazia um pacotinho para cada uma das compradoras. O triste da coisa é que ao retornar ao colégio devíamos entregá-lo à irmã que dificilmente nos destinava algo. No recreio daquele domingo ou quando achava-se por bem, distribuía-o às aspirantes.

Como menina nova, não passei fome não; mas muita vontade de gulodices!

Recordar é Viver

Episódio VIII:

Ai, Ai, que Dor nos Cabelos!

Como boa família de origem italiana, meu avô, pais e tios haviam plantado enorme parreiral nas terras que, após a divisão ficaram para meu pai.

Quando conheci este parreiral, já não produzia tanto; entrara em decadência. Alguns anos após, foi destruído tendo sido aproveitado os arames de sustentação e suas vigas para novos e menores parreirais.

A uva, de várias espécies, era aplicada na fabricação de bom vinho. No porão de nossa casa havia várias tinhas de madeira onde era feito o vinho e após transferido para enormes pipas para aguardar seu envelhecimento. Tínhamos vinho o ano inteiro.

Com o bagaço da uva fazia-se a *graspa*, aguardente proveniente da destilação do bagaço das uvas.

Tínhamos o alambique de cobre, com enorme serpentina. Eu não entendia como que, em se colocando bagaço de um lado, num grande panelão bem fechado, com fogo brando embaixo, saía lá do outro lado, num processo muito demorado, marcando até os graus do álcool contido no precioso líquido que descia preguiçoso para um recipiente, uma cachaça com sabor muito especial e apreciadíssima pelo homem, especialmente o de origem italiana.

Certa tarde em que papai se dedicava a este trabalho, chamou-me e mandou que eu ficasse cuidando que ele e meus irmãos mais velhos iriam para outros afazeres.

Recomendou-me cuidar do fogo, não o deixar morrer, mas colocar pouca lenha e que cuidasse dos números: quando o ponteiro chegasse em tal lugar, deveria trocar de recipiente.

Sentei perto do balde e fiquei cuidando o ponteiro. Também não entendia o que isto tinha haver com o fio de cachaça que descia.

Cada pouco passava o dedo sob o filete do forte líquido e levava-o à boca. Gostei daquilo...

Quando papai voltou encontrou tudo como ordenara e recolheu tudo para recomençar no outro dia.

Como de hábito, toda noite após a janta, de joelhos, apoiados ao assento de uma cadeira, rezava-se o terço, seguido pela ladainha e mais orações. Naquela noite não foi diferente, só que a certa altura, quando todos rezavam eu saí da rotina e falei bem alto : “ai, ai, que dor nos cabelos”. Foi uma risada só. Aí que meu pai se deu conta de que eu havia tomado cachaça e provavelmente, sentindo-se culpado de me ter deixado só num trabalho que exigia cuidados de alguém mais responsável do que uma criança de sete anos, pegou-me no colo e sem nada dizer, levou-me para a cama.

Ainda hoje as famílias italianas que conservaram um pouco dos costumes de seus antepassados, continuam fazendo seu próprio vinho e *graspa*.

A dita *graspa* é produto raro e difícil de ser encontrado, dada a grande mão-de-obra exigida em seu preparo.

Como boa italiana, sempre gostei e, mesmo depois do porre precoce, continuo apreciando um bom vinho e uma inigualável *graspa!*

Recordar é Viver

Episódio IX: Volta às Origens

Ao criar o homem, Deus disse: “crescei, multiplicai-vos e povoai a terra.” E o homem foi obediente ao mandato do criador, indo se multiplicar com certa rapidez, sem muitos, ou creio nenhum, planejamento.

As famílias até algumas décadas passadas, possuíam muitos filhos, principalmente as de origem italiana.

As mulheres não passavam de procriadoras. Mal saíam de uma gestação e de um parto que muitas vezes levava aquelas heroínas à morte, já se deparavam com nova gravidez.

Minha avó paterna faleceu quando dava à luz ao décimo segundo filho o qual levou consigo, o mesmo acontecendo com a avó materna quando do parto de seu décimo filho.

A gestação ocorria sem planejamento, sem preparativos, sem nenhum cuidado médico e o parto se dava com a presença de parteiras amadoras, que faziam o que a experiência lhes ensinara.

Aquelas crianças órfãs, jogadas ao abandono, à falta de carinho, mais se assemelhavam a um rebanho de cordeirinhos criados ao léo, sem mãe.

O pai apavorado diante desta triste imagem, tratava com a maior rapidez de encontrar a segunda esposa para curar sua solidão e cuidar do pequeno rebanho, o que na maioria das vezes não era solução.

Os pequenos órfãos dificilmente se acostumavam com a nova mãe que não raro os tratava mal, vindo a piorar a situação.

Em minha família eu sou a terceira em ordem decrescente de dez irmãos. Quando meu irmão mais velho que eu, estava com quatro meses, mamãe viu-se frente à nova gestação. Garanto, ela deve ter levado um susto muito grande e a aceitação não foi das melhores, não.

Meus pais já com dois filhos viviam na casa paterna junto com o avô e oito filhos solteiros.

Com o casamento de um de meus tios que também ficaria na grande família, meu avô comprou para meu pai uma área de terra distante 12 km, sobre a qual havia uma pequena casa de 5x6m e para lá mandou meu pai.

Numa carroça puxada por uma junta de bois, meus pais colocaram seus pertences, alguns porquinhos, uma gaiola com galinhas e uma vaca de leite amarrada à carroça e lógico, seus dois filhos: um de dois anos e meio e o outro de poucos meses, mais um terceiro, eu, a caminho.

Estrada péssima, rio para atravessar, mas no coração muita esperança.

Lá chegados trataram de se acomodar e de improvisar um lugar para os animais.

Papai derrubou pinheiros, fez tábuas - quando crescidinha lembro dele fazendo tábuas com a marreta e cunhas de ferro - e construiu, a uns quinze metros da casa, uma meia água onde foi instalada a cozinha de chão e sob uma aba do telhado, lugar para a carroça.

Engraçado, por que não fazer a cozinha junto à casa já existente? Parece que procuravam problemas ao invés de soluções.

Mamãe, grávida, trabalhou duro ao lado de papai.

Uma das primeiras providências foi fazer a horta e plantar verduras e hortaliças no que minha mãe foi sempre muito dedicada.

Vizinhos? Havia sim. O primeiro morava a uns dois km da moradia da nova família!

Quando papai precisava ir à vila comprar o necessário, mamãe diz que passava muito medo à noite, cercada por mato e só com a iluminação da pequena lamparina.

Mas o tempo de gestação se completara e a pequena criança devia nascer.

Papai foi avisar a vizinha e montado em seu cavalo preto tomou rumo da vila em busca da parteira.

Era época de enchentes e havia o rio para passar.

Na ida, não houve problemas, mas na volta foi tarefa impossível e não restou outra alternativa que não ser a de levar a parteira para casa e ele ficar na casa de seu pai esperando a água baixar.

Três dias após, voltou ele tendo encontrado sua esposa no estábulo a ordenhar a vaquinha para o leite dos pequenos e a recém nascida, gordinha, saudável, deitada numa caixa de madeira que lhe serviu de berço e ao ser batizada deram-lhe o nome de Vilma. Era eu!

Sem dar tréguas ao tempo, nova gravidez, tão inesperada quanto a anterior, vindo a pequena ao óbito logo após seu nascimento.

Devia ter quase três aninhos quando meus pais colocaram seus pertences na carroça e tomaram rumo à casa do avô.

O velho descontente com o desempenho de sua nova nora, mandou que o casal fosse cuidar de sua vida em outro lugar e pediu a volta de meus pais.

Mamãe sempre diz que os três anos que haviam passado sós foram muito bons, já estavam acostumados, tinham feito suas lavouras e a terra era muito boa. Para não desacatar as ordens do patriarca, voltaram. Como na vida, mamãe estava grávida.

Eu não recorro de nada do local onde nasci, mas vagamente lembro quando nasceu meu irmão lá concebido.

Decorridos mais de sessenta anos, há dois meses voltei, acompanhada de meu irmão mais velho e de minhas duas filhas.

Fiquei emocionada. A casinha ainda está lá. O lugar é maravilhoso. A mamãe me descrevera várias vezes.

Por uma estranha e incômoda escada, ou seja, uma tábua com três ripas atravessadas, escorada à parede, entrei na casinha que hoje serve de galpão a seu dono. Só o quarto é dividido por uma parede. O telhado foi substituído. O interior até que está bem conservado. Uma janela de correr permite a entrada da luz no quarto e mais uma na parede lateral da casa. Na parede dos fundos, largas frestas.

Toda casa antiga tinha porão e esta não fugiu à regra.

Logo atrás da casa uma nascente onde mamãe colhia água para nosso consumo e lavava as roupas, dá origem a um pequeno córrego.

Meu irmão mostrou-me onde estaria a cozinha e a horta. O chiqueiro lá permanece, tão velho quanto a casa.

À frente, numa pequena subida, bonito arvoredo. Mamãe conta que ela derrubou o mato, limpou e plantou espécies frutíferas. As que hoje estão não são as que ela plantou, lógico, mas o lugar foi conservado para este fim.

Pena que mamãe, nos seus mais de noventa anos, pouco recorda.

Gostaria de ouvi-la contar das emoções alegres ou tristes lá vividas, mas ela guardou sempre, só para si, as agruras da vida.

Hoje, com a consciência bastante comprometida pela esclerose, mostra-se uma pessoa muito amarga e revoltada. Lembra apenas de haver trabalhado muito na vida...

Realmente, ela não parava nunca. Levantava muito cedo e deitava-se quando todos já haviam deitado.

Administrava a casa com muita rigidez: costurava, remendava, lavava, cozinhava, cuidava da criação, ordenhava as vacas, fazia queijo e ainda ajudava na lavoura. À noite fazia trança com palha de trigo e confeccionava cestas e chapéus.

Vendia queijo e ovos para suprir as necessidades da casa. De seus dez filhos, hoje todos vivos, tem predileção pelo mais novo dos rapazes o qual não casou e vive só na antiga moradia.

Ela goza de boa saúde, apenas comprometida pela falta de memória, o que nos frustra.

* minha mãe já é falecida, partiu ainda em maio de 2006.

Era o Meu Reino...

Nossa casa ficava num jardim e como era lindo aquele jardim! A casa simples tomava ares de grandeza. À época eu não entendia, mas os anos transmitiram-me sensação de grandeza, romantismo, aconchego.

Quando criança eram duas casas em estilo tipicamente italiano. Numa delas ficava a grande cozinha, despensa, área de serviço e enorme sala.

Ligada por um corredor coberto, estava a outra casa onde se localizavam os enormes e arejados quartos.

A área coberta – corredor – abrigava incontável número de vasos e latas com flores dentre as quais begonhas, gerânios, onze-horas e muitas espécies.

Em casa, tanto o pai quanto a mãe gostavam de flores, que pediam ou ganhavam de alguma vizinha e em não se sabendo o nome batizava-se a flor como “a flor da vizinha tal”.

Ali havia beijos, bei homini, calêndulas, zínias, junquinhos, cravos, cravinas, espironele, aços-de-ouro, margaridas, perpétuas, gérbas, lírios e palmas diversas, jasmims, camélias, azaléias, dalias, mosquitinhos, tulipas, roseiras, bocas-de-leão, brincos de noiva, hortênsias, cristas de galo, buquê de noiva, amor-perfeito e outras mais que não me lembro o nome.

Passados mais de cinqüenta anos desde que saí de casa, lembro-lhes ainda a cor e o lugar onde estavam plantadas.

O que fazia a beleza do jardim é que as flores eram plantadas desordenadamente. Um espaço qualquer era ocupado por uma nova planta.

Lembro bem quanto papai lutou para conseguir mudas de camélia, flor que ele muito admirava. Hoje as camelheiras estão lá, poderosas, cobrindo-se de flores multicores.

Nós crianças, adorávamos apertar os casulos onde se abrigavam as sementes dos bei homini e ver o casulo se enrolar todinho.

Das espironelas nós tirávamos o miolinho que, enfiando uns nos outros, formavam uma coroaizinha que guardávamos nos livros para pensar.

O dorme-dorme não tinha sossego conosco. Era só tocá-lo e ele se encolhia todinho.

As flores de maior porte como as camélias, jasmins, hortênsias, azaléias e outras, bem como as trepadeiras, ficavam junto às cercas e muros de pedra que cercavam o terreno.

Ao lado da casa havia laranjeiras e em seus galhos colocávamos as bromélias que trazíamos do mato.

Atravessando o jardim havia um largo caminho de terra, ladeado por pedras em ambos os lados. Esta passarela estava sempre muito linda, impecável.

Em nosso jardim só não havia duendes que se escondiam entre as flores, inspirando seu perfume e admirando as pétalas entreabertas; mas havia abelhas sugando o néctar, as borboletas multicores pousando nas pétalas aveludadas. Havia também uma dezena de carinhas alegres, saudáveis, que curtiram profundamente a beleza daquelas flores e a pródiga natureza que cercava nossa humilde casa.

À noite, uma das minhas distrações favoritas era acompanhar as aranhas tecendo sua teia. Sua obra desafiava o mais exímio engenheiro ou artista. Ficava sentida quando mamãe, vassoura em punho, destruía aquela obra faraônica.

Nomeio aquela beleza, respirando o profundo ar puro vindo da mata, onde eu me sentia ali, a “Alice no país das maravilhas” e aquele castelo, simples e cercado de flores, era o meu reino...

A Vida e o Rio

Fantástica a comparação da vida a um rio.

Nasce pequeno, desvia obstáculos, corre manso, abre sulcos, avança, joga-se do alto da montanha por entre penhascos, puro, limpo, refrescante, belo, maravilhosamente belo, cantando por entre as pedras a doce cantilena da paz, da mansidão, do aconchego, da vida.

Transpostos os obstáculos, vencidas as barreiras, missão cumprida, ele vai calmo ao mar, espalhando o bem por onde passa.

A vida é isto: desde o nascimento, enquanto avançamos em idade, diminuímos a distância que nos separa do mar eterno, nosso Criador e Pai. E no nosso correr, levamos uma missão da mesma forma que o rio: dar vida, cantar, umedecer as margens, produzir energias... e ao final, o Pai nos espera como o grande mar ao rio. Nele há lugar para a água de todos os rios. Importa navegar sempre, superando os obstáculos sem nos deixarmos vencer pelo cansaço, pelos falsos valores, com o olhar sempre voltado para o alto, para o infinito.

A idade torna a pessoa mais introspectiva, consciente, mais justa na atribuição de valores, sabendo sobrepor o espírito à matéria.

A perseverança é um dos maiores valores do espírito. O importante não é começar bem, mas permanecer no bem, e embora exaustos, machucados pelos encontrões e pelas quedas, chegar ao fim.

A pessoa que sabe fazer da vida uma obra de arte, deixa transparecer de seu semblante e de seu olhar, muita serenidade, paz, ternura.

Ela não maldiz os espinhos, mas exalta a beleza da flor; nas agruras do dia-a-dia espalha sorrisos e agradecimento. Ela faz da vida um hino ao Criador.

Não é fácil viver bem; é preciso recomeçar sempre e do meio do campo minado de joio, saber separar a semente do amor, fonte de todo o bem.

É uma bênção a convivência com pessoas portadoras da verdadeira sabedoria que, conhecem os segredos de pendurar sorrisos de alegria e gratidão até nos galhos secos do cotidiano.

A Maravilhosa Máquina Humana

Não sou escritora, tão pouco pretendo escrever. Apenas coloco no papel alguma coisa que acho interessante, que me atrai e que me ocupa o espírito. Tenho mais facilidade em escrever do que expressar-me verbalmente quando seguido ocorrem-me “brancos” e eu não sei sequer do que estou falando!

Contudo, se me houvesse dedicado à ciência, gostaria de escrever, detalhadamente, sobre esta máquina misteriosa que é o corpo humano.

Você olha para alguém, de preferência jovem e, instintivamente, vem-lhe ao pensamento a imagem da beleza. Boca, olhos, nariz, queixo, fronte, que sintonia há em tudo isto. Pequenos detalhes, alguns traços apenas, distinguem uma pessoa de outra e o incrivelmente extraordinário é que não existem, existiram ou existirão duas pessoas totalmente iguais. Eu, você, somos únicos...

Há pessoas que fogem ao padrão da beleza; seus traços são mais fortes, mais marcantes, mas em seu conjunto formam belo exemplar.

Até entre um magnífico roseiral podemos encontrar uma flor que foge ao padrão, mas que por ser única tem seu encanto.

No entanto, não queria deter-me ao exterior desta pessoa que achei linda, mas aportar-me ao seu interior. É ali que habita o incompreensível, o divino do (ser) humano.

Ah! Mas a medicina desvendou todos os mistérios do corpo humano, conhece-o em seus mínimos detalhes, sabe-lhe a função de cada órgão, músculo, nervo, veia e nada viu nele de tão extraordinário, tão misterioso.

Quando se quer afirmar o bem que se tem a alguém se diz: fulano eu te amo de todo o coração! No entanto, o coração não passa de um órgão, de estranho formato, repleto de artérias, válvulas, veias,

músculos, cavidades e cuja função é bombear o sangue, fazendo-o atingir todas as partes do corpo humano.

Sem dúvida, o órgão da vida, complicado, misterioso. Mas não é ele a sede do amor e dos sentimentos.

Sigamos em nossa viagem até a parte superior do corpo humano, a cabeça.

Na face estão os olhos. São o que há de mais belo em nós. Há olhos doces, serenos, cativantes, puros. Há olhos tristes que revelam sofrimento, amargura. Outros são disfarçados, agressivos, maldosos. Variam na cor, tamanho, formato, mas o misterioso é sua capacidade de ver. Acho a visão a maior prova da bondade do Criador. Eles retratam o íntimo de cada ser. São eles, o espelho da alma.

Na parte interna superior da cabeça está o cérebro, formado por massa de substância nervosa, origem dos movimentos voluntários.

Esta formação de extraordinária magnitude, nos torna seres superiores, inteligentes, com razão, vontade própria, talentos, aptidões.

Nada fizemos para merecermos tão grande dádiva. Simplesmente fomos feitos.

Cabe-nos desenvolver e fazer estes talentos produzirem frutos e sermos filialmente agradecidos a Deus que nos fez semelhantes a Ele.

É um pouco estranha esta minha afirmação, mas, meu irmão, eu te amo com todas as forças do meu cérebro!

Se Poeta eu Fosse...

Queria engrandecer a natureza,
Cantar a beleza das florestas em seus infinitos tons,
Exaltar a altitude das montanhas e penhascos,
Enobrecer a profundidade das depressões.

Cantar em verso a alvura da cascata,
Banhar-me em suas límpidas águas,
Sobre as pedras sentar-me a contemplar,
Fechas os olhos e melodias escutar.

Enamorar-me com a serenidade da fonte,
Extasiar-me diante da imensidão do mar.
Voar nas asas do vento,
Por entre as mãos uma estrela segurar.

Quisera poetar o vulcão em lavas
A lançar o fogo que queima, abrasa, consome,
Qual coração a explodir de amor e paixão
Por sua bela da qual está enamorado.

Sobre grama fresca queria repousar,
E absorta, a minúscula flor contemplar,
Emudecer, simplesmente emudecer
Ante a perfeição de tão harmônico ser.

Ser lírica ante o sol que por entre as nuvens surge
Inundando o cosmo com seus raios de ouro
Da mesma forma, poder saudá-lo à tarde
Quando, em fulgurantes cores por traz do monte vai.

Pôr-me à janela a espreita da lua que lenta surge,
Cantada em prosa e verso pelos enamorados.
Pegar carona numa cauda de cometa, e
Por entre as estrelas viajar, sonhar, poetar, poetar...

Colabora Amiga!

Pensei... Pensei... Estava a fim de desistir. Ora, escrever sobre a memória. Sei lá o que é, como funciona, onde se localiza. Nunca li nada a respeito e nunca ouvi alguém cientificamente, referir-se a ela.

Por vezes, ocorrem-me uns lapsos de memória e eu penso cá comigo: é a danada da memória me deixando na mão. Não raro estou falando e esqueço o assunto ou falta-me a palavra.

Não raro, vou de uma peça a outra da casa apanhar algo e chegando lá, fico feito pateta, pensando o que estou fazendo ali! Volto, olho para o que estou fazendo e aí lembro do que queria!

Numa noite dessas acordei com uma idéia boa para fazer meu texto. Escuro, frio, não tinha papel para anotações: amanhã ao levantar anoto a idéia e desenvolvo o texto, pensei. Ao levantar, não lembrei absolutamente nada do que havia pensado e não tinha sido sonho. Domingo, após o almoço, para aproveitar umas claras de ovo, resolvi fazer uns suspirinhos. Em casa gostamos muito.

Coloquei os ingredientes numa tigela e amassei bem. A massa ficou muito bonita. Preparei as formas e fui fazendo bolinhas do mesmo tamanho e dispondo-as de modo que ao crescer não grudassem umas nas outras. Tudo indicava que sairiam muito lindas. Com cuidado levei-as ao forno pré-aquecido e fiz meu pensamento positivo.

Pouco depois dei uma espiadela. Para minha surpresa com o calor, ao invés de crescer, espalharam-se para os lados. Fiquei chateada e repensei os ingredientes: polvilho, açúcar, claras. Lembrei então do quarto ingrediente tão ou mais importante que os outros, o fermento; ingrediente que tantas vezes nos falta em nosso cotidiano, em nossas decisões e a massa de nossas ações ao invés de crescer e ajudar a alguém que está perto e nós a crescer também, amofina e seca.

Foi só uma brincadeirinha da memória que achou que uma colherinha de pó branco não iria fazer falta naquela imensidão de açúcar e polvilho tão branquinhos.

E dia desses na hora do almoço, minha filha reclamou do gosto adocicado da carne na panela. Mãe, a senhora deve ter se enganado ao salgar a carne: colocou açúcar ao invés de sal. Respondi-lhe que não usei o açúcar naquela manhã e não tinha explicação para o acontecido.

Ao chegar a outra filha à tarde, reclamou do sabor da carne. Eu não tinha como explicar o fato quando a mesma me perguntou que água eu havia usado. Coloquei a água da térmica na chaleira, respondi. Eu mesma colocara açúcar na água da térmica para o mate e aí estava a explicação. Quantos livros já li, que não lembro absolutamente nada de seus conteúdos.

Gostaria de saber qual a porçãozinha do cérebro é a responsável por este misterioso e magnânimo ato de reter as idéias ou noções adquiridas. Esta massa de substância nervosa é a sede das sensações, da inteligência, talentos, razão, vontade e a origem dos movimentos voluntários. Estará esta porçãozinha responsável pela memória sofrendo alguma alteração ou não estará recebendo o devido cuidado?

Tenho grande admiração por pessoas de idade avançada e senhoras de brilhante memória. Não brinca comigo minha amiga massa cinzenta!

A vida é bela e eu quero ficar bem velhinha e lúcida; e juntas contaremos histórias aos netos e bisnetos, leremos muito, faremos muitos bordados e muitas roupinhas de tricô...

Colabora, amiga!

Raízes

Com admiração olhamos para a frondosa e secular árvore que se ergue esbelta apontando o infinito.

Braços estendidos cobertos de folhas, projetam acolhedora sombra para o viandante que descansa do longo caminho e busca alívio do causticante sol. Em seus ramos as aves repousam, constroem seus ninhos, nascem seus filhotinhos, em seu tronco, fixam-se cactus e bromélias, onde insetos buscam seu alimento e abelhas sugam o néctar que será transformado em doce mel.

Coberta de flores, um colírio para os olhos. Carregada de frutos, atração de milhares de aves e insetos.

Há árvores que não produzem flores nem frutos, mas cujo tronco tem inestimável valor quando transformado em madeira. Quantas casas são construídas, quantos móveis são feitos.

A madeira tem incontáveis aplicações e seu valor econômico financeiro é muito elevado.

A madeira está conosco do nascimento à morte, do berço ao ataúde.

Poucas vezes ao contemplar o belo exemplar, lembramo-nos de que a imponente árvore deve sua vida à raiz.

Escondida, humilde, obscura, silenciosa, generosa, agarrada à terra qual cordão umbilical ao útero materno, só tem uma ambição: a de manter a vida da planta.

Para isto, avança, suga, capta e manda a seiva vitalizante ao tronco, ramos e folhas.

Tão maior a árvore, maiores e profundas as raízes.

Quando se quer eliminar uma plantinha ou erva daninha, elimina-se pela raiz.

Por vezes um resquício de raiz que fica no solo é o suficiente para que a planta renasça, mostrando seu apego à vida.

Grande lição de humildade, desapego, perseverança, fidelidade, trabalho, grandeza, vida... nos dá a raiz.

Árvore, que hoje posso compará-la a uma mãe, à minha mãe...

*“Frandosa árvore que me abrigaste quando criança
Sob tua sombra meu berço repousou
Sonhei que em teus braços me tomaste
E na maciez de teu peito minha face descansei.*

*Teus galhos, braços leves a bailar.
Tuas folhas, tantas quantas as estrelas,
Lábios doces a beijar,
Teu farfalhar, suave cantiga de ninar.*

*Mãe árvore, minha mãe quase secular.
Generosa, dedicada, humilde, corajosa.
Raízes profundas seu lar exigiu;
Boa semente lançou, missão cumprida, vitórias conquistou.*

*Não lamentos o passado, foi duro e difícil, já passou.
Dez árvores de raízes fortes tu plantaste
Ei-las saudáveis, viçosas a te cercar,
Flores , frutos, glórias de teu longo labutar..”*

Brincar de Infância

“Vem e deixa que eu abandone a minha mão na tua para que possamos brincar de infância. Vem e entrega a tua mão na minha outra para que possamos fazer currupios.”

Assim começa o texto Redescobrimo Cantigas, de Eunice Jacques.

Retrato-me nele e volto aos belos tempos da infância.

Pés descalços, cabelos em desalinho, rosto lambuzado de frutas silvestres, inconseqüentes, despreocupados, chegávamos ao limite em nossas brincadeiras: tirar aquela fruta no galho mais alto da árvore, alcançar aquela forquilha da árvore onde um passarinho fizera seu ninho para ver quantos ovinhos havia nele; provocar aquelas vespas que construíam seu cortiço na cumeeira da casa; imitar o Tarzan dependurando-se naquele cipoal que descia da árvore no meio do mato; correr a cavalo pelos campos; pescar à noite junto do pai; andar em pernas de pau; jogar bolas de gude e muitas outras brincadeiras que nós mesmo criávamos... Como era gostoso, como fazia bem. Não se pensava em coisas menos boas.

Se você contar a seus netos que fazia tudo isto, vão duvidar de você. Hoje, ainda bebês vão para as creches, escolinhas, pré-escolas, onde são muito bem cuidados para que não se sujem ou se machuquem. Em casa, pregam-se ao sofá e quedam imóveis diante da tevê. Ficam tão absortos que esquecem de tudo e ali mesmo fazem suas refeições.

Seus brinquedos são eletrônicos. Jamais colocaram seus pés em contato com a terra; jamais subiram em uma árvore; nunca comeram aquelas deliciosas frutinhas colhidas diretamente do pomar ou da árvore no meio do mato; tomam o leite embalado em caixas, quando nós o tomávamos recém tirado da vaquinha, quentinho e espumante; jamais

acariciaram um terneirinho apenas nascido, muito menos entrariam em um galinheiro, pegariam as galinhas de seus ninhos para ver se já botaram ovos ou tirariam uma galinha choca de sobre os ovos para ver os pintinhos na hora de quebrar a casca e colocar as cabecinhas macias para fora do ovo que os abrigou. Nós fomos do tempo da peteca que fazíamos com a palha de milho. Se cismássemos colocar nela as penas do galo que ciscava no pátio, corríamos atrás dele até pegar e conseguir as desejadas penas. Que emoção descobrir escondido por trás de um arbusto ou por entre o capim, uma ninhada de ovos! Éramos muito criativos. Nossa imaginação fervia!

Minhas filhas curtiram um pouco deste contato com a natureza quando de nossa idas anuais à casa dos avós, onde permanecemos alguns dias, mas já não era a mesma coisa de quando éramos crianças. Aquela liberdade, o contato constante com a natureza, os pés sempre junto à terra, os alimentos simples mas saudáveis, sem nenhum agrotóxico, muita fruta e verdura colhidas da horta, carne de aves criadas sem ração... tudo colaborou para que tivéssemos uma infância saudável, sem doenças, com muita disposição para o trabalho, o estudo e as brincadeiras. E aí, nos intervalos da aula, na folga após o almoço, nos fins de semana, às noites de lugar, nós brincávamos muito. Conhecíamos como você conheceu e talvez brincou, todas as cantigas de roda que hoje não são mais cantadas; brincávamos de estátua e fazíamos as mais estranhas expressões para sermos os escolhidos.

Como recordar é viver, eu recorro e vibro em meu íntimo, por tão bons tempos vividos na simplicidade sim, mas muito gostosos e acima de tudo muito felizes.

Outubro de 2004
Texto apresentado no
III Sarau Artístico Literário do CREATI

Novos Tempos

Naqueles bons tempos, não havia luz elétrica, não havia rádio, a televisão só veio muitos anos depois...

Colhia-se água pura da fonte com balde de madeira, o ferro de passar era aquecido à brasa, a máquina de costurar tocada à mão...

Fogão à lenha aceso de manhã à noite e muito acolhedor, as portas sem fechaduras, pois não havia o amigo do alheio, fechar pra que, só para ter o trabalho de abrir?...

Escrevia-se na lousa. Ah, que saudades da minha velha lousa com penas para escrever. Como gostaria de ter uma hoje para relembrar aqueles tempos.

Boneca de pano, cavalos de pau, petecas de palha de milho com penas de galos pegos na hora!

Balanços com cordas amarradas aos galhos das árvores, frutos colhidos fresquinhos e comidos ali mesmo...

Nem doenças havia apenas me lembro de uma forte febre que começou em mim no dia que fazia anos e me deixou muitos dias de cama. Que sensação horrível ao ver fantasmas na parede atrás da porta!

Eram tempos tranquilos, de calma e simplicidade. Até o ar era mais puro, a lua mais romântica, as noites mais serenas.

Os pirilampos, atraídos pela luz de nossa lamparina à querosene, voavam da mata até nós, os apanhávamos e colocávamos sob um copo de vidro.

São águas passadas, ficou somente a recordação...

Se olharmos para trás perderemos o ritmo da caminhada que hoje é célere. O progresso desestabilizou-nos.

Se nos dotou de todos os recursos possíveis e imagináveis, tirou-nos a tranqüilidade, a segurança e para não sermos ultrapassados precisamos tomar este bonde e pagar o caro tributo do progresso.

A letra da música “Novo Tempo”, de Ivan Lins, retrata a realidade dos tempos atuais.

Para os que olham a vida através de lentes embaçadas, o mal, a corrupção, o vício, podem haver tomado conta do homem e tê-lo corrompido a ele e a sociedade toda.

Aos que vêem o mundo através do prisma do otimismo, fazem dos males que nos afligem, degraus para o crescimento.

Os perigos, os castigos, a força bruta da noite que assusta, a injustiça, os enganos, nos fazem crescer, estarmos atentos, lutarmos, nos vestirmos de coragem e esperança.

Somos atores no cenário da vida, onde não há ensaios, mas somente apresentação ao vivo.

A vida é uma luta, uma briga, e precisamos de muitos malabarismos para vencer.

Estamos em um novo tempo, marcados para sobreviver e é preciso que nossa esperança seja mais que a vingança, seja sempre o caminho que se deixa de herança.

Dia de Faxina

Estava precisando fazer uma faxina em mim...

Jogar alguns pensamentos indesejados fora, lavar alguns tesouros que andavam meio que enferrujados...

Então tirei do fundo das gavetas lembranças que não uso e não quero mais!

Joguei fora alguns sonhos, algumas ilusões...

Papéis de presente que nunca usei, sorrisos que nunca dei; joguei fora a raiva e o rancor das flores murchas que estavam dentro de um livro que nunca li.

Olhei para os meus sorrisos futuros e minhas alegrias pretendidas... E as coloquei num cantinho, bem arrumadinhas.

Fiquei sem paciência!...

Tirei tudo de dentro do armário e fui jogando no chão:

...paixões escondidas, desejos reprimidos, palavras horríveis que nunca queria ter dito, mágoas de um amigo, lembranças de um dia triste...

Mas lá também havia outras coisas... E belas!

Um passarinho cantando na minha janela...

Fui me encantando e me distraíndo, olhando para cada uma daquelas lembranças.

Aquela lua, cor de prata, o pôr do sol ...

Sentei no chão, para poder fazer minhas escolhas.

Joguei direto no saco de lixo os restos de um amor que me magoou.

Outras coisas que ainda me magoam, coloquei num canto para depois ver o que farei com elas, se as esqueço lá mesmo ou se as envio para o lixo.

Peguei as palavras de raiva e de dor que estavam na prateleira de cima, pois quase não as uso, e também joguei fora no mesmo instante!

Aí, fui naquele cantinho, naquela gaveta que a gente guarda tudo o que é mais importante: o amor, a alegria, os sorrisos, um dedinho de fé para os momentos que mais precisamos...

Como foi bom relembrar tudo

Recolhi com carinho o amor encontrado, dobrei direitinho os desejos, coloquei perfume na esperança, passei um paninho na prateleira das minhas metas, deixei-as à mostra, para não perdê-las de vista.

Coloquei nas prateleiras de baixo algumas lembranças da infância, na gaveta de cima as da minha juventude e, pendurado bem à minha frente, coloquei capacidade de amar...

...e principalmente de **RECOMEÇAR...**

Dia de Faxina II

Há dias que você acorda com vontade de fazer ordem na casa, nos armários, dar um novo lugar às coisas. Isto lhe faz bem, lhe dá o prazer da renovação.

Neste dia, porém, levantei com a disposição de rever os cômodos do meu eu, rever o meu interior, a minha essência.

Não sabia por onde começar. Somos um tanto complicados. Fui vendo tudo que havia em mim. Separei as coisas boas das menos boas e ali, na minha frente, um montão de coisas.

Comecei a limpar as gavetas, tirando bem o pó.

Separei a falta de sensibilidade, o comodismo, falta de diálogo... Para, ao final, resolver o que fazer com eles.

Recolhi, com carinho, o amor e a gratidão ali encontrados e dei-lhes um lugar especial.

Coloquei perfume na esperança, passei um paninho na caixinha das minhas metas e coloquei-as bem à mostra para não perdê-las de vista.

A seguir, passei para a gaveta das lembranças onde me detive por longo tempo: papéis amarelados, mas bem guardados, perfumados e amarradinhos com laços de ternura.

Soltei o laço e docemente acariciei as lembranças de minha infância. Senti-me renascer!

Lá estava meu bom e carinhoso pai, sentado sobre um tosco banco de madeira, fazendo bonequinhos malabaristas ou pernas de pau para nós brincarmos. Nas tardes de chuva, enquanto papai fazia cestos de vime ou taquara, nos sentávamos junto a uma grande bacia de pipocas e ouvíamos suas histórias de quando era criança ou falando de seus pais e avós vindos da longínqua Itália.

À hora dos temas de casa, ao redor da grande mesa, papai fazia-se verdadeiro e severo professor. Quanta coisa aprendi com aquele homem rude de mãos calejadas e coração magnânimo. Sabia ser firme paciente e compreensivo ao mesmo tempo.

Mamãe, aquela sábia analfabeta que conduzia com firmeza as rédeas da casa, lá estava a cozinhar, fazer pão para muitas bocas, lavar, remendar costuras, mantendo tudo sob controle.

A vocês, meus pais queridos, reconhecimento, gratidão, saudades.

Aquela enorme casa onde meus pais criaram seus filhos, quantas lembranças traz!

Fui abrindo uma a uma, todas as lembranças, e após revividas, coloquei-as com carinho, junto ao amor e a gratidão, porque as doces e sadias lembranças da infância vivida no aconchego de um verdadeiro lar, são a tatuagem afetiva que todos nós carregamos no coração.

No chão, só restos, marcas de um tempo que não volta mais...

Outubro de 2003
Texto apresentado no
II Sarau Artístico Literário do CREATI

Laços e Pealos

Pealaste-me como quem joga o laço sobre um animal em treloucada corrida; iludiste-me, enganaste-me.

Tuas amarras eram cordas duras e secas que trancaste ao longo de teus dias pelos tortuosos e árduos caminhos que percorreste, machucando teus pés nas pedras e espinhos que atapetavam o chão duro de teu caminhar.

Tuas mãos grossas e calejadas trançavam laços que jogavas ao léo, prendendo, sufocando, armando ciladas, sem dó nem compaixão.

Eras viril, forte, insuperável. Eras a força, a massa bruta, a mistura de pedra, ferro e aço. No entanto, te quebraste, caindo sobre ti mesmo. Erraste o pealo.

Tornaste-te um montão de escombros e quando confuso, te reclinaste para recolher teus destroços, ficaste estupefato ao descobrir por entre perdas e enganos, que em ti pulsava um coração bem humano.

Tomaste-o nas mãos e sentiste-lhe o calor, a maciez, a bondade e a honradez; e reviveste, e tornaste-te sensível, compassivo, e recompuسته teu ser, teu viver.

Os laços de couro e espinhos que jogavas com tuas mãos fortes destituídas de sentimento, tornaram-se laços de doçura, afinidade, união, afetividade, sintonia, afeição, amor. Laços são fáceis de soltar; protegem mimos, são sempre aceitos e desejados.

Gosto da palavra laços, a qual pode significar força bruta, prisão, dureza, engano, traição, quanto pode ser sinônimo de união, afeto, bem-querer, delicadeza.

Muitos laços de amor, de todos os tamanhos e cores, sejam jogados ao vento e qual perfume, atinjam muitos corações e mentes neste nosso mundo que esbarra com tanta desunião, ilusões e enganos

Olhos para Ver

“...dias mágicos em que nosso olhar percebe a beleza gratuita ao nosso redor...” - Mário Quintana.

É uma flor silvestre, amarela, delicada como todas as flores. Mirradinha junto à grama pisada; esbelta, recostada ao tronco de um arbusto; digna de um pôster quando solitária sobre a terra desnuda e seca.

Hoje a vejo viçosa, em traje festivo, raízes presas ao lixão mal cheiroso e infestado de insetos que vivem no monturo.

“No lixo também nascem flores”, dizia a grande cantora e compositora Fátima Leão. Se bem que fétido e podre, transforma-se em adubo e propicia a fertilização de sementes que crescem rapidamente e abrem suas corolas à luz do sol e ao orvalho da manhã.

Assim como existem os lixões nas cercanias das cidades, também existem as favelas, amontoados humanos onde faltam todas as condições básicas e necessárias para uma vida digna; onde os vícios, a droga e a marginalidade imperam soberanos.

Do meio deste lixão humano, brotam jóias de incomensurável valor, cujo brilho ofusca qualquer metal ou pedra preciosa. Deste lixão esquecido pelas autoridades, excluídos da sociedade, recebemos grandes valores humanos; pessoas fortes que superaram o insuperável e deixaram atrás de si o infortúnio do qual grande percentagem não conta com a sorte e a coragem de se livrar.

As flores nascidas nos lixões me comovem. Acho-as lindas, fortes, corajosas e suas lições vestidas de sabedoria.

Quero os fétidos lixões recobertos de flores coloridas e que das favelas nasçam cada dia mais flores que venham espalhar seu perfume em nossas escolas, faculdades, empresas e em toda a sociedade, hoje tão carente de reais valores.

Nós

“Nós somos as coisas a que demos nome, nós somos as escolhas que fizemos. NÓS SOMOS NÓS ETERNOS”.

Nós, eis o nó da questão. Não quero me referir aqui ao pronome pessoal da primeira pessoa do plural, mas ao laço apertado feito com corda, barbante ou outro material que se preste para isso e que seja difícil de soltar

À primeira vista, a palavra parece apresentar-se como sinônimo de dificuldade, como problema a ser resolvido. Já desatei muitos nós na vida, quer feitos com linhas ou barbantes, quer de ordem pessoal, profissional, sentimental, familiar... É sempre um prazer conseguir soltar nós. Tem-se a sensação de alívio, de liberdade.

Por vezes, torna-se necessário o uso de nós para unir coisas entre si, ou seja, fazer amarras, para iniciar uma costura à mão, pregar um botão e por aí vai... A tendência natural, o entanto, é soltar os nós. Em geral, eles atrapalham e enfeiam, por isso sempre costumamos desfazê-los.

Eu sou do contra. Adoro dar nós. Passo horas, dias, fazendo nós. Meus dedos chegam a criar bolhas é preciso que lhes passe uma proteção para conseguir na ânsia de fazer nós e mais nós, num trabalho lento e compassado, com o cuidado de fazê-los iguais. Dia desses, cortei quinhentos e vinte e oito fios de noventa centímetros cada e pus-me com eles a fazer nós. Nós simples, nós duplos, nós de bolinhas, nós de gravata, nós de festonê.

Quanto mais fazia, maior era o desejo de transformar aquele fio todo em nós. Dos quatrocentos e setenta e cinco metros e vinte centímetros de fio, fiz aproximadamente, quatro mil quatrocentos e sessenta e seis nós!

Alguém me perguntaria se não tenho outra coisa a fazer que não perder meu tempo tecendo nós, ou se estaria eu em meu perfeito estado mental. Convidaria a quem achar estranha essa arte de “enozar” a me acompanhar num verdadeiro e prazeroso relaxamento.

O resultado de tantos nós encanta a quem os faz e a quem valoriza o belo, a arte; além de finalmente enfeitar ambientes com a delicadeza e perfeição desse trabalho. Criativa a pessoa que inventou a arte dos nós, o macramé. Eu adoro fazer nós!

Todos nós devemos dar nós, formando uma corrente com apertados elos de amor, união, amizade, companheirismo...

Nós, nos nós da vida, tecemos a rede que nos embala, cosemos a rede que nos pesca, amarramos as experiências que nos fazem...

São Cinco Horas

A hora ia avançada. Era quase o final de mais um dia de labuta. O dono da videira deu sua última busca pelas ruas e praças do vilarejo. Encontrou mais alguns desocupados e indagou deles qual a razão de assim estarem. “ninguém nos contratou”, foi a resposta. “Ide vós também para minha vinha”, disse-lhes o Senhor.

Finda a jornada de trabalho, o dono da videira chamou o feitor e mandou que pagasse a todos os operários com a mesma moeda, a começar por aqueles que haviam trabalhado somente uma hora. Tanto estes quanto os que haviam trabalhado mais horas ou os que haviam trabalhado desde cedo e enfrentado os rigores do sol, todos receberam a mesma paga.

Ao ver tanta generosidade do patrão com relação aos últimos, os que trabalharam todo o dia aproximaram-se na certeza de receber uma melhor remuneração, mas para seu espanto, receberam o mesmo salário dado aos últimos e reclamaram julgando-se injustiçados.

“Não foi este o contrato que fizestes comigo ao iniciar o trabalho na primeira hora? Não vos fiz injustiça alguma, apenas quis igualar os últimos aos primeiros”.

Para Deus, o divino patrão, não existe hora, nem tempo algum. Para Ele é sempre hora para começar a agir, a trabalhar pelo bem em favor do semelhante ou em seu próprio favor.

Nunca é tarde para um começo ou recomeço. Enquanto nos restam forças, boa vontade e vida, é tempo para cultivar-se, para crescer, para doar-se.

Ele, o verdadeiro patrão, não conta as horas, mas vê nossas intenções e será sempre muito justo na recompensa.

Mesmo sendo cinco horas no relógio de nossa existência, ainda poderemos produzir muitos e bons frutos.

Basta querer!

Medo

Melhor se fosse uma emoção de alegria, de entusiasmo. Esta que me vem a mente agora, e é recorrente sempre que um fato semelhante volta a acontecer, causou-me medo, deixou-me traumas.

Desde jovem sempre tive muito medo de chuvas fortes e do vento.

Era começo de inverno, de um inverno muito austero e chuvoso. Pelas vinte e duas horas daquela noite, armou-se forte temporal, caindo chuva torrencial durante toda a noite.

Eu não deitei. Como fazia minha mãe, acendi velas e queimei ramos bentos. Rezei vários terços naquelas longas horas.

Pelas cinco horas da manhã, resolvi deitar, mas um ruído como o de um grande temporal que se aproximava, causando-me espanto. Tinha medo de olhar para fora e quando meu marido, por insistência minha, resolveu fazê-lo, levou um grande susto e me chamou. A região em que morávamos, por sinal uma baixada, estava como que um mar revolto. Onde deveria haver a rua, se via apenas os soldados do corpo de bombeiros com crianças e mulheres às costas, tirando-as de se afogarem ou serem levadas pelas águas.

O desespero tomou conta de mim. Eu queria sair. Tinha uma filha de poucos meses. Tomei-a ao colo e queria pô-la em lugar seguro. Não era possível sair sem grande risco.

Meu marido pegou panos, colocou-os sob as portas, prensando bem, e ficamos a espera, vendo a água subir com grane rapidez.

Clareando o dia, parou a chuva e a água, lentamente, começou a baixar, deixando rastros de destruição.

Desta vez, a água não entrou em nossa casa, como o que aconteceu pouco tempo depois, quando um riacho que por ali passava e fora canalizado, tornando-se subterrâneo, estourou e em poucos minutos,

junto com a forte chuva que se abatia, inundou dezenas de casas, causando desabrigo, mais destruição e muita tristeza.

Foi desta vez que perdemos quase tudo que tínhamos em casa, além de nos encher de medo, medo este que me acompanhou durante toda a vida e que ainda me faz companhia cada vez que o Senhor Tempo e a Sra. Natureza resolvem impor sua fúria sobre nós.

SUS, a Vida é Bela!

Ouve-se por vezes, pessoas não tão idosas, dizer que se sentem velhas, incapazes, inúteis.

Escondem suas capacidades e seus dotes atrás de umas dezenas de anos e não fazem outra coisa que não esperar os dias passarem.

São pessoas que, ao se conversar com elas, o assunto é reclamar da vida do sofrimento, da falta de atenção dos mais jovens e a cada dia que passa são acometidas por uma nova doença.

Talvez tenham realmente tido uma vida atribulada, para a qual não tiveram ajuda ou capacidade de superação. São pessoas um tanto infelizes que se sentem marginalizadas. Não conseguiram embarcar no trem da amizade, da alegria, da solidariedade, da ajuda mútua.

Rastejaram pela vida e tudo viram com olhos muito terrenos. Não observaram o vôo elegante e altivo das águias que fazem seus ninhos no cume das montanhas, onde o ar é puro e não há a podridão tão cobiçada pelas aves de rapina.

Nós fomos criados para o infinito, para a luz, para a vida e é por isto que a cada amanhecer temos que agradecer ao criador o dom da vida, da inteligência, da capacidade de doação tão própria dos corações generosos.

A pessoa que assim procede é feliz, supera todas as dificuldades, esquece seus males e acima de tudo é sempre jovem, ao contrário de mitos jovens que, ao invés de alçar vôo, rastejam acorrentados à dependência de drogas e vícios. Ao se darem conta do tempo perdido poderá ser tarde demais.

O coração qual sementeira, precisa ser cultivado, ter arrancado de si toda erva daninha, ser purificado através da tribulação, a fim de que voe livre e feliz além de aniversários e através do sempre.

Como vi e Senti o Sarau

Meu pai, agricultor simples e de poucas posses, trabalhador, honesto, pacato e bonachão, orgulhava-se de seus dez filhos terem estudado em escola particular. Para ele, o Grupo Escolar não era confiável!

Realmente, aprendia-se muito e valorizávamos os esforços de nosso bom e preocupado pai, de saudosa memória.

Todas as datas cívicas eram comemoradas, merecendo destaque especial a festa da Independência, mais conhecida como o “7 de Setembro”.

Quanto ensaio de marcha por aquelas ruas poeirentas, ao som de um ou dois tambores! Marchava-se cantando hinos pátrios e nenhum aluno, salvo grave motivo, furtava-se ao desfile. No altar da pátria, todos em posição de sentido, ficava-se horas a ouvir discursos e declamações.

No entanto, um 7 de Setembro calou fundo em mim. Os pelotões eram formados em ordem decrescente de tamanho e à frente de cada pelotão ia o mascote. Era o ano de 1950 e eu, aluna da 5ª série. Fui escolhida mascote!

Meu Deus, quanta emoção! Saia azul pregueada, blusa branca com o emblema da escola bordado à mão, tope de cetim branco no cabelo, “carpim” branco com uma listra azul marinho e pasmem: sandália de duas tiras nos pés.

O que distinguia o mascote era aquela faixa verde-amarela em diagonal do ombro ao quadril. Eu, caipirinha que era, me sentia emocionada, enlevada, não cabia em mim de tanta felicidade. Parecia que todos me olhavam, que emoção!

Decorridos mais de 50 anos, eu me senti novamente aquela menina feliz com todos os olhares voltados para mim, no primeiro Sarau Literário do qual participei. Não senti o tempo passar, pois não sentia a mim mesma. Estava enlevada e para meu espanto, falei da

melhor maneira que consegui e fui aplaudida generosamente. Podem ter aplaudido porque estavam emocionados pela apresentação dos números anteriores, pelo desfecho do Sarau, visto que minha apresentação foi a última, mas enfim, se por delicadeza do seletor público ou por merecimento, senti-me novamente importante com o reconhecimento do público!

Eu, qual menina da 5ª série dos anos cinquenta do século passado (...), senti-me o máximo. Como é bom massagear o ego.

Fazendo uma avaliação do Sarau Artístico que participei, ele realmente marcou e não será esquecido. Fora muito bem pensado, planejado e executado em seus mínimos detalhes. Houve entrosamento na organização, preparativos, decoração.

Sempre há os que corajosamente tomam a dianteira e tudo fazem para algo acontecer. Neste caso, méritos à nossa professora Pia Helena.

A professora Márcia deu asas a seus nobres sentimentos e tocou com alma e coração, dando vida às mais belas melodias. Thiago, o violinista, fez chorar as cordas de seu doce violino, e o grupo Tanz, leves qual borboletas e velozes como colibris, deram ao evento um toque ímpar.

Até aqui todos desempenharam perfeitamente seu papel, mas modestamente falando, o sucesso da apresentação recaiu em grande parte sobre cada integrante da Oficina Literária do CREATI, que deu tudo de si para o maior brilhantismo do acontecimento, prova da capacidade e desempenho de cada um.

Sinto que, mesmo havendo outros, não mais haverá momento tão especial, posto que fora único... A platéia aplaudiu e aplaudirá sempre que algo semelhante volte a abrilhantar nossos olhos!

Um Pouco deste País

A vida continua me oferecendo agradáveis surpresas, como a viagem que fizemos, minhas filhas e eu, para a Bahia, mais precisamente, Porto Seguro. Terra Mater do Brasil, onde permanecemos por vários dias. Viagem ótima, hospedagem excelente. Os guias turísticos incansáveis em suas explicações e orientações (ou será que era eu a insaciável em perguntar?).

O baiano, povo alegre, simples, tranqüilo, tostado pelo sol causticante, acostumado com a falta de chuva, desdobra-se em atenções a seus visitantes, visto ser o turismo sua fonte de renda.

O que atraiu de imediato minha atenção, foi a vegetação típica da região: coqueiros, coqueiros e mais coqueiros. Altivos, elegantes, eretos, carregados de belos e bem dispostos frutos. Em um só coqueiro havia muitos frutos bons para colheita, outros à meia viagem e ainda outros iniciando o processo de crescimento.

Junto aos lugares históricos que deram início à nossa civilização, fiquei fascinada pela jaqueira, árvore de grande porte, farta copada, folhas de um verde musgo encantador e aquela fruta enorme, a jaca, a qual não encontramos no Sul.

Ironicamente, cada vez que via uma destas árvores, imaginava alguém descansando a sua sombra e ser atingido por um destes enormes frutos. O estrago seria grande.

Sempre tive curiosidade em conhecer o mangue, vegetação típica das regiões ribeirinhas com seus solos negros. Surgindo de dentro daquela lama negra, número sem fim de caranguejos pretos ou avermelhados, alheios aos gritos de admiração ou espanto dos curiosos turistas.

Também saciei a curiosidade com relação ao caju: conheci o cajueiro, experimentei sua fruta com sua castanha. Acho o caju o mais lindo entre as demais frutas.

Embora quase em extinção, lá estavam as baianas em seus trajes típicos, com seus tabuleiros repletos de cocadas, acarajés e outras iguarias.

Famosa em Porto Seguro, a Passarela do Álcool. Durante o dia, Avenida do Descobrimento e, ao entardecer entrando pela noite e madrugada, é ocupada por milhares de barracas, oferecendo ao turista tudo o que possa imaginar em matéria de gastronomia, artesanato e muita música.

As praias das quais o baiano se orgulha, são deveras lindas, mas de uma beleza diferente das nossas.

A água não é poluída, mas a areia é grossa e o espaço para os banhistas diminuto. Estes abrigam-se junto aos grandes quiosques cobertos em palha de buriti sob os quais existem numerosos pontos de venda de bebidas e lanches e onde você é constantemente importunada por vendedores ambulantes que te oferecem uma diversidade de produtos baratos.

Se as praias não são poluídas, é altíssima a poluição sonora. O axé é tocado direto junto com muita dança e esforço em envolver todos os presentes.

Alegria parece ser o lema do baiano ou o que tenta passar ao visitante. E consegue!

Guardem na Mente e no Coração

Dos vários passeios e visitas aos lugares turísticos ou históricos de Porto Seguro o que mais me fascinou foi um passeio de chalana nas águas do rio João de Tiba, cujas águas desembocam no mar, próximo à cidade de Santa Cruz Cabralia, 23 km de Porto Seguro.

Os guias nos acompanharam até o local de embarque onde fomos recepcionados por sete marujos impecavelmente uniformizados. Simpáticos, alegres, descontraídos. O comandante de microfone em punho, nos descrevia a paisagem: mangue, ilhotas, lama negra milagrosa.

A embarcação fez sua primeira parada junto à dita lama onde marujos e turistas misturaram-se aguardando pela aparição do “monstro” que ali habitaria. Após suspenses mil, apareceu o tal monstrengo, que se encarregou de completar a diversão.

A brincadeira durou meia hora e, tirada a lama na água do rio, todos ocuparam seus lugares na chalana para seguir rumo à praia deserta de Santo André, passando pela paradisíaca ilha de Pontal da Bota, ou Bota da Itália, por causa de seu formato. Hoje ela se encontra desabitada.

Passada a ilha, a paisagem é fascinante. O rio e o mar se deparam com os arrecifes de coral numa enorme extensão. O rio vai acompanhando tranqüilo a barreira enquanto o mar se debate quebrando suas ondas contra a barreira de arrecifes.

Todos procuram filmar ou fotografar a paisagem. Foi quando o comandante ordenou que a chalana fosse encostada bem próxima aos arrecifes e seu motor foi desligado. O momento era propício à reflexão e o comandante solicitou de todos que, diante de tanta beleza, elevassem o pensamento ao criador, agradecessem os bens recebidos em especial a vida e gravassem as imagens não em fotos ou filmes, mas com a lente dos olhos e do coração.

Dizem os habitantes que neste local, Cabral e sua comitiva abasteceram-se de água potável, lenha e tiveram seus primeiros contatos com os indígenas.

Em outra de nossas saídas, visitamos o local de desembarque da frota, onde num ilhéu hoje desaparecido, foi rezada a primeira missa do Brasil. A segunda missa foi celebrada em terra firme. O local está marcado por uma grande cruz de madeira. A original foi levada a Portugal.

Por ocasião dos 500 anos do descobrimento, a Rede Globo mandou erguer, em mármore, um belo monumento o qual também possui enorme cruz e ali foi celebrada a missa do quinto centenário da descoberta do Brasil, durante a qual um representante dos índios Pataxós, o índio Matalauê, falou em nome de seu povo, criticando a postura da igreja e dos portugueses, dizendo:

“Esta terra é nossa e vocês não sabem respeitar. Nosso povo foi dizimado como os pajés previam. Foram 500 anos de preconceito, dizimação, violência. Hoje, querem afirmar a qualquer custo, a mentira do descobrimento.”

Lembrei-me de Ti, Meu Pai

Saimos num domingo cedo, rumo a Caxias do Sul, com o propósito de visitar a festa da uva. Fomos devagar, curtindo a belíssima paisagem serrana, parando aqui e acolá, controlando a chegada ao restaurante Giuseppe, em Bento Gonçalves, para a hora do almoço.

Descemos após, para o vale dos vinhedos.

Ali passamos pela cantina dos vinhos Miolo e visitamos a “Cave de Pedra”. Fantástica construção em pedra a qual prima não pela quantidade, mas pela qualidade de seus vinhos. O vinho é envelhecido em barris de carvalho.

Imaginei a chegada de meus antepassados a essas terras dobradas. Quanto devem ter sofrido, quanto trabalharam, quanto suor secaram com suas mãos calejadas.

Ocorre que traziam em seu íntimo uma vontade muito grande de vencer, e venceram.

Tenho orgulho de trazer em mim o sangue destes bravos. Meu avô e bisavô paternos vieram da longínqua Itália, mais precisamente da região de Vêneto.

Rudes, pouca instrução, poucos ou nenhum recurso financeiro, mas donos de uma vontade ferrenha de vencer e crescer através do trabalho e persistência.

Acharam a região favorável ao plantio da parreira e a esta atividade doaram-se inteiramente.

Hoje, passadas três a quatro gerações, lá estão os enormes e inúmeros vinhedos, cultivados com toda a técnica que a modernidade oferece produzindo uvas e vinhos das mais variadas qualidades.

Nos pavilhões destinados à exposição, em vitrines especiais refrigeradas, estavam uvas de cachos enormes, viçosos, sadios, de

todas as qualidades cultivadas, de todos os produtores penso eu, tão grande a área ocupada.

Voltei à infância porque meu bisavô e avô, quando papai era menino ainda, vieram da região de Antonio Prado para a vizinha Marau, quando esta tinha não mais que 6 moradores e ali plantaram extensos parreirais com os mais diversos tipos de uvas: francesa, Isabel, Niágara, bordô, *champagne*, moscatel...

Sentia-me pequena diante do tamanho das pipas e barricas de grápia feitas por eles mesmos, num trabalho totalmente artesanal. Também faziam baldes, gamelas, tinas, tudo com o mesmo material com que eram feitos os recipientes para o vinho.

Meu maior prazer era entrar no logar ou esmagadeira e pisar as uvas. O suco era passado para as barricas até a fermentação e após para as pipas para o envelhecimento. O bagaço era reservado para a *graspa*, cachaça feita da uva e até hoje muito apreciada.

O gosto do italiano pelo bom vinho tem sua razão de ser... O amor e dedicação com que iniciaram essa história no nosso país, aqui trago do texto do prospecto turístico que era fornecido na Festa:

*“A saudade provocou o gesto,
A mão calejada jogou a semente que a terra ardente logo abraçou.
A lágrima silenciosa molhou o grão.
Que o chão virgem, ao longo da parreira, fecundou.
Veio o vinho, veio o milho, o trigo veio,
Colheu-se a água, juntou-se o sal,
O ovo, mexeu-se tudo com dor e amor
Gerando misturas - a polenta e o pão
Princípio e fim de toda mesa italiana”*

Retalhos do Passado

Toda vez que saio à rua, minha limitada massa cinzenta e talvez por ser limitada, fica confusa. Acho que as crianças também, às vezes, ficam confusas.

As crianças e os idosos muito se assemelham em seus encontros de idade. Enquanto aqueles sobem, estes descem e neste encontro são iguais; apenas a carga é diferente.

Hoje, no entanto, estou encucada com uma coisa bem simples.

Quando criança e sempre que voltava para casa, via minha mãe tomar de dentro de um armário um enorme balaio. Sobre ele muitas peças de roupa e mais ao fundo uma quantidade enorme de retalhos de todas as cores e tamanhos. Era dali que eu tirava os paninhos para fazer as bonecas e vesti-las.

Tomava a cestinha de costura, colocava o dedal no dedo linha na agulha e por longo tempo entretinha-se a remendar roupas. Fechava os buracos menores, refazia costuras e barras, pregava botões. Se o estrago era muito grande, achava um retalho do mesmo tecido ou semelhante e com maestria aplicava-o sobre a parte estragada. Pregado este, retirava a parte ruim, fazia o arremate e a peça saía pronta para o uso com seu belo remendo.

Jamais mamãe nos deixava vestir uma roupa rasgada. As calças masculinas feitas do grosseiro riscado, em geral rasgavam nos joelhos. Após certo tempo de uso contavam com diversos remendos.

As camisas, sendo mais finas, rasgavam com maior rapidez e os primeiros remendos eram aplicados nos ombros e mangas, onde o tecido, devido aos cestos carregados de pasto, estragava rapidamente.

E o balaio voltava para seu lugar, para ser novamente utilizado assim que o próximo remendo precisasse ser feito, atizando minha curiosa mente infantil, hoje ainda curiosa, porém não mais infantil...

Viver Para Sempre

“Cada lugar encerra infinitas camadas de passado, do nosso passado, como vestígios de pinturas antigas que vão se acumulando...”

Cláudia Laitano

Tão real quanto verdadeira esta afirmação.

Como não me fixei muito tempo no mesmo lugar, não observei as camadas se sobreporem nas esquinas ou ruas de alguma cidade.

Uma coisa, no entanto, ao ler o texto da autora, voltou à tona vinda do meu íntimo. O colégio onde cursei as primeiras séries do ensino fundamental. Era uma construção em madeira, a qual, entrando-se pela frente, comportava grandes salas de ambos os lados do corredor, um só piso, muito extensa em seu comprimento.

Para além das salas de aula, ficava a residência das religiosas, nossas admiráveis, enérgicas e boas professoras.

Esta construção não teve antecedentes, pois ali, junto à igreja, nascera a nova comunidade que fora crescendo, alastrando-se e dando origem a uma cidade, hoje em franco desenvolvimento.

Naquele educandário dirigido por exímias professoras europeias, quanta inteligência se abriu ao saber, quantas personalidades moldadas, caminhos abertos, sonhos despertos, ideais surgidos e seguidos. Foram pinceladas e mais pinceladas, retoques, podas e até marretadas e os jovens dali partiam com muito saber e boa iniciação para a vida, disso sou testemunha.

Há muito a escola já não existe.

Sobre aquele santuário, ergue-se imponente construção sob cujos alicerces jazem tantas lembranças, tantas lições apreendidas e valores agregados.

Entre a escola e a igreja havia um campanário que abrigava um sino cujas badaladas anunciavam as ave-marias, chamavam os fiéis à missa e quando seu dobrado era triste e lento, avisava do passamento de algum fiel.

Em substituição a ele, hoje há um enorme e majestoso campanário com três grandes sinos. Sinal de progresso, lógico. Talvez tenha sido erguido graças aos meus sacrifícios e vou explicar o porquê.

Todas as primeiras sextas-feiras do mês, 5h da manhã, escuro ainda e não importando a chuva ou o frio do inverno, eu ia com meus dois irmãos mais velhos, a Delma e o Laudi, carregando além do material uma cestinha de fatias de pão com mel e uma garrafa de café com leite, rumo à igreja, para a missa obrigatória em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Eram 3 km a pé, em meio a um mato fechado que íamos desbravando, cheinhos de medo. Depois da missa, íamos comer nosso pão impregnado de mel (eu odiava isso, até hoje não como mel, tamanho o trauma!).

Era exigir muito dessas três crianças, nenhuma delas com mais de 10 anos.

Aquele nosso sacrifício inúmeras vezes repetido, serviu de fermento à construção daquela torre, pois além de estar escrito no livro da vida, está misturado à argamassa que sustenta a construção.

E o poço d'água pura que havia ao lado do colégio, junto à residência das religiosas e cujo balde descia e subia infindas vezes pendurado a uma corda, aos ais da velha roldana, até saciar a sede de todos os alunos? A bem da verdade, nós alunos não podíamos tirar a água do poço. Havia uma pessoa encarregada de fazer por nós e encher nossos canequinhos que passavam de um a um.

Quantas vezes nos dirigíamos ao poço e o balde estava vazio. Ao seu redor havia uma Saliência em madeira para pôr o balde, os canecos e até o material escolar.

Por ocasião de uma festa na igreja, dirigimo-nos, a Delma e eu, para tomar água no poço, orgulhosas em nosso novo vestido de chita e segurando nas mãos uma grande moeda de mil réis que gastaríamos em jogos e guloseimas; única vez no ano em que podíamos fazer isso. Era costume os pais nos darem aquele valor por ocasião desta festa.

Distraída, coloquei a moeda naquela dita mesa e só escutei um “ploc” quando esta bateu na água.

Acabara aí a tão sonhada festa.

Hoje, sob aquela imponente construção, está sepultada a minha moeda e com ela minha profunda frustração, meus sonhos de menina desfeitos, minhas lágrimas sentidas por aquela pequena grande perda.

Se as profundezas falassem, aliás, falam... Nós é que somos insensíveis a voz do silêncio. Quantas coisas lindas, quantas reminiscências viriam à lembrança, quantas maravilhas voltariam a sua cor normal.

Desenterremos essas recordações da infância. Elas são o azeite da lamparina da nossa vida, o estímulo em nossa jornada, além de nos fazer renascer...

Quase como se estivéssemos aqui desde o tempo dos dinossauros, quase como se fôssemos ficar aqui para sempre...

Pedras no Caminho

Me encantou o texto “As pedras e as Flores do caminho”, ao qual a colega Herbeni Fachini se refere em seu recente livro “Noventa anos... e daí?”

Daí que desde minha infância as pedras me fascinam.

Não as pedras partidas, os paralelepípedos, não estas, mas as pedras inteiras nos seus infinitos tamanhos e formatos. Acho-as mágicas, misteriosas e onde quer que se encontrem, isoladas ou agrupadas, ornam com maestria qualquer espaço.

Jamais, em meus primários desenhos faltou um lago e em suas margens algumas pedras. Em geral ao redor de cada pedra crescem ervas e flores silvestres que fazem uma composição maravilhosa com aquele volume compacto de cor enferrujada ou acinzentada que a natureza ali colocou.

Por sua massa resistente, a pedra representa força, trabalho, obstáculos e até mesmo dificuldade. Ela é desafiadora.

É real que nos caminhos da vida esbarremos em pedras, nos machuquemos e até caímos sobre elas.

Elas estão ali para nos dar lições de coragem, força ou mesmo convidando-nos a sentar sobre elas para um descanso e reflexão, e após, seguir a caminhada.

Se forem muito grandes não choremos por não conseguir transpô-las. Podemos quebrá-las a marretadas, dinamitá-las ou simplesmente passar-lhes ao lado.

Elas não estão ali para nos impedir de andar, mas para provar nossa força de vontade, nossa criatividade, nossa determinação e tirar a mesmice de nossos dias.

Jamais as atiremos em alguém, elas podem voltar... e nos ferir...

As pedras, a natureza morta, resistem ao tempo e às intempé-
ries, calçam os caminhos por onde andamos, formam bases sólidas nas
construções de casas e muros e muitas delas escondem preciosidades
em seu interior.

Fico fascinada com as pedras que margeiam os litorais. A ação das
águas e ventos criam obras arquitetônicas de tirar o fôlego tal sua beleza.

Amo caminhar por entre aqueles blocos enormes banhados pela
água a cada onda que chega à margem.

Existe na natureza coisa mais bela que os penhascos que se er-
guem imponentes, acompanhados por profundos despenhadeiros que
servem de leito às límpidas águas que descem em cascata dos penhascos?

Transpondo pedras e obstáculos, subindo ou já descendo nos
caminhos da vida, não nos acovardemos. Cada novo dia nos reserva
algo diferente, que faz com que não nos tornemos repetitivos. Importa
saber viver.

As pedras? Meros detalhes.

Pedras no caminho?

Guardo-as todas; um dia construo um castelo...

Se está feliz, divide com os outros esta tua felicidade.
Se te invade a tristeza, não a deixe transparecer.
Se o dia está lindo, agradece.
Se nuvens encobrem o sol, por trás delas ele brilha.
Se está cansado, nada como uma noite bem dormida.
Se sentes solidão, junte-se aos amigos.
Se está entediado, ocupa-te.
Se vêes o erro, corrige-o.
Se teu irmão precisa de ti, estende-lhe a mão.
Se alguém chora em teu ombro, consolá-o.
Se alguém te magoa, perdoa-o.
Se o frio invade tua alma, procura a fogueira divina.
Se te sentes fraco, aproxima-te dos fortes.
Se sentes os anos pesarem, agradece a Deus por ter chegado até aqui.
Se vêes praticar o bem, elogia.
Se sentes vontade de chorar, não contenhas as lágrimas.
Se alguém te pede um conselho, seja ponderado.
Se espinhos no caminho te ferirem, semeia flores.
Se te revolta a injustiça, seja justo.
Se basta um sorriso, não o negue.
Se a criança te olha, sorri para ela.
Se pode afagar o rosto de alguém, transmite-lhe ternura.
Se foste criado para o alto, não te apegue a mesquinhas.
Se teus dias forem monótonos, transforma-os em algo produtivo.
Se tem vontade de abraçar, não reprima teu desejo e transmite calor.

Se foste feito para o infinito, não te apegue às coisas materiais.
Se não sabes o dia de amanhã, vive o dia de hoje como se fora o último.
Se pode fazer agora, não deixe para depois.
Vive intensamente, agora, cada dia de tua vida.
E seja feliz!

Pára de Reclamar

...que tens rugas na testa...

Refletem os longos caminhos que percorreste na vida.

...que teu cabelo é seco, fino, quebradiço, não se ajeita...

Tu não perdeste todos os cabelos por tratamentos quimioterápicos.

...que tuas pálpebras estão caídas...

Quantas dezenas e anos estiveram perfeitas.

...que tua visão está curta...

Já agradeceste por toda a beleza que teus olhos viram ao longo da vida?

... que ouves mal...

Já pensaste naqueles que nunca ouviram nada?

... que teus lábios murcharam...

Mas quanto tempo foram bela e viçosa entrada para teu interior.

...que tua pele está flácida ...

Embora teus muitos anos queres que tudo fique no lugar? É a lei da natureza.

...que teu colo perdeu a maciez e o encanto...

Não é isto que te impede de seres bela e elegante.

... que teus braços são muito grossos...

Quanta força e trabalho fizeram contigo e por ti.

... que tuas mãos estão cheias de manchas, rugosas e secas...

Benditas mãos! Beije-as. Que terias feito sem elas?

...que tuas pernas perderam a agilidade...

Por que queres andar depressa. Vá devagar agora, aprecie a paisagem!

... que teus pés doem...

Cuida com carinho deles. Impossível calcular quantos passos deram no decorrer de teus anos, para quantos lugares lindos te conduziram, suportando sempre o peso de teu corpo.

Seja feliz e agradece tudo o que Deus te deu!

Embalagens

Embrulhos ou invólucros dos mais variados tamanhos, cores, formatos. É bom receber embrulhos. Fica-se na expectativa de seu conteúdo, ainda mais quando decorados com laços e enfeites.

Ouvi dizer que para dar sorte deve-se rasgar o invólucro. Eu já procuro abrir com cuidado para reutilizar a embalagem, não por economia, mas por realmente apreciá-las muito.

Não quero aqui me referir às lindas embalagens de papel ou plástico, hoje tão utilizadas e práticas, mas ao maravilhoso invólucro que envolve meu eu, o meu espírito, as minhas aptidões, a minha vida.

O corpo é matéria, a essência, ou seja, o conteúdo é o espírito. Este fez morada naquele e aquele sem este retorna ao pó do qual foi feito. Aprofundar-se neste assunto confunde os neurônios.

Por vezes este invólucro humano apresenta-se com falhas, com deficiências, mal feito, nada impedindo seu conteúdo ser perfeito. Outras vezes são fatores de percurso, como acidentes ou doenças que estragam ou deformam este corpo material, mas seu conteúdo não se altera, pelo contrário, fortifica-o.

Quando nascemos, éramos frágeis, indefesos, dependentes em tudo e de todos.

Crescemos, ficamos fortes, começamos a decidir por nós, a agir, usar nossas capacidades, desenvolver aptidões e chegamos ao cume da nossa força física.

Usamos e abusamos da nossa vitalidade.

Passadas algumas décadas, começamos a estranhar a falta de resistência nas caminhadas e exercícios físicos, a dificuldade de movimentos, as dores aqui e ali, visão e audição regredindo.

Temos que nos esforçar em provar aos outros que somos mais do que nossa velha embalagem sugere; que temos mais resistência em nossos atos e pensamentos do que em nosso já frágil esqueleto.

Estas mudanças que se instalam em nós, nos assustam, não estamos acostumados a elas e não estamos preparados psicologicamente para aceitar os limites que a idade nos impõe.

Começamos a depender dos outros e o problema é tão mais sério quanto se pode imaginar: onde estão os outros? As pessoas preparadas para cuidar de idosos? Terá a família condições (e disponibilidade) para cuidar de seus velhos?

Preciso que nos preparemos para as incertezas do amanhã, que ajudemos a nos ajudar, que em tempo, tomemos os cuidados necessários para que nosso corpo envelheça nas melhores condições possíveis enquanto nosso espírito permanece jovem, desperto, ativo.

“O inverno cobre minha cabeça, mas uma eterna primavera invade o meu coração”. Vitor Hugo.

Falar e escrever é fácil, mas a velhice e suas naturais consequências assustam...

Decepcionante Impressão

Foi durante e após a segunda guerra mundial, quando nossos pracinhas incorporaram as forças armadas e rumaram para a longínqua Itália.

Um irmão de meu pai e um de minha mãe, também foram chamados para o quartel a fim de juntar-se aos que aqui ficaram em prontidão para transpor o oceano e integrar-se aos heróis da guerra assim que fosse necessário. E não o foi.

Seguidamente meu pai, dada a falta total de comunicação daquela época, vinha a Passo Fundo buscar alguma notícia do irmão e cunhado.

Naquela época, dada a precariedade dos meios de transporte e das estradas, levava um dia inteiro para percorrer os trinta km que separam Marau de Passo Fundo.

O esperávamos ansiosos. Mamãe e a tia que residia conosco, por notícias do irmão e marido (recém casados) e nós pequenos, por que sabíamos que papai nos traria bananas. O cercávamos felizes e ele, num dito um tanto jocoso nos dizia: “não se pode ir a Passo Fundo sem que se veja o trem e se coma bananas”.

Ouvir papai falar de Passo Fundo, do quartel, com quem havia falado, do trajeto que percorrera, da viagem, era o máximo! Para nós ele era um herói e eu fui crescendo curiosa por conhecer esta cidade que devia ser um misto de grandeza e mistério.

Passaram-se vários anos. A guerra acabou, os tios voltaram e meu pai não viajou mais em busca de notícias.

Algum tempo depois, não sei precisar quanto, sei que eu ainda era pequena, mamãe e titia vieram a Passo Fundo por alguma razão que desconheço. Foi a primeira vez que se aventuraram a tanto e haviam combinado comprar um calçado para cada uma.

Lembro até hoje o quanto lindo era o produto da compra. Era uma sandália de saldo (uns 5 cm) em camurça preta, de tiras entrelaçadas, linda demais. Mamãe guardou a sua no armário do quarto e eu seguidas vezes ia lá, pegava nas mãos, alisava, punha nos pés. Achava impossível haver outro calçado mais bonito do que os de mamãe e titia.

Mas deixemos isso de lado.

Chegara a minha vez de conhecer a cidade dos sonhos.

Foi num domingo de fevereiro de mil novecentos e cinqüenta e dois. Eu e uma amiga residíamos no colégio em Marau e seríamos transferidas a Erechim para prosseguirmos nos estudos.

Por ocasião da visita da superiora àquela casa, partimos em sua companhia, num carro próprio do colégio, para Passo Fundo, onde permaneceria alguns dias no Hospital São Vicente em visita às Irmãs que moravam e atendiam esta instituição.

A viagem foi pura emoção que rapidamente se converteu em decepção. Esperava ver as ruas tomadas de gente e de carros, muito barulho, movimento. O que vi foi uma cidade morta, ruas desertas, não lembro de ter visto um carro sequer da entrada da cidade até o hospital.

Mas uma coisa marcou profundamente em meio a esta cidade deserta: à direita de quem vinha chegando, era uma rua larga, casas altas, nos degraus de uma delas, próximo da praça, havia um homem sentado, aparentemente jovem, com a cabeça reclinada sobre os joelhos. Não a ergueu a passar ao veículo. O que fazia lá, meio dia de um domingo de sol, tão solitário? Quem seria? Por que estava naquela posição?

Fiquei impressionada ante a solidão daquele homem e muitas vezes recordei daquela cena.

Nos dias que se seguiram, minha amiga e eu ficávamos frente ao hospital vendo o então fraco movimento de entrada e saída de médicos e pessoas naquela casa de saúde e muito curiosas por ver, só de longe, o quartel com seus muitos soldados em forma, marchando.

Certo que lá se vão cinqüenta e cinco anos. A cidade cresceu, as ruas apinharam-se de carros e pessoas, e eu, depois de uma vida

nômade e de morar em diversas cidades distantes, me rendi à hoje imponente Passo Fundo, que me acolheu e fora palco de tantas emoções e experiências.

Praticamente impossível conseguir minutos de solidão, cabeça sobre os joelhos, sentado próximo à praça ou mesmo de frente a casa ou edifício onde se habita.

Quantos Passos Posso Dar?

Nunca mais havia lembrado dessa brincadeira. Alegres, saltitantes, sapecas, perguntávamos à colega que fazia o papel de mãe: mamãe, quantos passos posso dar? Dois longos, cinco saltitantes ou um número qualquer era a resposta e a menininha faceira, saltitava à frente. De pouco a pouco, de curtos ou longos passos, chegávamos à linha limite. A primeira que chegasse era a que fazia o papel de mãe.

Esta brincadeira, apenas trocados os papéis, praticávamos todos os dias.

Vida, ó vida, quantos passos posso dar?

E a vida, mãe ou madrasta, nos dá a resposta:

Quantos passos você quer ou puder; quantos sua capacidade física lhe permitir, quantos sua força de vontade lhe conceder, quantos forem necessários para a realização de seus sonhos, quantos você julgar precisos para atingir suas metas.

Curtos ou longos, poucos ou numerosos, tudo dependendo dos estímulos, percorremos longas distâncias.

Passamos por caminhos semeados de flores, tropeçamos em pedras, cortamos os pés nos espinhos, esmorecemos ao peso dos mais diferentes fardos, caímos e nos levantamos.

O importante é que aqui estamos, fortes e vencedores, com enorme bagagem de experiências colhidas ao longo dos caminhos percorridos e com vontade de prosseguir.

Enquanto a vida nos conceder, caminhemos.

Somos eternos caminheiros e o caminho se faz caminhando.

Mãe Vida, quantos passos ainda posso dar?

Juntos, Eu Comigo

Não foi o primeiro encontro que marcamos, eu comigo e eu novamente não apareceu.

Fico me perguntando qual o motivo para mais uma vez adiarmos este compromisso.

Parece estarmos brincando de esconde-esconde. Quando eu aparece tentando dialogar comigo, rapidamente me encolho em meu casulo secreto e desarmo eu que se afasta desapontado.

Embora vivamos juntos, mal nos conhecemos. Interessante, devemos ter os mesmos gostos, porque embora a frieza de eu comigo, teimamos em viver sob o mesmo teto. Desconfio que eu tenha receio de encontrar-se comigo para que não lhe descubra suas limitações ou as qualidades positivas, que não quer repartir comigo.

Ambos, conhecemos bem quem vive conosco ou vizinho a nós. Eu comigo vivemos emitindo falsos juízos a seu respeito, por vezes reconhecemos suas boas qualidades e o bem que pratica. No entanto, eu comigo não conseguimos sentar para nos olhar frente a frente, nos conhecer, trazermos à claras nossas igualdades e diferenças, discutirmos as razões que nos levam a fugir de nós e sermos tão desconhecidos. Juntos em nosso trabalho, lazer, descanso, eu comigo poderíamos ser tão diferentes, ser tão mais agradáveis, leves, sem ter de carregar esta sina de estarmos sempre nos escondendo e adiando encontros.

Por vezes eu grita comigo, quer alertar-me de algo errado, de alguma omissão, mas abafa seu grito ocupando-me com coisas supérfluas, no intuito de não escutar seu apelo.

Não pense eu que ando satisfeita em viver adiando este encontro comigo, não.

Já se passaram tantos anos e tanto eu quanto eu, sabemos que nossos dias estão contados.

Eu, queria muito saber quem você realmente é e como é. Conhecer-te a fundo, olhar-te de frente, contar sempre contigo e percorrer juntos, eu consigo, o caminho da felicidade.

Sempre Jovem

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.”

Este foi o lema de nosso convite de formatura do curso ginásial, nos idos de 1955. Não preciso dizer que esta formatura era privilégio de poucos e revestia-se de muita solenidade.

Hoje, após várias décadas de caminhos percorridos, entendo melhor o significado desta frase. Viver bem é uma arte. O resultado total de nossa vida será em grande parte aquilo que fizemos em nossa juventude. Por mais alto que se erga o edifício, sua solidez depende sempre de seus alicerces.

E a formação que nos foi dada tinha base sólida em seus ideais, planos, trabalho e dedicação.

Nossa juventude não teve valor meramente biológico.

No terreno que cultivamos com esmero, foi lançada a boa semente que vingou, produziu frutos e flores.

A boa formação recebida permaneceu em nós. Foi-nos inculcada a escala de valores, fomos amadurecendo e conosco cresceram estes valores.

Hoje, embora pele enrugada e cabelos brancos, os valores que trazemos em nós, aquilo que nos caracteriza, o que nos valoriza, nos fazer sermos fortes, generosos, abertos ao bom e ao belo; que nos dá alegria, coragem de enfrentar, vontade de viver, é o que constitui a nossa essência, o eu que sou, o que a traça não corrói e o tempo não apaga.

Trazemos em nosso íntimo o que o jovem traz em sua aparência: vida.

Para ser jovem não basta a idade, é preciso o espírito, diz o escritor Emir Calluf em seu livro intitulado: “És jovem apenas uma vez na vida”.

Diz também que ser jovem não é ser hoje, é ser amanhã.

Acredito que em épocas passadas se vivia com mais intensidade os valores da juventude e hoje, com satisfação, colhemos os frutos.

Esperança

Esperança... Milagre da inovação, virtude teologal, âncora da alma...

Chame-a como quiser, o importante é que ela está profundamente enraizada em nosso ser, mesmo que dela não nos apercebamos. Somos movidos de esperança. A esperança move o mundo.

Desde o engraxate de rua ao mais alto mandatário, todos esperamos por algo melhor, por uma solução, pela cura, por situação financeira mais cômoda, pelo reconhecimento profissional, por um elogio que nos encoraje, e por aí continua uma lista sem fim de esperas...

“O menino caminhava com sua esperança frágil, mas vi a sua réstia...”, diz o amigo Pablo Moreno em sua obra “Por que os homens não voam?” “... em seus olhos morava uma tristeza com a profundidade de um poço artesiano no deserto.”

Andando pela rua seguidamente nos deparamos com pessoas que parecem ter perdido o último fio da esperança, que não há mais nada no fundo deste poço desconhecido e escuro que é nosso interior.

No entanto, ela é inata em todo humano. É preciso cultivá-la como cultivamos nosso exterior. Ela vive inseparável da fé e do amor.

Pablo ainda diz: “Na alma, somos um pássaro de esperanças e sonhos.”

Nós, a quem nada falta, mas que temos por hábito reclamar da sorte e da sofrida vida, por que não olhar um pouco mais ao que nos cerca, reconhecendo sermos privilegiados e, com redobrada esperança, agradecer?

Aquela Nascente

“Se vocês ficarem com sede, vão tomar água da nascente no canto do potreiro.”, disse-nos papai certa vez, quando limpávamos uma roça de milho. Éramos pequenos, o trabalho não rendia muito e o sol de dezembro estava causticante.

Papai deixou-nos a sós, pois tinha outros compromissos. A sede bateu e nós, passando por entre os fios de arame farpado de uma cerca que separava a plantação do potreiro, fomos à fonte.

A água era limpa e vinha borbulhante. Em torno dela papai fizera uma mureta para que se formasse uma fonte e o gado pudesse beber. Brincamos muito dentro desta pequena reserva de água.

Passados uns cinqüenta anos, neste final de semana, prolongado pelo feriado da segunda-feira, voltei ao local. Por doação, boa área de terra na qual está a nascente pertence a um dos meus irmãos.

Rente à mata, se ergueu-se uma bonita e confortável casa, em estilo rústico, caprichosamente cercada com brancas ripas de madeira. Ao lado da casa, uma horta, orgulho da amiga-comadre Dete, fornece toda espécie de fresca e bem cuidadas verduras à família.

Muitas árvores frutíferas, destacando-se as frondosas nogueiras, castanheiras e laranjeiras cobrem boa parte da área.

Hoje, o rebanho de ovelhas do Seu Ivo, irmão querido, é uma das atrações principais deste sítio, que sempre recebe com carinho e aconchego os amigos, os netos, a família.

A borbulhante nascente de águas cristalinas tomou corpo, expandiu-se e é hoje um açude que abriga boa quantidade de peixes.

Munidos de anzóis e iscas, passamos horas da tarde à beira da água. Fisgamos bom número de carpas, aliás, eu não, os outros.

Quando crianças, papai nos ensinou pescar e era uma alegria enorme quando, ao puxarmos o anzol vinha com ele um peixinho. Desta vez, tentativa frustrada a minha; alegria para minhas filhas que vibraram ao tirar o peixe da água (talvez o primeiro peixe, de um raro momento em suas vidas tão urbanizadas...).

Ao andar por entre as árvores, reconheci aquelas as quais já havia “escalado”, das quais derrubei frutas silvestres ou recolhi musgos para os enfeites de Natal.

Respirei em profundidade aquele ar puro da mata onde sabiás entoam sem cessar as mais extasiantes melodias e muitos pássaros saltam de galho em galho comendo pequenos frutos ou insetos que povoam a mata.

Voltando à infância recarrego minhas energias e aprendo a valorizar ainda mais a vida que mora em mim.

Envelhecer

Sonhei, acordei.
Já não era menina.
Os anos passaram, o tempo passou.
A vida me enriqueceu.

Foi um longo caminho...
Experiências,
sonhos,
perdas,
conquistas.

Pedras, espinhos, caminhos estreitos, limitações.
No fim do túnel, ainda uma luz a iluminar-me sempre:
Luz da afirmação,
do amadurecimento,
das recordações,
da sabedoria
conquistas
e ainda sonhos...

A coragem e a esperança tomaram dianteira
Seguidas pela espiritualidade, otimismo, conhecimentos e vontade de
viver.

Aqui estou.
Resta muito a percorrer?
Não sei.
A mim, cabe apenas, caminhar...

Casinha Branca sem Porta e sem Janela

Quando crianças, nos emocionávamos ao encontrarmos uma ninhada de ovos. Contávamos quantos havia e corríamos levar a boa nova à mamãe. Se a galinha não estivesse sobre os ovos e se eram poucos, mamãe nos mandava recolher e deitar só um para que a galinha voltasse ao mesmo lugar para botar mais ovos.

Se, porém eram muitos, ou seja, uns doze ou mais, e a galinha estivesse sobre eles é porque dali saíam os pintinhos.

Ficávamos à espreita para ver quando os pintinhos viriam para fora da casca. O ovo se rompia, quebrava a casquinha e lá estava um pintinho fazendo força para abrir espaço e vir ao mundo.

Que gracinha, em geral eram amarelinhos, quase brancos e por vezes, pretinhos. Frágeis, uma bolinha de penugens. O biquinho rosado, olhinhos muito pequenos, piavam colocando a pequena cabeça para fora da casca do ovo e já eram acolhidos sob as asas da mãe-galinha que, pacientemente esperava que todos saíssem do seu ovo. Por vezes, algum ovo não chegava a abrir e o pintinho não nascia. Romper a casca do ovo é a maneira como todas as aves nascem. Aparentemente simples, romper uma casca e estar livre para a vida.

Só então a galinha saía com seus pintinhos, ciscando aqui e acolá, provendo alimento para os recém nascidos.

Embora não nasçamos da mesma maneira, a casca que nos impede de termos uma vida plena é, por vezes, muito grossa e difícil de ser rompida. São amarras de diversos tipos que nos prendem.

Amarras que nós mesmos fazemos em forma de medos, complexos, defeitos dos quais não nos esforçamos por eliminar, ignorância e comodismo que nos impedem de procurarmos ajuda, de nos desencilharmos daquilo que nos aprisiona e não nos deixa agir e viver em plenitude a vida que gratuitamente recebemos.

Voltar Distância

“Voltar distância, à primeira ignorância... pediria ao Senhor que me divertisse a infância.”

Jayme Caetano Braun - Meu pedido

Não tenho a alma poética, desde grande compositor gaúcho, mas numa coisa nossos pensamentos se irmanam; voltar a primeira ignorância.

Houve um período em minha vida que ao ver os pequenos irem para a escola, seus olhinhos cintilantes de felicidade, a mente e o coração abertos sedentos do saber em seus lindos uniformes, me invadia um sentimento de tristeza.

O véu que encobria aquelas mentes virgens seria rasgado. Ao olhos do professor, quem sabe não tão animado quanto os aluninhos, o terreno para receber a semente.

Quanta responsabilidade no cultivo deste pequeno grande complexo campo que é a mente humana.

Será a semente de boa qualidade? Lançada com amor e carinho?

Feita a semeadura não tem como recolher a semente. Cumpre zelar para que a ela não se junte a semente do joio, cuidar que a raiz não seja carcomida por lagartos e suas folhas danificadas por insetos.

O solo precisa ser revolto, adubado e regado sempre que necessário para que a plantinha tenha seu desenvolvimento normal.

No entanto, estas pequenas inteligências terão os devidos cuidados? Quantos não serão sufocados por ervas daninhas ou crescer defeituosas? Quantas serão podadas fora de época, impedindo seu crescimento normal, impedindo a floração e a produção de bons frutos?

Quando um vestido nos ficava curto por havermos crescido, mamãe cortava-o á altura dos quadris e intercalava uma tira de outra cor o que nós achávamos muito lindo.

Quando uma roupa domingueira ficava gasta ou desbotada pelo uso, era passada para uso nos dias de semana e assim se uma peça não tivesse conserto, servia como pano de chão.

Por incrível que pareça, hoje os jovens e muitos adultos também, adoram usar roupas surradas e rasgadas. É moderno e muito charmoso. Os *jeans* já vem da fábrica desbotados, envelhecidos e rasgados. Por vezes tão rasgado que mamãe ficaria penalizada da pessoa que os usa ou pior, a chamaria de relaxada.

Gosto das barras de calças e saias desfiadas, nos outros, lógico.

Ocorreu-me, agora uma idéia e acho que os jovens estão certos. Eles são generosos, sensíveis, altruístas.

O uso destas roupas que eu classifico como velhas e estragadas, não seria para amenizar a triste sorte dos desprovidos de recursos, dos que calam os restos que jogamos ao lixo?

Já pensou aquele desafortunado ter o prazer de olhar para suas roupas surradas e achá-las parecidas as daquela loira que passou a sua frente?

Pode até ser que ele pense em lavá-las para ficarem mais parecidas. Legal não!

Às vezes acho que andamos de cabeça para baixo, mas deixo meu tributo de louvor ao progresso.

Acordar

Sair da inércia .

Tirar do sono.

Despertar.

Encontrar-se.

Encontrar-se depois do completo adormecimento dos sentidos, da cessação normal e periódica da atividade orgânica, do repouso dos órgãos dos sentidos e do movimento, durante o qual o corpo recupera suas forças.

Você para, abstrai-se de tudo quanto o cerca, fica quieto, imóvel e dorme. Entra em estado latente e recupera suas energias.

Após algumas horas você acorda, seus órgãos voltam à atividade normal você se encontra e está, de novo frente à vida.

Acho maravilhoso o ato de dormir, descansar e acordar. Seguido é motivo de reflexão.

Eu podia não acordar, pois o ato dormir se aproxima a morrer.

Mas não, acordo, abro os olhos e a luz brilha, ouço o canto dos pássaros vejo a luz do sol, as pessoas passando pela rua, enfim a vida continua.

Tenho o hábito de acordar sempre á mesma hora e de levantar-me assim que desperto.

Já levanto pensando no que vou fazer neste dia.

Assim que saio da cama, ressalto aqui, a melhor cama e o melhor travesseiro do mundo, já estou de bem comigo e com os que me cercam.

Começo minhas atividades e não perco tempo. À primeira, seguem-se outras e assim passo o dia todo sempre ocupada.

Gosto de tudo o que faço e fui acostumada a fazer tudo bem feito.

Não sou perfeita, não. Culpo-me às vezes, de agir como autômato, isto é de agir sem objetivos determinados, sei lá. A gente muito se parece com máquina, a qual se lhe liga o motor e ela vai trabalhando.

A vida seria simples, nós é que a complicamos, mas não reclamo dela, não. Quero continuar acordada, manhã após manhã por muito tempo ainda e achando a vida cada dia mais bela.

“Mesmo quando estamos vazios de pensamentos, não desistimos de nossa capacidade de pensar” – Heidegger .

Felicidade

O objetivo da vida é viver feliz, é ser feliz, e conseguir a felicidade.

Não nascemos e não vivemos para sofrer. É um instinto de toda pessoa procurar seu bem-estar.

Contudo, a felicidade que tanto queremos e procuramos é feita de momentos e dura momentos apenas, Talvez sejam apenas prazer, satisfação, pois a verdadeira felicidade é um estado de ser, uma maneira de viver. A felicidade é permanente.

É a situação dentro da gente que se sente e se vive tanto nos momentos de bem-estar como nas horas difíceis.

A felicidade é um contínuo buscar. Temos um coração insatisfeito, cheio de desejos e aspirações; um coração que deseja sempre mais e enquanto buscarmos nossa felicidade não será completa.

Felicidade total é realizar todos os desejos do coração, todos os sonhos da vida, pois, que felicidade é a plena realização.

A felicidade não está na juventude, nem nas riquezas ou prazeres passageiros; não está na ciência ou na satisfação dos sentidos. A felicidade vem da harmonia da vida, de estar afinados com o autor da felicidade, com todas as pessoas e todos os seres.

A felicidade vem de ser estar em paz, vem da realização de todos os desejos, vem do deixar de criar necessidades.

Penso que seja bom nos sentirmos insatisfeitos embora a nossa busca de realizações, pois do contrário acomodariamos e deixaríamos de buscar e sonhar, ou seja, deixaríamos de viver.

Bolo da Amizade

Gostaria de repassar aos colegas uma receita simples cujos ingredientes são de fácil digestão, indicados para cardíacos, hipertensos, diabéticos, alérgicos, obesos, safenados, depressivos.

Tome um recipiente bastante espaçoso, pois as medidas serão generosas. Passe um pano limpo a fim de tirar dele todo pó que possa interferir na união dos elementos ou macular sua pureza. Obs: Use o dosador na capacidade máxima!

- Coloque várias medidas de dedicação e paciência da Pia Helena;
- uma medida bem cheia da sensibilidade e franqueza do seu Darcy;
- um dosador socado do otimismo e gosto pela vida da Márcia;
- um copo grande de bondade da Maria Bicca;
- duas medidas de simplicidade e força de vontade da Rosa;
- diversos canecos de alegria e disposição da Wanda;
- alguns punhados de tranqüilidade estampada no rosto da Ivanilza;
- A tudo isto misture o conhecimento da Edy, bem como seu desejo de repassá-lo aos outros.
- Eu coloco minhas inquietações, inseguranças e aspirações...
- Com generosidade coloque a ternura e paz que nos transmite a dona Palmira;
- Use uma boa medida de serenidade da Áurea;
- Não economize na criatividade e prazer em divertir da Maria de Lurdes;
- Ponha várias medidas da meiguice da Terezinha;
- Vá colocando muita humildade que guarda a Conceição;
- Derrame, sem medir, da segurança da Eny.
- Seja generoso na medida de liderança da Laide e use boa medida de ponderação da Maura;
- coloque vários pacotes do bom humor e felicidade da Herbeni;

- com as duas mãos em concha vá colocando da delicadeza que nos oferece a Ofélia e não economize as capacidades e bom gosto da Neuza;
- esbanje da atenção e disposição em servir do Benhur e não esqueça de por várias medidas da capacidade de ouvir e conviver com (outras) pessoas por vezes um pouco chatas como nós, de que é possuidora a Carine.

O fermento da amizade que nos une deve ser colocado em quantidade suficiente para levedar toda a massa e dar-lhe bom crescimento.

Com muito calma vamos misturando todos os ingredientes até formar uma massa uniforme onde sabores e aromas sejam igualmente distribuídos. Para que cresça por igual, o forno deve ser aquecido com o amor, a generosidade, a capacidade de conviver e de nos aceitarmos como somos.

Quando pudermos enfiar um palito e este sair limpo, ou seja, quando formos capazes de nos dar uma sugestão um conselho ou até fazer-nos uma correção, o bolo da amizade estará pronto para ser degustado por todos.

Deve ter notado que nenhum dos ingredientes tem sabor picante ou sabor específico.

Somos todos iguais, todos temos dotes e capacidades. Importa nos valorizarmos e crescermos juntos.

“Ninguém chega a se tornar humano se está sozinho. Nós nos fazemos uns aos outros” - Fernando Salvater.

Nos Lixões também Nascem Flores

É uma flor silvestre, amarela, delicada como todas as flores. Mirradinha junto à grama pisada, esbelta se recostada ao tronco de um arbusto digna de um pôster quando solitária sobre a terra desnuda e seca.

Hoje a vejo vistosa, em traje festivo, raízes presas ao lixão mal cheiroso e infestado de insetos que vivem no monturo.

“No lixo também nascem flores” disse a cantora e compositora Fátima Leão. Se bem que fétido e podre, o lixo tranforma-se em adubo e propicia a fertilização de sementes que crescem rapidamente e abrem suas cerolas a luz do sol e ao orvalho da manhã.

Assim como existem os lixões nas cercanias das cidades existem as favelas, amontoados humanos, onde faltam todos os itens necessários a uma vida digna, onde o vício, a droga e a promiscuidade imperam soberanos.

Do meio deste lixão humano nascem jóias de incomensurável valor, cujo brilho ofusca qualquer metal ou pedra preciosa.

Desde lixão esquecido pelas autoridades, excluídos da sociedade, recebemos grandes valores humanos, pessoas fortes que superaram o insuperável e deixaram atrás de sei o infortúnio do qual grande percentagem não teve a sorte e a coragem de se livrar.

As flores nascidas nos lixões me comovem. Acho-as lindas fortes, corajosas e suas lições vestidas de sabedoria.

Quero os fétidos lixões recobertos de flores coloridas e que das favelas surja grande e forte potencial humano que venha espalhar seu perfume em nossas escolas, faculdades, empresas e em toda a sociedade, hoje tão carente de valores reais.

Sonhos

Procuro sonhadores, sim sonhadores.

Procuro sonhadores, acordados, que sentem a vida pulsar no dia-a-dia, pessoas com a mente povoada de projetos, metas, idéias, que buscam e lutam por algo.

É destes sonhadores que o mundo está carente. Os sonhos nos inspiram a criar, nos animam a superar, nos encorajam na caminhada. São projetos de vida que se alimentados nos ajudam na superação das dificuldades e na realização pessoal.

São bússolas do coração, janelas da mente e nos põem em agradável sintonia com a vida.

Os sonhos são como o vento: você os sente, mas não sabe de onde vieram e para onde vão.

São como flores que nascem nos terrenos da inteligência e crescem nos vales secretos da mente humana.

Eles trazem saúde para as emoções, renovam nossas forças, oxigenam a inteligência, produzem prazer, ajudam-nos a rir de nós mesmos e a dar sentido a vida.

Não há idade para sonhar: os jovens precisam de muitos sonhos para alimentar projetos que os levarão a muitas realizações. Os idosos precisam sonhar para nunca aposentar a mente e transformar a terceira idade na fase mais rica, calma e produtiva da existência, com direito ao usufruto da sabedoria acumulada ao longo dos anos.

“Sonho em ver os adolescentes olhando para a vida sem medo do amanhã”, diz um grande escritor.

Precisamos sonhar grande, porque se nossos sonhos forem pequenos, o alcance de nossa visão será limitado, nossas metas e nossas capacidades serão diminuídas e grandes risco de o sonho se desfazer.

“Os sonhos precisam de persistência e coragem para serem realizados. Muitos enterram seus sonhos nos escombros de seus problemas” - Freud.

Sem sonhos, as pedras do caminho se tornam montanhas, os pequenos problemas criam dimensões intransponíveis; as perdas, insuportáveis e as decepções, golpes fatais.

A vida sem sonhos é como um rio sem nascente, uma manhã sem orvalho, uma flor sem perfume.

Sem sonhos, a coragem se dissipa, o sorriso vira disfarce e a emoção envelhece.

Sonhe com as estrelas para poder pisar na lua; com a lua para poder pisar nas montanhas; sonhe com as montanhas para pisar sem medo nos vales de suas perdas e frustrações.

Abra a Porta

“A magia não é olhar a vida pelo olho mágico. A magia é poder abrir a porta” - Nilza Menezes.

Olhar a vida de porta aberta. Encará-la de frente.

Sábria esta afirmação. Característica dos fortes, dos corajosos, dos que enfrentam a vida sem temores e seguem o caminho sem procurar visão. Otimistas, ou melhor, realistas.

Não lastimam a acidez do limão, mas fazem dele saborosa limonada.

Passava sempre frente a uma casa onde o muro estava pichado com uma frase que me chamava a atenção: ”Não suba para ser vista mas para ver melhor” Ver do alto, torna o campo mais claro, amplo e colorido.

Instrução, formação fator psicológico, emocional, fazem com que haja pessoas que em tudo só vejam o lado positivo das coisas. Vencem as dificuldades com muita facilidade. A fração negativa da vida é muito diminuta e o cinza de seu colorido leva tons azulados.

É agradável a convivência com pessoas portadoras deste atributo.

São alegres, seus momentos de felicidade de que é feita vida são freqüentes e duradouros.

Há pessoas que olham a vida através das ripas defeituosas das venezianas da casa.

Dispensa comentários a visão distorcida das pessoas, das coisas, dos acontecimentos observados por uma estreita fresta.

Seria medo, desconfiança ou que outro tipo de problema?

Espiar a vida é fugir de si, do que a vida tem de bom a nos oferecer, é fechar os olhos e só olhar pata si, para seu mundo escuro e sombrio.

Meu Nome É...

- Hey...hey...psiu..meninha!?
- Como te chamas?
- Meu nome é...
- Ah...já sei.Os outros te chamam assim.
- Entendo...
- Quantos aninhos tens?
- Tenho...
- Sei, sei. És muito linda, viçosa, tímida. Teus rosto é encantador, tua pele aveludada, teus olhinhos, duas estrelinhas.
- Quem é você?
- Ah, queres saber quem sou? Nunca me vistes?
- Não.
- Dize-me linda criança, onde moras? Quem são teus pais?
- Moro...
- É! Gostas de morar aqui? Aqui tudo é grande, espaçoso. Quantas árvores, grama, animais...
- Eu...
- Sei, sei. Queres dizer-me que aqui o ar é puro, a brisa suave, muitos passarinhos voam e cantam o dia inteiro.
- Queres dizer-me também que ao redor desta casa grande tem muitas flores e que as abelhas vem sugar-lhe néctar.
- Sim tudo isto e...
- Menininha, estou gostando de ti. Pareces ser bem esperta e inteligente.
- Mas, dize-me: tens irmãos?
- Dois mais...
- Certo, certo. São vários. Legal.

- Brincas com eles?
- Um pouco, mas...
- Ah! Sei. Precisam trabalhar e ajudar os pais nos afazeres.
- Que fazem vocês?
- Vamos no mato...
- Oh! Lembrei de Joãozinho e Mariazinha. Vão no mato buscar lenha, catar ovos nos ninhos, comer frutinhas silvestres, brincar um pouquinho dependurados nos cipós que caem dos galhos...
- Como sabe...
- Ias perguntar como sei disto? É que a vida de toda criança que nasce e vive no interior se assemelha, minha querida.
- Dize-me, quem são teus pais?
- Papai...
- Sei, sei. Ele trabalha na lavoura, lavra, roça, planta, limpa, cuida da criação.
- E a mamãe? Ela só cuida da casa?
- A mamãe?...
- Mesmo? Além de fazer todo o serviço da casa como cozinhar, cuidar das crianças, costurar, remendar, lavar, ordenhar as vacas, vai na roça ajudar o papai?
- Mamãe é uma...
- Sei, sei. Ias me dizer que mamãe é uma heroína.
- Tu vais à escola?
- Eu?
- Sei. Você é muito novinha e precisa cuidar dos irmãozinhos menores porque os mais velhos vão ao colégio.
- Você tem vontade de ir á escola?
- Não vejo...
- Sei, não vês a hora de ir ao colégio mas vais á catequese, com teus poucos anos, só seis, sabes todo catecismo de cor. Brava!
- Já falei bastante contigo, pequena linda criança, sê sempre obediente a teus pais e cresce bem saudável... Aproveita tua infância

porque o mundo dos adultos não é lá muito bom, não. As pessoas grandes tem inveja, são injustas, não são sinceras. Sabe, querida, gostei de ti.

- Mas a senhora não me deixou falar. As pessoas grandes falam sozinhas!

- Verdade pequena. As pessoas grandes falam quase sozinhas porque acham que sabem tudo ou quase tudo.

- Dize-me, você assiste os desenhos animados da TV?

- Não sei...

- Pobrezinha, não sabes o que é TV?

- Por certo brincas com as bonecas? Quantas tens?

- Bonecas?

- Nunca ganhaste uma boneca? Com que brincas?

- Fazemos...

- Fazem bonecas de pano e mamãe borda o rostinho? Que legal...

- Mas, senhora. Não quer saber meu nome?

- Fala depressa então porque o tempo voa, não sabes, menina?

- O tempo voa? Aqui só os passarinhos voam, senhora... E o meu nome..., é “Saudades”...

Caminho

Nos sulcos das minhas mãos, ela leu o meu destino e eu sonhei.

E persegui meus sonhos, busquei, lutei, tropecei nas pedras do caminho, feri os pés nos espinhos, provei o amargor das derrotas e colhi louros de vitória.

Prosegui meu caminho, fascinada pela grandeza dos oceanos, pela força dos elementos da natureza, pelo brilho do luar, pelas miríades das estrelas que povoam o universo infinito, pelas maravilhas da inteligência humana, deslumbrada ante a beleza de um por de sol.

As incontáveis cores das matas, a perfeição e perfume das flores, o canto do sabiá, a abelha que suga o néctar, a gota de orvalho que torna a rosa ainda mais bela.

Enternecida pelo sorriso da criança, o olhar triste do mendigo, a decrepitude do ancião.

Assim é o meu eu, tão forte e tão fraco ao mesmo tempo, complexo e difícil de definir, que tem rompantes de alegria e que desce aos porões da insatisfação.

Sou eu este ser desconhecido, que incessantemente busca crescer, realizar, alcançar, que sonha e crê e espera...

A cigana tomou minhas mãos e leu o meu destino, ou seja, tomou um livro, olhou-o e leu o título.

Que sabe ela do conteúdo, da essência deste livro?

Que sabe ela que olhou apenas para minhas mãos, da grandeza de meus sentimentos, das muitas qualidades que trago em meu íntimo?

Meu destino sou eu quem traço, assim como meu caminho sou eu quem percorro, guiada por mãos bondosas, sábias Daquele que me quer feliz...

Nossas Avós Faziam

Não tive a felicidade de conviver com minhas avós.

Amava ir nas casas vizinhas à nossa onde houvessem avós. As do meu tempo eram de uma severidade austera no vestir e no portar-se.

Usavam saias escuras e franzidas que quase tocavam o chão, avental também longo e escuro, blusa de mangas longas e o sagrado lenço na cabeça.

Os cabelos eram longos, elas os enrolavam e com ele formavam um coque por traz da cabeça.

A própria figura da avó assim trajada inspirava respeito, ou melhor, medo. A mim, causou-me esta impressão.

Elas não tinham liberdade e eram como que escravas do marido. Isto pelo menos, nas famílias de origem italiana.

As mãos, benditas mãos, estas eram hábeis e ágeis.

Elas faziam tudo: lavavam, cozinhavam, teciam, bordavam.

Ao chegar em sua casa, pisava-se um rude tapete tricotado ou crochettato com tiras de meias velhas de *astrakan*, nas cores preto ou bege.

Lindos eram os tapetes e colchas feitos com mil retalhos todos do mesmo tamanho e que a avó desculpava-se dizendo que quis aproveitar os tecidinhos.

Elas não sabiam que esta maravilhosa técnica de trabalho se chama *Patchwork*, do inglês: trabalho em retalhos.

Conheci avós, exímias bordadeiras do ponto cruz e usavam para isso as bolsas de estopas. Criavam os próprios desenhos que achávamos lindos.

Tenho viva lembrança de panos colocados nas paredes com bordados de flores, aves, vasos e frases como: seja bem vindo, Deus abençoe este lar.

Uma das especialidades de nossas avós eram as franjas amarradas. Elas também não sabiam que esta linda arte hoje chama-se *Macramê*.

Outra maravilha de nossas avós eram os acolchoados de lã de ovelha.

Na nossa casa papai fazia a tosquia. A lã era lavada e colocada nas cercas de arame onde a chuva, o sereno e o sol deixavam-na branquinha. Após a janta abria-se a lã.

Lembro que mamãe chamava uma velhinha que morava perto de nossa casa para fazer os acolchoados. Como eram quentes e gostosos.

Tão quentes quanto as lembranças que aquecem meu coração e tão gostosos quanto as lembranças que hoje me acariciam...

Avós

Pela lógica, devia ter tido quatro: dois avós maternos e dois avós paternos.

Os maternos não conheci. A avó materna faleceu ao dar a luz o décimo filho o qual foi junto dela à sepultura. Ficaram, além do esposo, nove filhos dispersos quais pintinhos a quem retiraram a galinha mãe.

Minha mãe, com poucos anos, conta que ao entardecer aquelas pobres crianças iam a porta, chamavam pela mãe que não vinha e choravam muito. Não muito tempo após, o pai desposou a irmã da falecida esposa, a qual, além de tia foi boa mãe para aqueles nove órfãos.

Passados poucos anos e com mais três filhos da nova união, falece o pai. As crianças já agora mais crescidas, sofreram muito sob a tutela do irmão mais velho que lhes foi muito rígido e exigente.

Dos avós paternos, cheguei a conhecer o avô Sílvio. A avó também faleceu ao dar a luz o décimo segundo filho, o qual levou consigo. Pelas fotos, devia ter sido uma pessoa de fino trato, prendada e mãe dedicada, o que se denotou nas filhas quando crescidas.

O vô Sílvio ficou por algum tempo com seus onze filhos, alguns já moços, mas todos solteiros, quando, em segundas núpcias, uniu-se a uma viúva que também tinha onze filhos.

Desta convivência com mais onze quase irmãos, meu pai e tios guardaram lembranças agradáveis.

Meu avô e sua nova consorte foram morar sós, aliás, não tão sós, porque o vô Sílvio levou consigo o velho pai, meu bisavô, do qual guardo algumas recordações.

Muito velhinho, aquebrado, apoiado em sua bengala, ia todas as tardes até um “boteco” jogar cartas com amigos. Alguns dos bisnetos deviam acompanhá-lo até o local.

Vovô Sílvio, atraía o respeito e a obediência dos filhos, por sua austeridade. Bastava um olhar para ser entendido. Era de poucas palavras.

Gostava muito de cuidar das parreiras, mas seu passatempo preferido era a música. Era músico, compositor e regente da banda Santa Cecília de Marau, que ainda existe e na qual participaram também dois tios, um hoje falecido e outro, membro atuante embora já com seus quase 90 anos.

Talvez pela forma rígida como fora criado, o vô Silvio não dava muita atenção aos netos. Nós tínhamos medo dele, não nos aproximávamos a não ser quando solicitados a prestar-lhe algum serviço.

Era do Vêneto, Itália, tendo vindo para cá ainda criança. Viveu entre os seus por cerca de 80 anos.

Passou longos anos enfermo. Era diabético, época em que a doença era pouco conhecida.

Sua lembrança vive até hoje...

Sombra

O sol se esconde por trás de uma nuvem que projeta sua sombra sobre a terra.

Benfazeja sombra para o viandante cansado, o operário suado, o idoso que conversa no banco da praça, o casal de enamorados, as crianças que brincam na calçada...

Quando da estação fria do ano, a sombra não é tão desejada. Procura-se o sol que aquece e alegra.

Por vezes faz-se sombra no interior da pessoa.

A luz da alegria dá lugar às sombras da tristeza, do desânimo, da falta de vontade...

E a escuridão que se faz no espírito é cruel.

Tem-se a impressão de que tudo conspira contra nós, de que somos um barquinho sem leme à mercê do mar revolto da vida.

Bendito sol, bendita sombra, cada qual em seu tempo e em seu lugar.

Vento

Vento, tua força passou sobre a cidade. Não poupaste a fragilidade das casas, dos telhados e das janelas. Não pediste licença e entraste como um ladrão que chega para o assalto.

Tua velocidade derrubou árvores que caíram indefesas como um pássaro nas mãos de caçador.

Teu ímpeto derrubou muros mal protegidos que não agüentaram teu impulso repentino.

Furioso, derrubaste diques e a água invadiu as casas deixando milhares de desabrigados.

Vento, volta, vem de novo com tua força invisível e destruidora, não para derrubar casas e muros, mas para penetrar nos corações das pessoas e varrer delas a malícia, os sentimentos poluídos, derrubar os preconceitos, os muros que dividem as pessoas e as classes. Vem derrubar a presunção e o orgulho que constroem as barreiras sociais, vem decompor as palavras que destroem e ferem as pessoas.

Vem vento, para abrir os corações fechados pelo egoísmo e amor próprio, vem despoluir os sentimentos e os pensamentos, para que os homens sejam mais justos e íntegros, para que, de consciência limpa, não mais se cometam as falcatruas e injustiças sociais que mancham e enfeiam a imagem de um país privilegiado qual o nosso.

Primavera~ Estação da Vida

“Depois do inverno, morte figurada, a primavera, uma assunção de flores.

A vida renascida e celebrada.

Num festival de pétalas e cores”. – Miguel Torga

Sou amante apaixonada da natureza. Tudo nela me cativa. No entanto, jamais houvera pensado no milagre que se esconde sob o solo que pisamos. Se nos fosse dado ver, que profusão de vida há ali. Primeiramente a composição do solo com todos os elementos necessários ao desenvolvimento da vida.

Depois, incontáveis sementinhas, raízes, mudas de vegetais que o frio do inverno parece ter tirado a vida.

Não, estão ali encobertas, sugando da terra o alimento necessário para, assim que a terra receber o calor do sol após o frio do inverno, explodir em vida, brotação, cores e flores.

E o interessante é que cada sementinha encerra em seu minúsculo casulo, uma espécie de vegetal, ainda com a capacidade de variar na cor. Acho isto maravilhoso.

Por que, citando apenas as roseiras, aparentemente todas iguais, se cobrem de rosas de infinitas cores, formatos, tamanhos e perfume? Donde tantos segredos? Donde imensurável beleza? Por que, sendo tão bela, se cobre de espinhos? Certamente não são espadas a desafiar inimigos, mas apenas proteção para a beleza.

Todo vegetal, da minúscula florzinha que se esconde em meio à relva até os maiores exemplares na natureza, todos tem seus encantos, sem pensar nos que produzem frutos de todos os tipos, tamanhos e gostos.

Ainda há quem duvide da existência de um criador, Pai extremo que tudo provê.

Se a natureza, vestido de perfeição, foi feita com tanto carinho pelo Criador, quanto mais amor colocou na criação do homem para povoar a natureza?

A primavera é a estação da vida, vida que brota em profusão na natureza, em nossa mente, em nosso coração.

Em todas as idades de nossa vida há uma primavera, em todas as idades a vida se apresenta sob um estágio diferente, como as flores em terra fértil. Tudo depende da semente que semearmos, do cultivo que lhe dermos.

A terra da vida deve estar coberta pelo verde da esperança e da beleza de cada estágio.

“Quero ter o direito de viver a beleza da minha idade”. – Vera Holtz

Os Tons da Vida

Afastei a cortina, abri a janela e respirei fundo o ar puro da manhã.

Acordei ao novo dia. Usei o verde em seus infinitos tons: verde claro, verde folha, verde musgo, verde limão, verde garrafa, verde oliva, verde virgo, verde nero, verde montanha, verde mar, verde gato, verde paris e muito, muitos outros tons de verde.

À medida que o sol ia jogando seus filões dourados sobre as plantas, novos matizes de verde surgiam. O verde ouro reluzia nas gostas de orvalho à semelhança das pérolas sobre as folhas e sobre a grama molhada. Provavelmente a cor preferida do Criador é o verde.

Uma explosão de vida tomou conta das árvores que pareciam ter sucumbido ao frio do inverno, cobrindo-as de milhões de brotos que se convertiam em viçosas folhas.

As espécies frutíferas vestiram-se das mais exuberantes, delicadas e perfumadas cores e como Criador pensou com amor nas suas criaturas, fez nascer as flores cuja beleza, se olhada com sentimentos, é simplesmente divina.

Se ao acordar nesta manhã, usei o verde da esperança foi porque acordei em sintonia com o bem que nos cerca e que muitas vezes, um véu se põe entre nós e a natureza, deixando-nos perceber somente nuvens cinzentas e vultos disformes ao nosso redor.

A esta explosão de vida que nos toca no íntimo e se reflete através de nossos sentimentos e sentidos, chamamos de primavera; época de muita vitalidade, período favorável à sementeira e ao cultivo de jardins.

Até os insetos retornam ligeiros às suas atividades.

No entanto, algo me intriga em meio a esta explosão toda, característica da mais bela época do ano: vemos a brotação, a floração, a atividade dos pássaros que constroem seus ninhos, as formigas que

apressadas carregam folhas para os formigueiros, as incansáveis abelhas sugando o néctar das flores. Imagino que esta atividade toda deva produzir uma celestial melodia. Seremos insensíveis ao ponto de nada ouvir ou não é dado aos humanos ouvi-la?

Lembro aqui de um pequeno grande personagem da escritora americana Taylor Caldwell em seu livro “Os Servos de Deus”. O pequeno Stephen ficara órfão de mãe ao nascer. O pai pelo fato de ter perdido a esposa que muito amava, rejeitara o filho que foi criado por uma tia-avó nonagenária. O pequeno sentia-se culpado pela morte da mãe. Em sua solidão, buscava entrosar-se com a natureza.

Inúmeras vezes a tia o encontrava junto ao riacho de águas límpidas com o rosto colado ao solo. Ao ser indagado sobre o que estava fazendo ali, respondia que no barulho da água, no rolar dos seixos, no murmúrio do vento, no ciciar das folhas, nas vozes dos animais, era a voz de Deus que ouvia. Familiarizou-se tanto com estes quase inaudíveis sons que, após ter perdido a visão em uma guerra, passou a tocar harpa, pondo nas cordas da mesma as mais doces e encantadoras melodias.

A primavera tem forte ligação com nossa vida. Importa vivê-la em sua plenitude, independente de idade, apenas dando asas aos nossos sentimentos e emoções e fazendo da vida uma eterna primavera, não importando em qual estação do ano estejamos.

Basta a cor dar à vida!

Que Lembrança Levaria para um Lugar Deserto

Assim diz a história:

No sétimo dia Deus olhou com amor para a criação que realizara e viu que tudo estava bom. Mas pensando um pouco, voltou-se para seus anjos auxiliares e disse-lhes: dei ao homem capacidade, inteligência e raciocínio para descobrir e desenvolver tudo o que é possível descobrir para viver tranquilamente. Dei-lhe beleza física, muitos dotes, o fiz à minha imagem e semelhança. No entanto, ele não é feliz. Vou dar-lhe a felicidade também, mas não gratuitamente, é preciso que ele a encontre. Vão, disse aos anjos e escondam-na para que o homem a procure e conquiste pelo esforço próprio. Obedientes ao Criador, os anjos se reuniram para decidir onde esconder a felicidade. Após muito pensar, um deles teve uma brilhante idéia: “vamos escondê-la na montanha mais alta da terra, onde ele não consiga chegar.” Após longo silêncio, um dos espíritos celestes falou: “ele pode criar aparelhos voadores e chegar até este pico.” Decidiram então pelo oposto. Vamos colocá-la no mais fundo dos abismos, sob a água dos oceanos. Não é seguro, pois eles com sua inteligência vão descobrir um meio de alcançar os abismos e a encontrarão. Indecisos, não achavam solução para a tarefa recebida do Senhor, eis quando um humilde anjo deu sua sugestão: “e que tal escondê-la no âmago de seu coração, onde dificilmente o homem se encoraja penetrar?” Exultaram todos e concordando a colocaram no íntimo do ser humano, onde dificilmente é encontrada, pois só é procurada nas coisas externas e materiais e muito poucos tem a capacidade e coragem de penetrar em si mesmos e descobrir que a felicidade está em si e não nas coisas materiais.

Pois bem, para este lugar deserto, queria ir despida de todos os bens materiais, de todas as cargas que fomos acumulando ao longo dos anos, apenas com a felicidade que tinha no meu tempo de criança, quando era apenas inocência, despreocupação, alegria de viver, tranquilidade, paz.

Não seria necessário permanecer por muito tempo neste paraíso de solidão; apenas o suficiente para retornar àquele tempo e sentir a sensação de total liberdade e paz suficientes para amenizar o peso do fardo com que carregamos consciente ou inconscientemente.

Deus, quando teve a idéia de dar ao homem a felicidade, reservou para si uma emenda à obra, que o fez assim raciocinar: se eu lhes der toda felicidade, se tornaram iguais a mim, ou seja, deuses, razão pela qual homem algum, aqui na terra, é totalmente feliz, pois a felicidade deve ser conquistada dia após dia.

Importa Viver

Nunca havia pensado que toda flor precisa ser cortada antes de chegar ao vaso, e que isto dói...

Em geral levam-se aos vasos as flores mais lindas, as que deliciam nossos olhos.

Suponho que esta flor tenha sido tratada com esmero. Se fosse minha, teria terra boa, regaria sempre que necessário, limparia suas folhas de toda impureza, tomaria a flor em botão e a acariciaria e conversaria com ela.

Feito tudo isso, lhe cortaria a seiva? Estranha atitude. Cortar dói!

A vida é isto aí. Fomos feitos para sermos felizes. Se voltarmos nossa mente ao passado, à infância e mesmo como adultos, tivemos muitos momentos de felicidade.

Penso as vezes que viver em constante felicidade tornaria a vida monótona. é bom que ocorram os períodos negros em que o sol parece se esconder de nossa vida, que o sofrimento nos acabrunha, a dor nos deprime, os problemas nos sufocam. Ressurgimos fortalecidos, maduros, adultos, com capacidade de dissennimento e crescimento.

A dor e o sofrimento são grandes mestres.

Existem drogas rejuvenescedoras, capazes de fortificar o físico e despertar o intelecto. As pessoas, principalmente de mais idade, precisam ingerir suplementos que a estimulem, a tornem mais alegre, disposta, ativa.

As dificuldades fazem parte de nossa vida e como as alegrias não devem ser esquecidas. Foram degraus que nos ajudaram subir.

Gosto da lição aplicada à árvores que não quer produzir frutos: machucar-lhe o tronco com pedras ou paus. Parece que esta atitude a desperta para função que lhe é inerente: produzir frutos.

Somos iguais: devemos produzir frutos de vida e sabedoria. Se não nos decidirmos por nós mesmos, os tropeços, os fracassos, as quedas nos levam a atitudes produtivas.

A vida, quem a entende? É maravilhoso viver. Vivamos, pois!

Apagar as agruras da vida somente, seria humanamente impossível. Nem deveríamos querer que nos tirassem o que foi tão nosso.

Eu me considero vitoriosa, por haver conseguido superar tanta coisa ruim nos caminhos da vida e estar aqui, vitoriosa.

Minha Foto Preferida

“Nas fotos as pessoas sempre parecem felizes”. Esta afirmação tem suas razões de ser. A foto eterniza aqueles momentos. Você está vivendo um instante diferente e como sabe que ficará par a posteridade, que será vista por seus descendentes, que em alguma ocasião sairá do baú das recordações e sobre ela serão tecidos comentários, você capricha seu visual e mostra-se bem mesmo que não esteja.

Quando se olha uma foto, ela nos traz muitas lembranças, principalmente se for antiga.

A minha primeira foto foi batida quando devia ter uns cinco anos.

O retratista, como chamávamos este tipo de profissional naqueles longínquos anos, foi à nossa casa. Sentaram-me no chão junto a uma parede e puseram em meu colo minha irmãzinha Helena, de poucos meses. Fiquei sisuda para imortalizar aquele momento que de especial não tinha nada. Mas guardo hoje, na primeira página de um álbum de fotografias, aquela foto, que ao ser batida, certamente acelerou meu coração com escondidos sentimentos de felicidade.

No entanto, a foto que acho linda e que ao vê-la fico tomada de emoção, foi a da 1ª Comunhão realizada no dia 28/10/1945.

Tudo naquele dia foi marcante: o vestido branco comprido, o véu e a guirlanda bem simples que mamãe e uma tia colocaram sobre meu cabelo, o tercinho branco nas mãos, as mil recomendações da religiosa para que não nos distraíssemos, rezássemos e cantássemos forte.

Como esquecer aquele anjinho de lindas asas abertas que acompanhava cada criança até a mesa da Eucaristia? Até aí nada de fotos.

Terminada a cerimônia, todos em fila, nos dirigíamos a uma sala do colégio quase unida à Igreja e aí, para mim a mais linda imagem do Cristo em papelão, com o cálice numa mão e a hóstia na outra, nos aguardava para a sonhada foto.

Fiz minha 1ª Comunhão junto da Delma e do Laudi - o Nino -, meus irmãos queridos, mais velhos do que eu. Mamãe não queria que fizesse com eles, pois a roupa usada por minha irmã serviria no ano seguinte para mim. Como eu, no alto dos meus seis anos sabia todo o catecismo de cor, o vigário autorizou que eu fizesse nesta data.

Voltando à foto: meu irmão ajoelhou no genuflexório perto do Cristo; minha irmã e eu ficamos de pé. Um vaso com copos de leite e lírios brancos, bem localizado entre nós e a imagem, refletia a pureza e inocência daquelas crianças.

Depois desta foto, passaram-se muitos anos para que novo acontecimento fosse registrado fotograficamente.

Olhando esta foto, concluo, pois não lembro que alguém tenha me dito, que fui uma criança muito linda, saudável e feliz.

Quem é Você para Você Mesmo?

Difícil esta reposta. Jamais, em meus muitos anos já vividos, ouvi alguém dizer que se conhece a fundo.

É muito mais fácil avaliar os outros que a nós mesmos.

Somos um mistério. O corpo por si já é um fenômeno, uma obra fantástica. Se nos detivermos a pensar um pouco sobre a importância dos sentidos, ficamos abismados diante de tanta grandeza: vemos, ouvimos, falamos.

Qual a um intrincado mecanismo de uma moderna criação humana, cada peça de nosso corpo tem sua função.

No entanto, esta máquina viva e perfeita é apenas o invólucro da essência humana, ou seja, o espírito, a vida, o meu eu único e imortal, dotado de inteligência, capacidades, dons, virtudes e defeitos.

Algun ponto escondido do cérebro terá a função de estimular o desenvolvimento das qualidades do espírito que devem ser trabalhadas e estimuladas. Comparo o intelecto a uma pedra preciosa em seu estado bruto. Ela precisa ser burilada, aprimorada com muito carinho para dar-lhe o valor que é devido.

Conheço-me muito pouco.

Sou uma pedra muito pouco apurada. Quem sabe quantas qualidades ainda faltam para despertar e pôr em atividade.

Enxergamos mais facilmente os defeitos, ou seja, o joio em meio a um grande tragal, do que as boas qualidades que temos.

Dia desses, li uma mensagem que achei fantástica e tinha como título a pergunta: quanto você vale? E seguia perguntando: como é que você descreve sua vida? Quem é você para você mesmo? Como você venderia o produto você? Você é barato, tem custo acessível ou é daquelas figuras caras que não tem tempo para perder com a tristeza e o

passado? Você tem 1001 utilidades? Você vive em que século mesmo?
E o texto continuava:

“São os seus olhos que refletem o que vai na sua alma e o que vai na sua alma se reflete na vida que você leva. Seja o melhor divulgador de si mesmo, valorize-se, esteja sempre pronto para dar o seu melhor, com seu melhor sorriso, seu melhor sentimento, suas melhores intenções, sua gentileza sempre pronta para entrar em ação. Seja OMO, BRASTEMP, LUX LUXO e se for chocolate, que seja GODIVA, suíço e caro, porque gente igual a você não existe em nenhum mercado e tem que valer sempre mais. Valorize-se, não importa o que você faz, mas como você faz; isso sim, faz toda a diferença.”

Faço minha a afirmação de Oscar Wilde: “Sou a única pessoa no mundo que eu realmente queria conhecer bem”.

Se cruzasse comigo em alguma rua ou esquina, assim despreocupada, distraída, despercebida dos que vão e vem, teria a imensa satisfação de parar e me apresentar a mim mesma! Teria o prazer de me reconhecer, pois aprendi a enxergar o valor que possuo, a pessoa que sou (me tornei...), minhas qualidades e virtudes e sei que faço sim, toda a diferença!.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

como professora; o que bem fez por mais de 30 anos de sua vida, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (não deixando de exercê-la até hoje com seu dom inato, nas diversas atividades que sempre desempenha na comunidade e no convívio familiar).

Em Santa Catarina, conheceu Antônio, com quem se casou e ao lado de quem construiu quase 30 anos de história. Teve duas filhas, Kelly Regina e Katianne - suas *fãs incondicionais*. Após a partida de seu companheiro, em junho de 2000 e de um curto período de introspecção, voltou a dedicar-se ao que sempre lhe trouxe felicidade e realização: o estudo, a busca por conhecimento, a leitura e a escrita. Passou a freqüentar a Oficina Literária do CREATI, e ali, partilhando emoções, já escreveu textos para jornais locais, para a obra “*Retalhos de Vida – Vol. 2*”, apresentando alguns destes textos em Saraus Literários na cidade de Passo Fundo.

Da compilação de seus escritos surge hoje, seu “*baú de emoções*”, obra que busca encantar o leitor para que, junto da autora, vivencie as emoções de uma vida.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



263548

786563

9